

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO
COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**COMUNICAÇÃO E VOLUNTARIADO EDUCATIVO:
A CONSTRUÇÃO RELACIONAL DA CIDADANIA, DA
SOLIDARIEDADE E DO CAPITAL SOCIAL ENTRE JOVENS**

ELAINE LAVEZZO

Plataforma Lattes: 5976660193250850

SÃO PAULO

2010

ELAINE LAVEZZO

**COMUNICAÇÃO E VOLUNTARIADO EDUCATIVO:
A CONSTRUÇÃO RELACIONAL DA CIDADANIA, DA
SOLIDARIEDADE E DO CAPITAL SOCIAL ENTRE JOVENS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero, na Linha de Pesquisa Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado, como exigência parcial para Obtenção do título de Mestre, sob orientação da Profa. Dra. Heloiza Matos.

SÃO PAULO

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

L399c

Lavezzo, Elaine

Comunicação e voluntariado educativo: a construção relacional da cidadania, da solidariedade e do capital social entre os jovens. / Elaine Lavezzo. – 2010.

131 f.; 30 cm

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero, na linha de pesquisa Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado, São Paulo, 2010.

Bibliografia: f. 84

1. Voluntariado educativo 2. Cidadania 3. Solidariedade 4. Capital social 5. Juventude I. Título

CDD 371.1022

ELAINE LAVEZZO

“Comunicação e voluntariado educativo: a construção relacional da cidadania, da solidariedade e do capital social entre jovens”

Data da defesa: 14/04/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Mauren Leni Roque
Universidade de São Paulo

Prof^a. Dra. Ângela Marques
Faculdade Cásper Líbero

Prof^a. Dra. Heloiza Matos
Orientadora

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua,
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo,
como quem ama ou sorri,
No jeito mais natural,
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção,
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

Carlos Drummond de Andrade

Dissertação amiga

Eu preparo uma dissertação
Em que meus educandos se reconheçam.
Qualquer um dos educandos se reconheça
E que fale com múltiplas vozes.

Caminho por uma rua
Que conduz à cidadania.
Se alguns não veem, eu vejo.
E saúdo novos amigos.

Eu compartilho este texto
com quem ama e sorri.
Do jeito mais informal,
Com carinho é que se educa

Minha vida, nossas vidas,
formam um só diamante.
Conheci novas ideias
E aprendi com ações belas.

Eu preparo uma dissertação,
Que possa encantar os jovens
E enternecer, as lideranças.

Dedicatória

**Às minha filhas-mestras Nina e Luiza,
e a todos os educandos,
com carinho.**

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por possibilitar que um dos momentos mais difíceis da minha vida, se transformasse no de maior aprendizagem.

Agradeço à minha família (Nina, Luiza e Tom), por me apoiarem em um dos momentos mais difíceis da minha vida e me ensinarem muito sobre o amor incondicional.

Aos alunos de todos os tempos, pelo aprendizado de cada dia.

À Ana Luiza Guimarães, aos amigos e familiares, pela força e compreensão.

À Escola Internacional de Alphaville, pela liberdade de poder criar e educar com ternura.

À eterna dama da tecnologia social brasileira, Dra. Ruth Cardoso com admiração e respeito.

À minha orientadora, Prof^ª. Dra. Heloiza Matos, pela sabedoria de confiar-apoiando.

Ao Prof. Dr. Renato Seixas e à Prof^ª. Dra. Ângela Marques, pela sensibilidade acadêmica e sábias contribuições no direcionamento desta pesquisa.

Aos mestres Dimas Künsh e Sergio Amadeu da Silveira, por aulas e leituras preciosas.

Por fim, à Nalva, que nos encanta com seu sorriso, no abre-alas das burocracias acadêmicas.

RESUMO

O trabalho se pretende uma análise de como o voluntariado educativo, ao acionar relações comunicativas entre jovens, pode promover a cidadania, a solidariedade, o respeito às diferenças e a aquisição de capital social em atividades socioeducativas. Utilizando como metodologia a pesquisa-ação, esta investigação é um estudo de caso do projeto de comunicação social Janelas para o Futuro, que integra jovens de diferentes realidades socioeconômicas, na região metropolitana de São Paulo.

Palavras-chave: voluntariado educativo – cidadania – solidariedade - capital social – juventude

ABSTRACT

This research is about how the service learning, while creating communicative relations among young people, can promote the citizenship, solidarity, respect of social differences and the acquisition of social capital in educational activities. Using the methodology of participatory research, this investigation studies the project of service learning called Windows for the Future, which integrates young people from different socioeconomic realities, in the metropolitan area of São Paulo.

Key words: service learning – citizenship – solidarity - social capital - youth

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O VOLUNTARIADO EDUCATIVO E A CIDADANIA ATIVA.....	19
1.1 Pacato cidadão	20
1.2 Educar para a cidadania.....	24
1.3 Comunicação: ponte entre a cidadania e o afeto	26
1.4 Os caminhos e a história da educação brasileira	29
1.5 O difícil acesso à educação básica.....	30
2. VOLUNTARIADO EDUCATIVO: O JOVEM EM AÇÃO	33
2.1 Doar é preciso.....	35
2.2 Muito além da sala de aula: o voluntariado como prática educativa.....	37
2.3 Voluntariado educativo como tecnologia social e ferramenta pedagógica	39
2.4 A escola, o jovem e a comunidade	40
2.5 Juventude e trabalho	43
2.6 A população jovem brasileira sem acesso	47
3. A PESQUISA-AÇÃO NO PROJETO DE VOLUNTARIADO EDUCATIVO... ..	50
3.1 O histórico da pesquisa ação	51
3.2 O projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’	53
3.3 As etapas de desenvolvimento da pesquisa	56
3.4 A pesquisa entra em ação com os educandos	58
3.5 As entrevistas com os voluntariados	61
3.6 Recortes dos depoimentos integrantes da pesquisa-ação	65
4. ALIANÇA CIDADANIA, SOLIDARIEDADE E CAPITAL SOCIAL	68
4.1 Conversação cívica: o diálogo que dá acesso a lajes e condomínios	71
4.2 A comunicação entre voluntariado educativo e capital social.....	74
4.3 Os vínculos entre comunicação e capital social	78
4.4 Voluntariado educativo e o capital social.....	80
5. CONCLUSÃO.....	83
Referência Bibliográfica.....	84
Anexo I	89
Anexo II.....	97
Anexo III	116
Anexo IV	119
Anexo V.....	125

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa abraça a transdisciplinaridade¹ e o binômio comunicação / educação para comprovar a hipótese de que o voluntariado educativo, ao acionar relações comunicativas entre jovens, pode promover a cidadania, a solidariedade, o respeito às diferenças e a aquisição de capital social em projetos socioeducativos.

O problema aqui apresentado é como as relações comunicativas se manifestam no voluntariado educativo, tendo como variáveis o capital social e a formação da cidadania. Utilizando como metodologia a pesquisa-ação, a investigação realizou uma análise de material empírico a partir do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, que promove a integração entre jovens de diferentes realidades socioeconômicas, na Grande São Paulo.

Pretendeu-se observar neste trabalho qual a relação dialética que se estabelece quando jovens de diferentes condições socioeconômicas se encontram; quais são os conflitos que se manifestam; quais são os mecanismos comunicativos acionados para dialogar “assumindo o ponto de vista do outro”; e como os educandos dialogam para além das suas diferenças.

Para medir essas tensões e conflitos, a pesquisa-ação procurou dar voz aos jovens de diferentes realidades socioeconômicas do projeto ‘Janelas para o Futuro’, como forma de penetrar nas entrelinhas do voluntariado educativo. Trata-se de um estudo de caso que trabalhou indutivamente com os fragmentos, para então construir generalizações razoáveis e devidamente contextualizadas.

Ao se propor uma reflexão dialética, buscou-se ouvir e narrar algumas experiências tecidas no projeto, além de desconstruir estereótipos e preconceitos. As narrativas também se fazem ressoar por meio de músicas e hipertextos, dialogando com o tão variado repertório de linguagens expressivas da juventude contemporânea.

¹A transdisciplinaridade é uma abordagem científica que visa a unidade do conhecimento. Desta forma, procura articular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade.

O espaço desse encontro entre jovens da periferia e dos condomínios é o projeto ‘Janelas para o Futuro’ que acontece semanalmente na Escola Internacional de Alphaville, localizada no município de Barueri, na região metropolitana de São Paulo. Mas a comunicação que aproxima esses mundos vai muito além dos muros da escola. Ela congrega o ambiente físico das aulas com as salas de bate-papo do ciberespaço, onde as relações comunicacionais se reencontram e os vínculos de identidade se fortalecem.

No projeto de voluntariado educativo realizado nesta instituição privada de educação bilíngue fica evidenciado o contraste cultural entre o “eles” e o “nós”. Esse abismo socioeconômico induz a questionamentos relacionados às barreiras inerentes a esses encontros, nos quais desigualdade se faz presente, e que dinâmicas comunicativas são utilizadas para amainar tais constrangimentos.

Nesse processo conflituoso a cidadania é fruto de uma conquista, que demanda dos atores sociais, muito respeito, reciprocidade, autoconfiança e autonomia. Ela deriva das relações entre os sujeitos e depende da forma como esses diferentes indivíduos dialogam e negociam seus entendimentos de mundo. No caso deste trabalho, a cidadania está ligada às capacidades expressivas, comunicativas e críticas que os jovens desenvolvem a cada encontro.

Segundo a autora Heloiza Matos (2009), a comunicação cotidiana pode promover a aproximação entre cidadãos, “além de criar oportunidades de troca de experiências, de construção de confiança mútua, de descoberta recíproca de pontos em comum ou de discordâncias.”

A meu ver, o termo “cívico” se relaciona com as condições fundamentais necessárias às interações comunicativas que têm por objetivo a compreensão coletiva de uma questão ou um problema de interesse geral, sendo baseadas nas trocas de pontos de vista e na tentativa coletiva de estabelecer um diálogo sustentado pela cooperação e pelo questionamento mútuo. Assim, estou de acordo com Rojas (2000), que também prefere utilizar o termo “conversação cívica” para caracterizar a comunicação interpessoal cotidiana voltada para o alcance do entendimento. (MATOS, 2009: 86)

A proposta de realizar uma conversação cívica com os integrantes do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ aconteceu com o intuito de investigar o circuito dinâmico da comunicação estabelecida entre os jovens; como eles formulam, expressam e defendem opiniões; como eles fortalecem valores como solidariedade, cidadania e confiança; como constroem e avaliam identidades pessoais e de grupo.

O sociólogo francês Edgar Morin é um dos autores que inspiram este trabalho, que acolhe referenciais teóricos com múltiplas vertentes. Entende-se que o voluntariado educativo não pode ser analisado apenas do ponto de vista da educação, da sociologia ou da comunicação. O voluntariado educativo necessita de uma visão multidisciplinar em concordância com os novos paradigmas de investigação acadêmica.

Conceitos como ternura, solidariedade e afeto têm relevância neste cenário, pois estão ligados à formação de vínculos entre atores sociais que não se limitam à racionalidade e à estratégia. A interação é central no processo comunicativo, bem como o entendimento. Colocar-se no lugar do outro envolve emoção, solidariedade, empatia. Seria preciso ajudar as mentes adolescentes a se movimentar na noosfera (mundo vivo, virtual e imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, ideias, mitos que gozam de relativa autonomia e, ao mesmo tempo, são dependentes das nossas mentes e de nossa cultura) e ajudá-las a instaurar o convívio com suas idéias. (MORIN, 2008:54)

Esta pesquisa exploratória trabalhou com fontes primárias e secundárias, no período entre março de 2009 e fevereiro de 2010. A perspectiva filosófica proposta nesta análise do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ são os processos dialéticos que contrapõem o idealismo e o materialismo. O recorte geográfico abrange a região oeste da Grande São Paulo, onde os condomínios de alto padrão dos bairros de Alphaville e Tamboré têm como vizinhos as lajes que caracterizam as áreas periféricas dos municípios de Carapicuíba, Santana de Parnaíba e Barueri.

Neste trabalho, o primeiro capítulo é dedicado à discussão sobre o tema da cidadania e, para isso, recorreu-se tanto a fontes teóricas, como às vozes dos jovens que participaram da pesquisa. A questão avança em direção à importância de se educar para cidadania, ou como diz o sociólogo Edgar Morin, o “ensino sobre a condição humana, ou seja, aprender a se tornar cidadão.” É o capítulo em que o binômio educação e cidadania florescem.

No segundo capítulo, o tema da cidadania ativa é retomado já sob o formato do voluntariado educativo, considerado uma tecnologia social por promover a educação participativa, com o envolvimento de toda a comunidade por meio de um projeto devidamente estruturado pela escola. O capítulo também se detém a uma abordagem pertinente ao universo da juventude brasileira, destacando temas como a educação e empregabilidade do jovem brasileiro.

O terceiro capítulo foca a opção metodológica escolhida para o estudo exploratório do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ e apresenta as três etapas de coleta de material empírico para a análise de dados: os relatórios com indicadores socioeconômicos aplicados junto aos educandos; as entrevistas feitas com os voluntários do projeto e a conversação cívica realizada com jovens de diferentes realidades socioeconômicas.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa-ação, com o objetivo de se obter um melhor entendimento sobre a construção da cidadania e solidariedade entre os integrantes do voluntariado educativo – e, principalmente, com a participação da coordenadora do projeto (e autora deste trabalho) e com os jovens integrantes do ‘Janelas para o Futuro’. No lugar de lentes do distanciamento científico, optou-se por olhares – e vozes – de aproximação, plausíveis na adoção desta escolha metodológica.

A pesquisa-ação é uma opção metodológica que possibilita à comunidade envolvida a participação na análise de sua própria realidade, com o intuito de promover uma transformação social em benefício dos participantes. Trata-se de uma metodologia científica orientada para a ação, que tem sido muito utilizada na área educacional.

No caso desta pesquisa-ação, o conhecimento gerado a partir da interlocução entre pesquisadores e atores da situação observada, será cultivado enquanto terreno fértil para a sementeira de inovações no projeto nos próximos anos.

O quarto capítulo procura demonstrar como o projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, ao acionar relações comunicativas, contribui para o fortalecimento de vínculos de solidariedade e confiança entre os jovens de diferentes realidades socioeconômicas, resultando em uma próspera fonte de capital social para os atores envolvidos no trabalho.

Os anexos apresentam informações complementares que nutrem com dados empíricos a argumentação. Cada anexo tem sua própria autonomia e atende a questões específicas relacionadas à pesquisa-ação.

O anexo I contém a transcrição integral da conversação cívica realizada com jovens de diferentes realidades socioeconômicas, no dia 11 de fevereiro de 2010, na Escola Internacional de Alphaville.

No anexo II, encontram-se as entrevistas com 9 voluntários do projeto ‘Janelas para o Futuro’, realizadas na primeira quinzena de dezembro de 2009. O anexo inclui depoimentos de ex-voluntários do ‘Janelas para o Futuro’, com o intuito de complementar as informações sobre o projeto pesquisado.

O anexo III apresenta uma monografia sobre o ‘Janelas para o Futuro’, escrita pela estudante Mariana Piesco, que atuou como voluntária no projeto de 2007 a 2009.

No anexo IV é possível encontrar o formulário de inscrição do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ na edição de 2009 do Selo Escola Solidária, ano em que o projeto obteve sua certificação de qualidade atestada pelo Instituto Faça Parte, pelo Ministério da Educação e pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

Por fim, o anexo V destaca a versão dos educandos sobre o projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ por meio de relatórios com indicadores socioeconômicos, fornecidos pelo Fundo Social de Solidariedade de Barueri. O anexo V também inclui algumas imagens de integrantes e de atividades do projeto.

É com rigor emotivo que se principia esta argumentação dissertativa sobre a importância de educarmos para a cidadania, respeitando a diversidade nossa de cada dia. Antes de avançarmos no detalhamento da pesquisa focada no voluntariado educativo, cabe contextualizar o recorte temporal que acabou conduzindo ao afastamento da sociedade, em todo mundo, de condutas mais solidárias.

O senhor Tempo (zeitgeist) referendado neste estudo foi iluminado pelas radiações das bombas de Hiroshima e Nagasaki, estruturado a partir das ambiguidades da Guerra Fria e semeado nos escombros do Muro de Berlim, cuja queda ocorreu há duas décadas, em novembro de 1989, acompanhada da conseqüente dissolução da

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Na sequência desta trajetória da história contemporânea, diluiu-se a imagem de um mundo dividido por duas superpotências (URSS X USA). Muito além desta versão geopolítica, encontra-se a análise apresentada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade líquida*:

A sociedade que entra no século XXI não é menos ‘moderna’ que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável, insaciável sede de destruição criativa. (BAUMAN, 2004: 36)

Após ter seus artigos e livros proibidos pela censura da Cortina de Ferro, Bauman emigrou da Polônia para o Ocidente, reconstruindo sua vida no Canadá, Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha. Atualmente ele é professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. Numa análise retrospectiva, o autor informa que o tipo de modernidade que era o alvo da teoria crítica clássica é muito diferente do que se enquadra nas gerações de hoje. “Ela parece ‘pesada’ (contra a ‘leve’ modernidade contemporânea); melhor ainda, ‘sólida’ (e não ‘fluida’, ‘líquida’ ou ‘liquefeita’); condensada (contra difusa ou ‘capilar’); e, finalmente, ‘sistêmica’ (por oposição a ‘em forma de rede’).” (BAUMAN, 2004: 33)

Já o sociólogo francês Edgar Morin diz que na segunda metade do século XX, depois da Segunda Guerra Mundial surge uma consciência de “comunidade de destino”. Em seu livro *A cabeça bem-feita*, ele propõe a idéia de se reformar o pensamento para se reformar o ensino, e de se reformar o ensino para reformar o pensamento. Pensamento este, que transcende um conhecimento fragmentado e se direciona para o ensino sobre a condição humana, ou seja, aprender a se tornar cidadão.

Fruto das reflexões do pós-guerra e dos caminhos que orientem as gerações do século XXI, o Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência² foi esboçado por um grupo de laureados do prêmio Nobel da Paz. Milhões de pessoas em todo o mundo assinaram esse manifesto e se comprometeram a cumprir seis pontos: respeitar a

² No Brasil, o Comitê Paulista da Década de Paz e Não Violência é presidido pela jornalista Lia Diskin, sócio-fundadora da Associação Palas Athena.

vida; rejeitar a violência; ser generoso; ouvir para compreender; preservar o planeta e redescobrir a solidariedade.

Assim, na contramão de uma modernidade na qual a vida consumista favorece a leveza, a velocidade, a conquista e a sensação de nunca se estar satisfeito, florescem pelo mundo ações e projetos alicerçados nos princípios da Cultura de Paz e Não-Violência, promovendo a solidariedade e o respeito à diversidade cultural. Coincidentemente, dois autores destacados neste estudo são referências nas mobilizações em prol de uma Cultura de Paz e Não-Violência. São eles, o intelectual francês Edgar Morin, e o psiquiatra e filósofo Luis Carlos Restrepo - que, no momento, trabalha no Alto Comissariado para a Paz do governo da Colômbia.

O sociólogo Zygmunt Bauman contabiliza a solidariedade humana como a “primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor”. Bauman traduz essa disposição e responsabilidade de doar-se ao outro como amor, que é a vontade de cuidar e de preservar o objeto cuidado. “Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama”. Segundo Bauman, amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, assumir responsabilidade – “é a auto-sobrevivência através da alteridade”. (BAUMAN, 2004).

Restrepo assinala que a crise ecológica que enfrentamos no momento marca o esgotamento dos modelos de guerra. Ele propõe um convite à “sensibilização da ciência” que ele chama de ecoternura, ou seja, um conhecimento que prioriza o contexto que nos rodeia, para que possamos romper com o autocentrismo da ação humana. Ele acredita que a redefinição ecológica da cultura deve passar pela “recuperação da sensibilidade”, que engloba desde o apuro do olfato para detectar a poluição do ar, até o exercício pleno da compaixão, que dignifica nossa dimensão ética.

Morin diz que somos verdadeiramente cidadãos quando nos sentimos solidários e responsáveis, e acredita que esse “sentimento matripatriótico” de pertencimento deveria ser “cultivado de modo concêntrico sobre o país, o continente, o planeta.” (MORIN, 2008: 74)

É possível conjugar as influências da Sociedade da Conhecimento em que a modernidade líquida molda o *homo consumens*, com um novo direcionamento que oriente a construção de uma nova consciência planetária, com direito a muita ternura,

vínculos de afetividade (amor, amizade, respeito) e comprometimento com a preservação da vida na Terra. Graças às inovações do mundo virtual, tornou-se cada vez mais acessível aos cidadãos do mundo real a possibilidade de doar dinheiro, habilidades e tempo em prol de causas humanitárias bem diversificadas.

*A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver)
e ensinar como se tornar cidadão.*

Edgar Morin

CAPÍTULO 1

O VOLUNTARIADO EDUCATIVO E A CIDADANIA ATIVA

No palco da cidadania acontece o encontro entre os atores sociais e o voluntariado educativo - uma tecnologia social que aciona as engrenagens da solidariedade e do capital social na Sociedade do Conhecimento.

Érico Miotto: - *Cidadania são os direitos e deveres das pessoas na sociedade.*

Thomaz Arruda: - *É, começou na Grécia clássica.*

Nathália Rabello: - *Mas para Aristóteles os trabalhadores braçais não eram considerados cidadãos. Nem as mulheres e os estrangeiros tinham direitos.*

Lucas Feliciano: - *Cidadania é o conjunto de regras que rege uma cidade. Teoricamente, hoje todos têm direitos.*

Mateus Bentivegna: - *A Constituição diz isso, mas a realidade não é bem assim...*

Mariana Russo: - *As condições financeiras regem o poder e os direitos, o que, teoricamente, não deveria acontecer.*

Lucas Feliciano: - *E isso gera uma discriminação da própria sociedade.*

As falas que abrem este capítulo foram extraídas de uma conversa cívica³ entre jovens do ensino médio, que aconteceu no dia 11 de fevereiro numa aula de atualidades da Escola Internacional de Alphaville. Alguns dos estudantes que participaram da referida aula são integrantes do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, realizado semanalmente na escola. A conversa cívica envolvendo esses jovens foi a última etapa desta pesquisa-ação - que será mais detalhada no capítulo 3 - e principia a argumentação deste trabalho sobre como o voluntariado educativo, ao acionar as relações comunicacionais entre jovens, promove a construção da cidadania, da solidariedade, do capital social e o respeito à diversidade cultural.

1.1 Pacato Cidadão

Pacato cidadão
 Ô pacato da civilização
 Pacato cidadão
 Ô pacato da civilização

Embora a atuação do cidadão seja questionada sonoramente na música “Pacato Cidadão”⁴ da banda mineira *Skank*, a sua trajetória histórica tem início nos séculos V e IV a.C., na Grécia clássica, como bem lembrou o aluno Thomaz Arruda, de 16 anos, morador de um condomínio em Alphaville, no município de Santana de Parnaíba. Desde a Antiguidade, a cidadania é o princípio da legitimidade política, balizando os

³ A transcrição integral da conversa encontra-se no anexo I. O termo “conversa cívica” caracteriza a comunicação interpessoal cotidiana voltada para o entendimento. (MATOS, 2009: 86)

⁴ A letra da música “Pacato Cidadão” é de autoria de Samuel Rosa e Chico Amaral.

direitos e deveres dos cidadãos da *polis*⁵, como disse o estudante Lucas Feliciano, de 17 anos, morador da periferia do município de Barueri, na Grande São Paulo.

Aristóteles definiu o cidadão (GOHN, 2005) como “aquele que tinha o direito (e conseqüentemente o dever) de contribuir para a formação do governo, participando ativamente das assembléias onde se tomavam as decisões que envolviam as coletividades e exercendo os cargos que executavam essas decisões”. No entanto, como enfatizou a aluna Natália Rabello, 16 anos, moradora da periferia de Barueri, Aristóteles não considerava as mulheres, os estrangeiros e nem os trabalhadores braçais como portadores dos direitos, pois não existia universalidade na cidadania grega.

Na fase do Iluminismo emergiram duas outras concepções de cidadania ao redor de um outro conceito: o de sociedade civil. A primeira concepção, liberal, situou a cidadania em termos da sociedade de mercado e os direitos de posse, propriedade e contratos. A segunda associou-a à democracia moderna e ao pensamento republicano, enfatizando a cidadania em termos de direitos cívicos e políticos. T. Hobbes, J. Locke, A. Smith pertencem a este período. (GOHN, 2005: 20)

Os direitos civis nasceram com o liberalismo, quando a cidadania se tornou uma questão social (GOHN). No século XX, surgiram teorias específicas sobre a cidadania e Marshall⁶ estabeleceu uma tipologia de direitos civis, políticos e sociais, que deveriam ser assegurados por um Estado de Bem-Estar Social.

Nos dias de hoje, pode-se definir cidadania como a atividade/ atuação do indivíduo/ ator que defende interesses particulares e é capaz de encontrar soluções materiais (ou “concretas”) para problemas imediatos, mantendo-se fiel às normas estabelecidas e distante de ideologias e comportamentos que possam implicar ruptura e/ou transgressão. (GOHN, 2005: 87)

Cidadania é um conceito histórico, que permite definições que se ajustam aos contextos de tempo e espaço. É muito diferente ser cidadão na Suécia ou no Brasil. Essa diferença também se faz perceptível se pensarmos no cidadão que vive no sertão nordestino e naquele que mora nas regiões metropolitanas do país.

⁵ Pólis. Sinônimo de cidade, graças ao modelo das antigas cidades gregas até o período arcaico.

⁶ Segundo Marshall, cidadania é composta pelos direitos civis e políticos e dos direitos sociais.

A Constituição Federação de 1988 reconhece o direito de todos à educação e o dever do Estado e da família nesse assunto. Mas, aqui vale resgatar o comentário do aluno Mateus Bentivegna, 16 anos, morador do bairro do Tamboré, em Santana de Parnaíba: “a Constituição diz isso, mas a realidade não é bem assim...”

Na sociedade brasileira, maculada pela desigualdade social e pela má distribuição da renda, há os que são mais cidadãos, e os que exercitam menos sua cidadania. “As condições financeiras regem o poder e os direitos, o que, teoricamente, não deveria acontecer”, enfatiza a estudante Mariana Russo, 16 anos, moradora do bairro de Alphaville, em Barueri.

A cidadania, definida pelos princípios da democracia, incentiva a formação de atores sociais⁷ participativos e de movimentos sociais, que se ajustam aos contextos de tempo e espaço. A educação é um dos palcos onde os atores sociais protagonizam as lutas por uma sociedade mais justa e igualitária.

Nos anos 1990, um estudo da UNESCO chegou a idealizar um conceito coletivo sobre como seria o cidadão do século XXI. O “sonhado” cidadão da civilização contemporânea deveria ser capaz de trabalhar de modo cooperativo; pensar criticamente de modo sistemático; resolver conflitos de modo não violento; ser sensível em relação aos direitos humanos; compreender e apreciar as diferenças culturais.

Coube às Nações Unidas incentivar seus países membros a esculpir os Davids⁸ da Era do Conhecimento, ou seja, preparar os “belos” cidadãos do mundo global. Jacques Delors foi autor e organizador do relatório para a Unesco a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado: Educação, um Tesouro a descobrir (1996), em que se exploram os quatro pilares da educação⁹: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

⁷ Alain Touraine afirma que são necessários três ingredientes para produzir um ator social: objetivos pessoais, capacidade de comunicar-se e consciência de cidadania (TOURAINÉ, 1998, p. 5).

⁸ David é a escultura feita por Michelangelo, considerada uma obra-prima.

⁹Os quatro pilares da educação são a base do Relatório de Delors.

No Relatório Delors¹⁰ foram reafirmados o princípio da igualdade de oportunidades em educação e o direito de todos à escola. O documento registra que a educação é o caminho para o desenvolvimento diante da “era do conhecimento”.

No Brasil, as reformas inspiradas por Delors foram consolidadas pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹¹ e pela implementação de vários decretos do Poder Executivo. A Lei de Diretrizes e Bases, que data do ano de 1996, aproxima a escola das práticas sociais. A proposta educacional que se pretenda democrática deve preparar o estudante para a vida, para o exercício da solidariedade, para a construção da paz e para o respeito à diversidade - cultural, étnica, social.

Cabe observar que, nos anos 90 e 2000, a apologia à educação como fator de desenvolvimento reaparece com características distintas daquelas que marcaram o movimento da Escola Nova ou a teoria da modernização. Uma dessas características diz respeito ao papel do Estado: responsável pelas políticas públicas no passado, nos anos 90 o Estado, sob a hegemonia neoliberal, diminuiu suas atribuições e abriu espaço à atuação dos setores privados lucrativo e não lucrativo. Dessa forma, além da ampliação da rede particular tradicional e da abertura de um vantajoso mercado, ocorreu a expansão das atividades do chamado terceiro setor na área de educação. Numa palavra, a atual valorização da educação não implica a valorização da escola, tampouco da escola pública. (SOUZA, 2008: 54-55)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)¹² orientam que, em uma sociedade democrática, a escola deve se comprometer com a formação de alunos capazes de intervir na realidade para transformá-la. A implementação dos PCNs possibilitou que, a partir dos anos 1990, a educação brasileira incorporasse ao ambiente escolar os projetos de voluntariado educativo.

Ao adotar iniciativas cotidianas de solidariedade, respeito ao próximo e cooperação, o voluntariado educativo está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, na medida em que promove a compreensão da cidadania como participação social, além do exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais.

¹⁰ Os quatro pilares da Educação são conceitos de fundamento da educação baseado no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors.

¹¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) lei número 9.394, promulgada em 1996.

¹² Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal, para orientar a educação no Brasil e separá-la em disciplinas.

O voluntariado educativo possibilita que alunos, professores, funcionários, pais e demais agentes se envolvam com a escola, vivenciando valores tais como solidariedade, comprometimento, respeito às diferenças, por meio da atuação em projetos e ações articuladas com o currículo escolar; dá novos significados aos conteúdos curriculares e potencializa a formação de cidadãos envolvidos com a solução de problemas de suas realidades, sejam eles sociais, educacionais, de saúde, ambientais, entre outros.

1.2 Educar para a cidadania

A humanidade tem passado por profundas transformações nas últimas décadas. A transição da Economia Industrial para a Economia do Conhecimento trouxe mudanças significativas não apenas no modo de produção de bens, mas também nas relações sociais e educacionais.

O homem contemporâneo se comunica por meio de redes informacionais e tenta equilibrar sua vida cotidiana entre dois mundos, o virtual e o real, que muitas vezes se confundem na relação tempo/ espaço. Por meio de seu caleidoscópio virtual, o navegador dos novos tempos avista uma terra que ainda produz desigualdade social e desequilíbrio ambiental em abundância.

Na Idade Moderna, propriedade e mercado eram sinônimos, uma vez que a economia capitalista é focada na idéia de bens materiais nos mercados. Atualmente, vivemos um período em que coexistem diversos modos de produção. O capitalismo moderno, centrado na valorização de grandes massas de capital fixo material, e o capitalismo pós-moderno, que valoriza um capital dito imaterial, qualificado também de “capital humano”, “capital do conhecimento” ou “capital inteligência”.

A ciência desde sempre esteve intimamente ligada ao capital. Ela preparou o caminho para ele, ao isolar o mundo sensível e conceber a realidade com um sistema de relações obediente à lógica pura do cálculo, e codificado em termos matemáticos.

Por isso, sociólogo francês Edgar Morin reflete sobre a verdadeira essência da compreensão humana. “Explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o

ser subjetivo.” Em *A cabeça bem-feita*, Morin aponta a inadequação dos saberes separados, compartimentados por disciplinas como um ponto a ser resolvido na sociedade contemporânea.

De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário. Ao mesmo tempo, o retalhamento das disciplinas torna impossível apreender ‘o que é tecido junto’, isto é, o complexo, segundo o sentido original do termo. (MORIN, 2008: 14)

Como consequência desse enfraquecimento de uma percepção global, temos o enfraquecimento do senso de responsabilidade e de solidariedade, pois a tendência é cada um ser responsável apenas por sua tarefa específica. Para o cientista Edgar Morin, a solidariedade é um dos grandes desafios cívicos da sociedade midiática. O outro grande desafio a ser enfrentado é a dificuldade da compreensão humana que, segundo o autor, exigiria uma pedagogia conjunta agrupando profissionais de diversas áreas (filósofos, psicólogos, artistas), que seria conjugada a uma iniciação à lucidez.

Em seu livro *A cabeça bem-feita*, ele propõe a idéia de se reformar o pensamento para se reformar o ensino e de se reformar o ensino para reformar o pensamento. Pensamento este, que transcende um conhecimento fragmentado e se direciona para o ensino sobre a condição humana, ou seja, aprender a se tornar cidadão.

Morin diz que o ensino tradicional é moldado pela noção de programa quando, na atualidade, precisamos de estratégias para que as novas gerações se tornem mais comprometidas com valores como solidariedade e cidadania, além de serem preparadas para conviver com a incerteza e com a esperança.

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. (MORIN, 2008: 65)

Tendo como meta o desenvolvimento humano, as tecnologias sociais podem contribuir para o exercício da cidadania e da solidariedade nas escolas. Embora o conceito de tecnologia social esteja em construção, é possível perceber que se trata de uma tecnologia simples, barata, integrada, fácil de ser reproduzida e continuada. As tecnologias sociais não exigem muito investimento financeiro e possibilitam novas aplicações de acordo com a realidade social.

Desde 1996, a aproximação entre a educação e a comunidade encontra respaldo legal por meio da lei número 9.394 da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que promove o trabalho voluntário nas escolas brasileiras. Além de contribuir para o processo de ensino e de aprendizagem, o voluntariado educativo proporciona um sentimento de realização pessoal e de responsabilidade social para quem o exerce. O voluntariado educativo promove a participação social e a aprendizagem de valores como a cidadania, solidariedade, justiça social e respeito às diferenças.

1.3 Comunicação: ponte entre a cidadania e o afeto

Segundo a autora Heloiza Matos, diversos estudos destacam a importância das interações comunicativas cotidianas no desenvolvimento de capacidades e habilidades relacionadas com a participação política e com a construção da cidadania. “Nesses estudos privilegia-se um entendimento da conversação como uma das muitas formas de interação que compõem nossas trocas comunicativas cotidianas”. (MATOS, 2009: 71)

A especificidade da conversação estaria, assim, na pretensa capacidade que ela possui de abrir caminho para a emergência de opiniões conflitantes (anteriormente latentes) e na capacidade dos interlocutores para partir de temas fluidos e dispersos e avançar rumo a um diálogo mais focado em assuntos ou problemas de interesse coletivo, voltando suas interações para o entendimento. (MATOS, 2009: 71)

A comunicação é o alimento das interações humanas. É a ponte entre a cidadania, a solidariedade e o afeto. Enquanto tecnologia social que contribui para a formação de um cidadão mais solidário e participativo, o voluntariado educativo se nutre de comunicação, exercita a cidadania, além de compartilhar vínculos de solidariedade e afeto.

Na obra *A educação na cidade*, o célebre educador brasileiro Paulo Freire idealiza a escola pública como um “espaço de criatividade”, no qual se pratique a pedagogia da pergunta, de forma democrática; onde se ensine e se aprenda com seriedade, desde que seriedade não seja sinônimo de sisudez. “Uma escola em que, ao ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo.” (FREIRE, 1995: 24)

Já o pesquisador colombiano Luis Carlos Restrepo, autor da obra *O direito à ternura*, aponta a relevância da afetividade e da mediação perceptual para a formação dos indivíduos.

O interdito que separa a inteligência da afetividade parece ter sua origem em que, frente a uma percepção mediada pelo tato, gosto ou olfato, o Ocidente preferiu o conhecimento dos exteroceptores ou receptores à distância, como são a vista e o ouvido. Nossa cultura é uma cultura audiovisual. (RESTREPO, 1998: 32).

Restrepo nos lembra que a referência a uma experiência sensorial mediada pelo olfato ou pelo tato era muito freqüente em todos os povos da Antigüidade e que, ainda hoje, dizemos que uma pessoa “tem faro”, quando ela se mostra capaz de reconhecer situações interpessoais que não podem ser captadas por um exercício intelectual tradicional. Ele diz que a escola é a autêntica herdeira da tradição audiovisual: “funciona de tal maneira que a criança, para assistir à aula, bastar-lhe-ia um par de olhos, seus ouvidos e suas mãos, excluindo para sua comodidade os outros sentidos e o resto do corpo” (RESTREPO, 1998: 32).

O autor destaca que, na escola tradicional, a aula é planejada como uma comunicação audiovisual que serve de suporte ao exercício da leitura e escrita, sendo o olfato considerado um sentido de menor valor. O tato, “o mais humano dos sentidos”, também não tem lugar garantido nos esquemas pedagógicos.

Por trás da imposição epistemológica da cultura que silencia o tátil em benefício do visual, esconde-se a tensão por gerar um sujeito capaz de mover-se no território genérico da abstração, tal como convém à racionalidade ocidental da fábrica, do exército e da política. (RESTREPO, 1998: 35).

Segundo o médico com especialização em psiquiatria, Luis Carlos Restrepo, o que caracteriza nossa cognição é o componente afetivo presente em todas as manifestações da convivência interpessoal. O que nos diferencia da inteligência artificial é a capacidade de nos emocionarmos, de reconstruirmos o mundo e o conhecimento a partir dos vínculos afetivos que orientam nossa história pessoal.

Em *O direito à ternura*, o autor colombiano diz que na América coexistem duas culturas diferentes. A cultura ocidental, que considera o afeto como algo secundário, e as culturas tradicionais indígenas, que acreditam que tudo está relacionado com as interações humanas, inclusive as doenças. Por isso, Restrepo diagnostica que nós padecemos de um “analfabetismo afetivo” que dificulta a compreensão das raízes do nosso sofrimento.

É no plano do sensível que residem nossas mais radicais diferenças. É na maneira de perceber os aromas, as carícias ou o tato, em nossos ascos e alergias, nos pequenos prazeres e nas exaltações emocionais que fica mais claramente marcada nossa irreduzível singularidade. Pensar de acordo com uma lógica do sensível, aberta à captação de diferenças, é prestar atenção a esses vaivens afetivos que dão conta de nossos toques e nossos encontros. Não obstante, é lamentável que este caminho continue vedado ao homem contemporâneo, que padece a esse respeito de uma espécie de analfabetismo emocional. (RESTREPO, 1998: 45)

Uma vez diagnosticada a provável doença, o psiquiatra colombiano receita a afetividade como possível cura para muitas dores da Sociedade do Conhecimento.

O cérebro necessita do abraço para seu desenvolvimento e as mais importantes estruturas cognitivas dependem deste alimento afetivo para alcançar um adequado nível de competência. Se o cérebro é o órgão social por excelência, é preciso reconhecer que os sentidos se constroem a partir da vivência cultural, em permanente interação com o ambiente e a linguagem. (RESTREPO, 1998: 49)

É vital que, na sociedade contemporânea, a cidadania se fortaleça enquanto prática nas interações humanas, educacionais e comunicacionais. Na Era do Conhecimento é importante que se resgatem valores que não têm preço, como a solidariedade, a confiança, a ternura, a compaixão e o respeito às diferenças.

1.4 Os caminhos e a história da educação brasileira

Para uma melhor compreensão sobre a contribuição do voluntariado educativo para a formação de um cidadão mais solidário e participativo, é importante que se faça uma breve digressão sobre a educação brasileira nas últimas décadas para entender como e por que ela abriu suas portas – e janelas! – para ações socioeducativas junto às comunidades do entorno.

A história da educação, em especial da educação pública, é relativamente recente no Brasil. Durante séculos a humanidade conviveu com a idéia de que a educação era um privilégio de poucos.

Só no século XIX foi consolidada a idéia da Educação Pública, a partir da sua concepção e implantação na Europa. Os princípios que norteavam o conceito de Educação Pública era aqueles do acesso universal e da formação do cidadão. Uma educação concentrada nos aspectos humanísticos da formação do cidadão. Já no final do século, despontou a idéia da educação como preparação para o trabalho, tanto no nível superior, como também no da educação técnica de nível intermediário.

Há muito, a sociedade discute a diferença entre escola formadora e informadora, e escola indutora, que desenvolve a capacidade de aprender. Do ponto de vista da relação entre educação e sociedade, a educação humanística é a formadora do cidadão, e a educação técnica, a que prepara para o mercado de trabalho.

Segundo o economista Paulo Renato Souza¹³, ex-ministro da Educação no Governo Fernando Henrique Cardoso, ainda nos anos 1960, a situação da educação brasileira mostrava que apenas 60% das crianças de 7 a 14 anos estavam na escola, sendo que o Brasil apresentava uma taxa de 40% de analfabetos, apesar da luta em defesa da escola pública, que teve início nos anos 1930 com o *Manifesto dos pioneiros da educação*¹⁴.

O “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” foi um documento escrito por 26 educadores em 1932, com o título “A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo”. O grupo defendia ideais como a educação enquanto função essencialmente

¹³ Paulo Renato foi ministro da Educação de 1995 a 2002.

¹⁴ O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi um documento escrito em 1932 por um grupo de educadores que lutava contra o empirismo e por novos ideais de educação.

pública; a escola sendo única e comum, sem privilégios econômicos de uma minoria; todos os professores empregados terem formação universitária; e o ensino ser laico, gratuito e obrigatório. O manifesto ainda propunha servir os interesses dos indivíduos, e não das classes, tornando a escola um meio social.

Até os anos 60, a escola pública era destinada à elite, tratava-se de uma escola para poucos, que deixava 40% das crianças excluídas. Em 1962, entra em vigência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e, até meados dos anos 1970, o país vive um período de intensas e profundas reformas da educação nacional. A pressão social por melhores condições de acesso a uma educação básica de qualidade levou à reforma de 1971 que substituiu a escola primária tradicional, de quatro séries, pela escola fundamental de oito séries, obrigatória e gratuita. No livro *Um modelo para a educação no século XXI*, o ex-ministro da Educação Paulo Renato Souza ressalta que história educacional brasileira na segunda metade do século XX, deve ser observada à luz da relação entre educação e desenvolvimento.

Do ponto de vista histórico, há exemplos citados com frequência que ilustram a alta sinergia positiva entre educação básica e desenvolvimento, e outras situações onde isso não é tão evidente. Na Europa e no Japão, a educação é citada sempre como um dos fatores que permitiu a recuperação a partir de uma situação de grande destruição com, é óbvio, muitos investimentos realizados, muita ajuda externa, mas que não teriam tido o impacto positivo que tiveram não fora pela existência de uma população altamente educada e capaz de transformar aquela ajuda em progresso, em desenvolvimento para os seus países. (VELLOSO, 1999: 23)

1.5 O difícil acesso à educação básica

Um dos desafios mais relevantes da educação brasileira na Sociedade do Conhecimento é alcançar a plena escolarização dos brasileiros. É preciso garantir, principalmente, que toda a população jovem conclua o ensino médio.

Apesar dos avanços na última década, quase dois terços dos jovens de 18 a 24 anos no país começam a trabalhar sem ter concluído o ensino médio. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em outubro de 2009, o percentual de brasileiros nessa faixa que havia, pelo

menos, concluído o nível médio foi de 37% em 2008. Porém, esta taxa indica uma melhoria se comparada com o ano de 1998, quando apenas 18% dos jovens brasileiros concluíram o ensino médio.

Apesar da melhoria, o Brasil ainda está distante do padrão de países desenvolvidos como a Irlanda, que há vinte anos tomou a decisão de universalizar o ensino médio. Para o economista Fernando Veloso, do Ibmec/ RJ, a meta de ter 100% dos jovens com ensino médio completo só será atingida em 30 anos, se o país seguir esse seu ritmo atual.

Veloso afirma que o Brasil poderia ter objetivos mais realistas, inspirados em países de perfil parecido, como no caso chileno, onde, segundo a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), 64% da população de 25 a 34 anos têm nível médio completo.

Para Célio Cunha, consultor da UNESCO no Brasil, os dados do IBGE ressaltam a urgência de ampliar até o ensino médio a obrigatoriedade da frequência à escola. Hoje, a Constituição determina que a matrícula é obrigatória apenas no ensino fundamental.

Os dados da pesquisa também revelaram que, do total de jovens de 10 a 24 anos, 5% (800 mil) não realizam nenhuma atividade e 17% (2,7 milhões) apenas cuidam de afazeres domésticos – sendo que as mulheres gastam mais do que o dobro do tempo com serviços domésticos que os homens.

O estudo do IBGE mostrou ainda que, até 2008, 44,7% das crianças e jovens de até 17 anos viviam em situação de pobreza, com rendimento domiciliar per capita correspondente a menos de meio salário mínimo. Desse total, 18,5% estavam em situação de extrema pobreza, caracterizada por renda per capita inferior a um quarto do salário mínimo.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou um programa de incentivo a mudanças no ensino médio elaborado pelo Ministério da Educação. A pasta abandona a intenção de acabar com a divisão entre disciplinas, mas estimula escolas a “flexibilizar” seus currículos. O programa também apresentou a proposta de ampliação da carga horária de 2.400 horas nos três anos para 3.000.

Na situação dramática em que a educação se encontra, a formação dos professores e a valorização de sua carreira podem ser estratégias determinantes para o melhor funcionamento das práticas em sala de aula.

Um estudo comparativo realizado em 2007 e 2008 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre as condições de trabalho de professores de 5ª a 8ª séries de 23 países, mostrou que os professores brasileiros são os que mais desperdiçam com outras atividades o tempo que deveria ser dedicado ao ensino. No período em que deveriam estar dando aula, eles cumprem tarefas administrativas (como lista de chamada e reuniões) ou tentam manter a disciplina em sala de aula. Esse problema se agrava ainda mais se considerarmos que os professores brasileiros dão aulas para turmas com número de alunos (32) acima da média (24).

A pesquisa da OCDE divulgada no primeiro semestre de 2009 aponta que o Brasil fica acima da média em questões como o absentéismo de docentes, atrasos e falta de formação pedagógica adequada. Também foram listados problemas relacionados a alunos, como vandalismo, agressões ou trapaças no momento da prova.

A indisciplina e o desinteresse são os retratos que melhor expressam instituições de ensino médio, em especial as públicas. Por outro lado, é o reflexo dos problemas que se acumulam por toda a vida escolar brasileira, desde a pré-escola.

O ensino deve favorecer a arte de agir.

Edgar Morin

CAPÍTULO 2

VOLUNTARIADO EDUCATIVO: O JOVEM EM AÇÃO

Este capítulo apresenta questões de relevância para a população jovem, como a questão da empregabilidade e da cidadania. E mostra como, na Era do Conhecimento, o voluntariado educativo é cada vez mais cultivado por semear valores que não têm preço: como a solidariedade, a confiança e o respeito às diferenças.

Isabella Oliveira: - *A desigualdade na sociedade gera insatisfação, especialmente entre os jovens, e pode agravar outros problemas.*

Érico Miotto: - *Na aula de geografia aprendemos que o Brasil é o 12º colocado no Gini, o órgão que mede a distribuição de renda. Isso gera muita desigualdade socioeconômica.*

Mateus Bentivegna: - *A desigualdade afeta principalmente os menos favorecidos.*

Lucas Feliciano: - *Apenas 30% dos brasileiros têm curso superior. A maioria dos jovens nem concluiu o ensino médio, o que é um sério problema para a sociedade.*

Érico Miotto: - *É, os jovens que não possuem a formação esperada são os mais prejudicados.*

Caio Meneghetti: - *É preciso mais investimento na educação e a sensibilização das pessoas.*

Érico Miotto: - *Precisa ter luta da sociedade civil, exercício da cidadania ativa. Os jovens de baixa renda precisam insistir em seus direitos, tentar conquistar o que eles merecem...*

Isabella Oliveira: - *A auto-estima na juventude é um fator importante, que se não for bem estruturado, pode afetar o desempenho dos jovens.*

Caio Meneghetti: - *É, mas a solução para isso não depende só do governo. Envolve a conscientização das pessoas, responsabilidade e boa vontade, inclusive dos jovens.*

No palco das desigualdades socioeconômicas, vários atores sociais* entram em cena para propor ao público um enredo mais justo e feliz para as histórias cotidianas. Nesse versátil elenco que encena sonhos e tragédias, o voluntário tem papel garantido. *Voluntariu* em latim significa “aquele que tem vontade própria”. Endossando as palavras dos estudantes Caio Meneghetti e Érico Miotto, moradores de condomínios em Alphaville e Aldeia da Serra, é preciso “vontade” (do latim *voluntas*) para o exercício da cidadania ativa e para lutar por uma vida com mais qualidade para todos.

Segundo uma tradução contemporânea das Nações Unidas, voluntário “é o jovem ou adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social.”

Já um estudo da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança¹⁵, definiu o voluntário como ator social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade, de uma causa ou às suas próprias motivações pessoais.

(*) Os atores sociais que participam da conversação cívica são devidamente apresentados no capítulo 3, que se dedica à metodologia desta pesquisa-ação. No anexo I pode ser encontrada a transcrição integral da conversação cívica.

¹⁵ Fundação Abrinq: criada em 1990, para mobilizar e informar a sociedade sobre os direitos da infância e da adolescência.

2.1 Doar é preciso

Na Sociedade do Conhecimento, a doação tornou-se uma prática cotidiana e, a dádiva, um bem ainda mais precioso. A dádiva tem memória, história e está relacionada ao vínculo afetivo entre as pessoas. Ela se contrapõe aos valores do mercado, que só estabelecem vínculos entre as coisas e, do passado, só conserva do preço. O valor de troca, como é o da dádiva, se opõe ao valor contábil.

Na obra *O espírito da dádiva*, o autor Alain Caille apresenta algumas formas de manifestação da dádiva, como a hospitalidade, que é “receber” alguém, dar-lhe algo. O ato de confiar simboliza “oferecer” a nossa confiança a alguém.

Ao expressar o valor de vínculo, a dádiva serve para nos provar que não somos objetos. Não se pode deixar de levar em conta a generosidade, quando se fala em dádiva, sistema onde se retribui da mesma forma ou mais do que no sistema mercantil. (CAILLE, 1977:77)

Ainda que o conceito de dádiva esteja mais associado a valores que não têm preço - como generosidade, solidariedade, gentileza, compaixão -, quando se fala em doação a relação imediata é com valores materiais, como dinheiro. No entanto, uma forma valiosíssima de se “doar”, é praticar a doação de tempo e de habilidades. Individualmente, cada pessoa tem consciência do que sabe fazer e que pode ser útil à coletividade. Ao transferir o conhecimento ou a capacidade de exercer uma determinada habilidade, o cidadão compartilha com o outro o poder da cidadania.

Nos dias de hoje, a ideia amplamente disseminada de que cada indivíduo deve realizar atividades em benefício de si e dos outros – e, tornar-se, portanto, um ator social – é a essência da noção atual de voluntariado, referido também como “ações voltadas para a comunidade”, “intervenção social”, “trabalhos sociais”, “ações comunitárias” e sempre identificado com participação social e prática de cidadania. (Souza, 2008: 96)

O marco do voluntariado no país foi 2001, quando a ONU – Organização das Nações Unidas destacou o Brasil dentre os 123 países participantes do Ano Internacional do Voluntariado. A partir de então, voluntariado tornou-se sinônimo de cidadania ativa e de inclusão, devidamente integrados na expressão “fazer parte”.

O novo sentido social não é mais o da caridade, privada ou estatal, nem o bem-estar decorrente dos direitos sociais, mas uma solidariedade baseada no direito e no dever de integração mediante a atividade individual. O Estado provedor dá lugar a uma imensa rede de “cidadãos solidários”, que todos inclui: pobres e não-pobres, organizações do terceiro setor e empresas. Cada um deve fazer parte da “rede” de “cidadãos solidários” e, no caso da juventude, da rede de jovens protagonistas/ cidadãos/voluntários. . (SOUZA, 2008: 96)

A dinamização do voluntariado brasileiro é fruto do desenvolvimento do terceiro setor no país, que aconteceu nos anos 1990, quando diversas ONGs - Organizações Não Governamentais tiveram de se adaptar a métodos de gestão mais profissionais¹⁶. Procedente dos Estados Unidos, a expressão “terceiro setor” foi introduzida no Brasil no III Encontro Ibero-Americano do Terceiro Setor, organizado pelo GIFE - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, que aconteceu em 1996, na cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro setor foi a via de acesso encontrada pelo empresariado para legitimar sua responsabilidade social na contemporaneidade. O terceiro setor era o caminho do meio: mais ágil do que o Estado (primeiro setor) e com objetivos mais nobres do que o lucro corporativo (segundo setor).

Nos anos 1990, a articulação de parcerias entre os três setores foi propulsora de novos modelos de atuação do governo e entidades não governamentais. Neste cenário destacou-se o Conselho da Comunidade Solidária, presidido pela antropóloga e então primeira-dama Ruth Cardoso, que realizou um trabalho pioneiro no país ao promover o diálogo entre governo e sociedade civil.

Por sua inestimável contribuição com novas experiências para o desenvolvimento social do país, a Profa. Dra. Ruth Cardoso – falecida em 24/04/08 - é a grande homenageada deste trabalho. Foi graças à Capacitação Solidária, programa da Comunidade Solidária que ofereceu cursos a 130 mil jovens brasileiros, que a autora desta pesquisa teve acesso a tecnologias de gestão social e educação que promovem a inclusão social e o combate à pobreza, com foco prioritário na juventude. Com a premiação do projeto “Mídia e Cidadania” no Programa de Capacitação Solidária nos anos de 1999 e 2000, a jornalista “Lavezzo” encontrou o seu caminho como educadora,

¹⁶ Esse é o caso do Instituto Ayrton Senna (criado em 1994), Fundação Educar DPachol (1989) e da Fundação Odebrecht, que reorientou suas atividades aos adolescentes em 1988. (Souza, 2008: 64-65)

passando a atuar em projetos de comunicação social e voluntariado educativo como o *Sem Fronteiras* e ‘Janelas para o Futuro’.

2.2 Muito além da sala de aula: o voluntariado como prática educativa

No caso do Brasil, é no campo da educação, que a doação de tempo e habilidades para o trabalho voluntário tem se mostrado mais fértil, fruto da implantação do “voluntariado educativo” em solo brasileiro.

O voluntariado educativo é uma ação solidária planejada de modo integrado ao currículo escolar, que tem como objetivo a melhoria da qualidade de aprendizagem e, também, da qualidade de vida da comunidade onde a escola está inserida.

Essa abertura do ambiente escolar à participação da comunidade e ao trabalho voluntário tem respaldo legislativo, pois seus objetivos e práticas atendem aos princípios legais da educação. É o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de número 9.394, e também da Constituição Federal, em seus artigos 205 e 206, que assegura a prioridade da defesa da dignidade humana, que atingirá sua plenitude se a educação for universal e preparar o jovem para o exercício da cidadania.

Resultado do encontro entre voluntariado transformador e escola aberta, o voluntariado educativo busca promover a aprendizagem de valores como solidariedade e cidadania por meio de práticas socioeducativas vinculadas ao projeto político-pedagógico da escola. Sem desvirtuar-se de sua principal função – a de preparar o aluno para a vida e para o trabalho -, a escola abre espaços de participação efetiva da e na comunidade. Em projetos de voluntariado educativo, cada escola pode olhar ao seu redor, diagnosticar problemas, definir metas, estabelecer um plano de ação, agir e celebrar os resultados obtidos.

Podemos compreender o voluntariado educativo como uma estratégia de aula que permite integrar saberes escolares, competências e habilidades às práticas sociais. Trata-se de uma metodologia educativa que une teoria e prática; ao incentivar a participação crítica e responsável do educando.

No voluntariado educativo, as experiências socioeducativas podem integrar-se aos conteúdos curriculares para desenvolver novas aprendizagens nos jovens, uma vez que eles se tornam protagonistas da ação.

Além de dinamizar o processo de ensino e de aprendizagem, o voluntariado educativo semeia um sentimento de realização pessoal e de responsabilidade por parte de quem o cultiva. Solidariedade, cidadania e respeito às diferenças são valores essenciais para a formação pessoal e social de um cidadão inserido em uma determinada cultura e em um determinado tempo histórico. Tais valores são vivenciados na prática cotidiana do voluntário. Portanto, daí nasce à proposição de se pensar o voluntariado como uma experiência formativa.

Existem diversas práticas sociais que desenvolvem experiências de educação não-formal com jovens no Brasil. Essas práticas contribuem para a formação do educando e são realizadas em parceria com organizações educacionais, governamentais e não governamentais.

Libâneo agrupa as práticas educativas em duas grandes categorias: educação formal e a educação não-formal. Segundo o autor, o significado de formal é “tudo o que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura”. Ou seja: é aquela “estruturada, organizada, planejada intencionalmente sistemática”. A educação não-formal é constituída por “aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas”. (BAQUERO, 2006: 89)

O voluntariado educativo é considerado uma experiência formativa e comunicativa, de características próprias, com conteúdos e metodologias voltados para formação pessoal e social do jovem. Trata-se de uma proposta educativa que tem se mostrado eficaz para dar significado aos conteúdos curriculares e à vivência de valores por meio de atividades sociais planejadas, resguardando à escola a sua principal função: promover a aprendizagem, preparar o aluno para o mercado profissional e para a vida.

O voluntariado educativo propicia o exercício da convivência democrática e, se articulado à proposta pedagógica da escola, complementa o trabalho do professor em sala de aula, trazendo elementos enriquecedores para o tratamento de temas transversais e para o uso da metodologia de projetos.

A promoção da escola como centro de cidadania na comunidade traz benefícios tanto sociais como educativos. As experiências pessoais e sociais vividas na idade escolar são fundamentais para a definição de um projeto de vida, de opções políticas e ideológicas, de rumos profissionais e acadêmicos.

2.3 Voluntariado educativo como tecnologia social e ferramenta pedagógica

O conceito de tecnologia social ainda está em construção, mas algumas características já são perceptíveis: trata-se de uma tecnologia simples, barata, de fácil assimilação e reprodução. Assim como a tecnologia melhora técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos visando a produção e o mercado, a tecnologia social tem como meta o desenvolvimento humano.

As tecnologias sociais não exigem muito investimento financeiro e se ajustam às possibilidades de aplicação de acordo com a realidade local. São técnicas e procedimentos associados a formas de organização coletiva, que propiciam melhorias à qualidade de vida.

O voluntariado educativo pode ser considerado tanto uma tecnologia social, por promover a educação participativa, como uma ferramenta pedagógica, por envolver a participação de toda a comunidade por meio de um projeto estruturado pela escola.

Ao se considerar o voluntariado educativo como tecnologia social e ferramenta pedagógica, entende-se que os alunos podem aprimorar o rendimento escolar enquanto aprendem a participar socialmente. O voluntariado é agente de mudança, e funciona bem na medida em que agrega a participação dos cidadãos.

Segundo a pesquisadora brasileira Adair Aparecida Sberga¹⁷, com Mestrado em Educação pela Universidade Pontifícia de Roma, foram os sociólogos italianos G. Milanesi e G. De Nicolò, os autores da proposta de que o voluntariado realizado por jovens tivesse um caráter diferenciado e fosse nomeado “voluntariado educativo”, uma vez que é direcionado à formação do jovem voluntário.

¹⁷ A educadora Adair Aparecida Sberga autora do livro *Voluntariado Jovem*, da editora Salesiana.

Em idade escolar, os jovens precisam de motivação para aprender a se relacionar, aprender a aprender, aprender a desenvolver autonomia, autocrítica e autoconhecimento, aprender a valorizar o voluntariado como uma maneira de participar socialmente, de transformar uma realidade social com a qual ele não concorda.

Entende-se que essa experiência educativa de formação integral do educando acontece por meio de prestação de serviços à comunidade, e que essas práticas contribuem para a construção da identidade do jovem e para capacitação de seres mais solidários.

2.4 A escola, o jovem e a comunidade

O voluntariado educativo é uma ponte que tanto pode viabilizar o acesso da escola às questões pertinentes ao seu entorno, como pode facilitar a atuação dos educandos frente aos problemas da sua comunidade.

Mas aqui a importância é cruzar a ponte do pensamento para refletir sobre a ação do voluntariado educativo na comunidade. De Peruzzo a Stuart Hall¹⁸, são diversos os conceitos de comunidade que acolhem o sentimento de proteção, solidariedade, vida em comum e pertencimento.

O local, a comunidade, a família, por nos serem próximos, tendem a representar segurança e proteção em um mundo aparentemente instável, de proporções globais etc. Uma vez estruturados com base em harmonia e solidariedade, seriam espaços de abrigo e amparo em meio às turbulências da vida urbana. (PERUZZO, 2009: 140)

Segundo o espanhol Manuel Castells, o mundo globalizante em que vivemos acentua ainda mais a necessidade de se integrar organizações comunitárias, que nos transmitem a sensação de pertença (PERUZZO). Na “glocalização”¹⁹ a territorialidade pode adquirir um caráter físico ou simbólico, além de criar identidades globais e locais.

Para Ferdinand Tönnies, a forma mais elevada de comunidade seria a do pensamento. Segundo o autor, “a base da vida comunitária estaria na comunhão de pensamento e ideais” (Peruzzo, 2009: 141) e a vida urbana, na vizinhança.

¹⁸ Stuart Hall: “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”. (Peruzzo, 2009:143)

¹⁹ Glocalização é o neologismo das palavras “globalização” e “localização”. (Peruzzo, 2009:139)

Com uma proposta pedagógica que se aproxima do pensamento de que “o global e o local fazem parte de um mesmo processo social” (Peruzzo, 2009: 145), nasceu em 2002, o projeto de voluntariado educativo *Sem Fronteiras*. O projeto de comunicação social promovia encontros semanais entre jovens da comunidade Santa Terezinha de Carapicuíba e alunos da Escola Internacional de Alphaville, localizada em Barueri, na região oeste da Grande São Paulo.

Reunidos enquanto “jovens” e “vizinhos”, os integrantes do projeto *Sem Fronteiras* discutiam semanalmente sobre problemas globais, enquanto se debatiam, internamente, sobre como são transitórios os marcos geográficos e socioeconômicos. Nos encontros do projeto tornava-se evidente a 12^a posição ocupada pelo Brasil no Gini²⁰, como bem destacou na conversação cívica o estudante Érico Miotto, de 16 anos, morador de Aldeia da Serra, no município de Jandira.

No ano de 2003, os quinze jovens do *Sem Fronteiras* participaram de um debate sobre o filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles. No entanto, a reflexão do grupo acabou se direcionando para as comunidades erguidas pelos homens, como os condomínios de Alphaville e as favelas de Carapicuíba. No mesmo ano, os integrantes do *Sem Fronteiras* elaboraram o verbete “Globalização sob o olhar tupiniquim” para o Dicionário do Trabalho Vivo, sob a coordenação do Prof. Dr. Gilson Schwartz, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Em 2004, os jovens *Sem Fronteiras* produziram, conjuntamente, o programa de rádio bilíngüe “Ondas Verdes”, que abordava temas transversais da educação como pluralidade cultural, sexualidade e meio ambiente. A versão em inglês do programa de rádio “Ondas Verdes” foi apresentada no continente africano, para jovens líderes de diversos países presentes ao Encontro de Educação para Paz, sediado em Gana, em agosto do mesmo ano. A versão em português foi entregue ao Ministério da Educação de Moçambique, para que fosse utilizada em programas de prevenção à aids no país.

No entanto, após o fruto do trabalho da “comunidade *Sem Fronteiras*” ter cruzado o oceano e ser veiculado em âmbito global, essa experiência naufragou por motivos perversos em seu *locus* de origem. É que “a desigualdade afeta principalmente

20 O índice de Gini mede o grau de distribuição de renda entre os indivíduos em uma economia.

os menos favorecidos”, como observou o aluno Matheus Bentivegna, 16 anos, morador do bairro do Tamboré, no município de Santana de Parnaíba.

Uma das causas do naufrágio do *Sem Fronteiras* foi a idade dos jovens da comunidade Santa Terezinha, atendidos pela Fundação Orsa²¹ – principal parceira do projeto -, beirando os 17 anos. Essa idade representa o difícil momento de transição da adolescência para a autonomia da vida adulta, fase em que os adolescentes se despedem da tutela do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente²² e das instituições assistenciais. De acordo com o artigo 2º do ECA, “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

O “naufrágio” do *Sem Fronteiras* aconteceu em agosto de 2004, pelo fato da Fundação Orsa não manifestar a intenção de tocar adiante a parceria com a Escola Internacional de Alphaville. Porém, o *Sem Fronteiras* foi o ponto de partida para condução de um novo projeto de voluntariado educativo: o ‘Janelas para o Futuro’ – criado por e para a comunidade “juventude”.

Hall propõe pensar a partir das novas articulações entre o global e o local e não a partir do eclipse do local pelo global, o que implica o fortalecimento das identidades locais e a produção de identidades híbridas, originadas do processo de “tradução cultural”: pertence-se a mais de uma identidade, fala-se mais de uma linguagem cultural (STUART HALL in PERUZZO, 2009: 147).

Na conversação cívica, a aluna Isabella Oliveira, 16 anos, enfatiza que “a auto-estima na juventude é um fator importante, que se não for bem estruturado, pode afetar o desempenho dos jovens”. Pois foi justamente pensando em valorizar a auto-estima dos jovens que as gêmeas (Ana Carolina e Ana Paula Favano) e os gêmeos (Fernando e Guilherme Garcia) semearam o projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, na Escola Internacional de Alphaville, em outubro de 2004.

“Existe um problema capital, sempre ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e

²¹ Fundação Orsa: instituição do terceiro setor que dá assistência a crianças e adolescentes em várias partes do País.

²² A Lei 8069 de 13 de julho de 1990 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Desde sua criação, o Estatuto da Criança e do Adolescente influencia as práticas educativas dirigidas à criança e ao jovem.

fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais.”
(MORIN, 2002: 14)

A ideia inicial era fazer uma ponte entre a comunidade do entorno da Escola Internacional de Alphaville e o mundo globalizado, por meio do ensino de idiomas e da informática. Uma ponte de comunicação entre o local e o global. Uma ponte de solidariedade que aproximasse os jovens da cidadania e lhes desse auto-estima.

Mas antes de explorarmos o objeto de pesquisa, ou seja, o projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, faz-se necessário acrescentar algumas considerações sobre a juventude brasileira na Sociedade do Conhecimento.

2.5 Juventude e Trabalho

Em sua obra *A era do Acesso*, o economista norte-americano Jeremy Rifkin mostra como as batalhas ideológicas estão perdendo força na atualidade, para um novo confronto entre civilizações distintas: os que têm acesso ao ciberespaço e os que vivem desconectados dessa nova esfera pública.

A Era do Acesso está trazendo consigo um novo tipo de ser humano. Os jovens da nova geração “mutável” sentem-se muito mais à vontade em dirigir negócios e se engajar em atividade social nos mundos do comércio eletrônico e do ciberespaço, e eles se adaptam facilmente aos vários mundos simulados que compõem a economia cultural. O mundo deles é mais teatral que ideológico e mais orientado para um ethos do brincar/jogar do que um ethos do trabalho. Para eles, o acesso já é uma forma de vida, e embora a propriedade seja importante, estar conectado é ainda mais importante.
(RIFKLIN, 2001: 10)

Rifkin afirma que a passagem da geografia para o ciberespaço, produz uma consciência humana mais flexível para acompanhar as mudanças constantes que inundam a sociedade contemporânea, também chamada de “Modernidade Líquida” pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. As novas gerações que habitam esse universo de redes e de conectividade parecem ser mais favoráveis às dinâmicas colaborativas, do que à competitividade. Elas são mais preparadas para a formação de consenso e à elaboração de sistemas de cooperação. E, hoje, a juventude tem papel de destaque nas

soluções para os desafios sociais, ambientais e econômicos do Brasil e do mundo na Sociedade do Conhecimento.

Não há uma essência de condição juvenil como portadora de utopias e de projetos de transformação. O que de fato o comportamento dos jovens revela são respostas ao que acontece no contexto da sociedade. Suas histórias contêm a vivência temporal deste mesmo contexto, ou formação social, e trazem questões muito semelhantes, mas trazem também questões extremamente particulares. Os jovens que viveram os anos 60 e 70 foram politizados por uma geração que viveu um importante otimismo desenvolvimentista e também referências político-ideológicas que se voltavam para a esquerda. Depois dos militares e com o capitalismo pós-industrial, novas coordenadas de produção de subjetividade estão sendo inventadas. (IVETE MANETZEDER KEIL apud BAQUERO, 2004: 45-46)

A Organização Mundial de Saúde classifica a adolescência como o período dos 10 aos 17 anos de idade e, a população jovem, pela faixa etária que vai dos 18 e aos 24 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescente aquela pessoa entre 12 e 18 anos de idade; já a Comissão Nacional de População e Desenvolvimento considera como jovem quem pertence à faixa etária dos 15 aos 24 anos.

Assim, a distinção entre adolescência e juventude se dilui: enquanto algumas instituições começam a identificar pessoas de 18 anos ou mais como jovens, outras imputam o início dessa fase aos 15 anos. Tais definições, embora apropriadas para a discussão e análise de dados, devem ser relativizadas já que as fronteiras físicas e mentais dos seres humanos variam conforme os indivíduos e as sociedades ou entre subgrupos, como no caso de meninas e meninos ou de moças e rapazes. Ademais, no mundo inteiro, desde as últimas décadas, essas fases de vida vêm passando por mudanças significativas que incluem desde a diminuição da idade do início da puberdade até o aumento da escolaridade de ambos os sexos. Sendo assim, adota-se a denominação juventude ou população juvenil, conforme literatura que engloba os termos adolescência e juventude, distinguindo-os quando se fizer necessário. (REIS PRA in BAQUERO, 2004: 88)

Juventude e trabalho são temas intrinsecamente relacionados. Cerca de 56% da população de 15 a 24 anos de idade está no mercado de trabalho, o que representa no

País um contingente de 19 milhões de pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Se considerarmos a faixa etária dos 14 aos 29 anos de idade, são 30,6 milhões de jovens trabalhadores.

E por que eles estão no mercado de trabalho? Pesquisas realizadas junto a esses jovens mostram que a questão da sobrevivência nem sempre é o único imperativo para essa condição, como figura no senso comum. De acordo com o estudo "Perfil da Juventude Brasileira", realizado pelo Instituto Cidadania, em 2003, os principais conceitos associados ao trabalho, na opinião dos entrevistados, são: necessidade (para 64%), mas também independência (55%), crescimento (47%) e autorrealização (29%).

Quando empregados, os jovens enfrentam condições de trabalho mais precárias: são mais afetados pela informalidade (63% não tem carteira profissional assinada), atuam em postos de menor qualificação e recebem salários inferiores (menos da metade que é recebido pelos adultos), embora trabalhem por jornadas iguais ou mais extensas.

Essa preocupação em relação a trabalho já foi detectada por diversos estudos, entre eles a pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania, na qual mais da metade (52%) dos jovens entrevistados responderam espontaneamente que os problemas que mais os afligem é o emprego e a profissão. *“É, os jovens que não possuem a formação esperada são os mais prejudicados”*, segundo o estudante Érico Miotto, 16 anos, morador de Aldeia da Serra, no município de Jandira.

O duplo enfoque sob o qual o jovem é considerado – objeto e retorno de investimento; ser que se desenvolve para promover o desenvolvimento do país; beneficiário que se transforma em recurso humano que contribui – confere à noção de participação uma ambivalência básica. Tal ambivalência reside no fato de que dois elementos opostos compõem a noção de participação: um pode ser denominado passividade na medida em que o jovem é considerado um destinatário, beneficiário ou assistido, enfim, objeto de intervenção. O outro, aqui nomeado, atividade, refere-se à contribuição do jovem, à sua inserção não só no mercado de trabalho, mas numa sociedade concebida como resultado dos esforços individuais.

Assim, a posição considerada passiva do usuário de serviços sociais (ótica pela qual é considerado o usufruto dos direitos sociais: saúde, educação, trabalho etc.) é tomada como oportunidade de participação (cf. ONU, 1995).

Além do usufruto de serviços, a passividade também está presente na aceitação de decisões e diretrizes estabelecidas de antemão em outras instâncias, enquanto a atividade se manifesta na execução e operacionalização de tais decisões e diretrizes. (SOUZA, 2008: 75)

A pesquisa “Juventude e Integração Sulamericana: diálogos para construir a democracia regional”, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas²³ e pelo Instituto Polis, ouviu, em seis países (Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Bolívia e Paraguai), 14 mil pessoas (jovens e adultos), no segundo semestre de 2008. No Brasil, 61% dos entrevistados consideraram que o mais importante para os jovens é “ter mais oportunidade de trabalho.”

Categoria	Argentina %	Brasil %	Chile %	Bolívia %	Paraguai %	Uruguai %
Ter mais oportunidades de trabalho	48	61	48	39	59	61
Estudar e ter um diploma universitário	30	20	17	33	23	11
Ser ouvido e atendido pelos governantes	10	6	12	14.5	9	10
Garantia e segurança de melhores salários / ganhos financeiros	6	7	16	5	5	8
Liderar/ participar de movimentos pela transformação política do Brasil	4	4	5	5	2.1	3
Viajar e trabalhar no exterior	1.5	2	2	3	2	5.5
Nenhuma das anteriores	1	0.3	0.5	0.6	0.3	1

Nesse sentido, é papel do Estado garantir condições dignas de trabalho a esses jovens, equalizando as oportunidades. Baseada nos dados da Pnad 2006, a pesquisa “Jovens e Trabalho no Brasil”, realizada pelo Instituto Ibis,²⁴ em parceria com a Ação Educativa²⁵, mostra que o ingresso no mercado de trabalho e as condições em que essa inserção se dá são de certa forma determinadas pelo nível socioeconômico do jovem.

²³ Ibase: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), criado em 1981, tem a missão de aprofundar a democracia. Entre seus fundadores está o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

²⁴ Instituto Ibis : Instituição que trabalha com questões do universo jovem.

²⁵ Ação educativa: desde 1994, a organização tem como objetivo promover os direitos educativos e da juventude.

O ingresso prematuro do jovem brasileiro no mercado de trabalho é um vil aliado dos índices de abandono da educação básica. “*Apenas 30% dos brasileiros têm curso superior. A maioria dos jovens nem concluiu o ensino médio, o que é um sério problema para a sociedade*”, pondera o educando Lucas Feliciano, 17 anos, morador da periferia do município de Barueri.

Os números revelam que a maioria dos indivíduos de 14 a 17 anos que só trabalham (a maior parte sem ter concluído o ensino fundamental), está entre os 40% com menor renda familiar *per capita*. Os 20% com maiores rendimentos tendem a se dedicar de forma exclusiva ao trabalho somente a partir dos 18 anos, depois de terem concluído o ensino médio.

A pesquisa destaca ainda que "as diferenças de rendimento entre jovens mais pobres e mais ricos apontam uma desigualdade sem precedentes nos recortes até agora realizados - homens e mulheres; brancos e negros". E compara: "Enquanto os jovens oriundos das famílias mais pobres possuem renda média de R\$ 277, aqueles provenientes de estratos mais privilegiados possuem renda de R\$ 1.187, uma diferença de 76,6%".

Na Era do Conhecimento, diversas pesquisas desenham o perfil do jovem brasileiro como muito mais direcionado para questões profissionais do que filosóficas ou políticas, como na segunda metade do século XX. Dados da UNESCO revelam consenso quanto à necessidade e importância da participação cidadã da juventude.

2.6 A população jovem brasileira sem acesso

Seguindo uma tendência mundial, o jovem tem despertado a atenção da sociedade brasileira, principalmente a partir da metade da década de 1980. Um marco significativo foi em 1985, declarado o “Ano Internacional da Juventude: Participação, Desenvolvimento e Paz” (Resolução 34/151 da Assembleia Geral das Nações Unidas de 1979).

A representação da UNESCO no Brasil revitalizou as suas atividades na década de 90. Estabeleceu metas educacionais para o país e firmou convênios e acordos de cooperação técnica com o Ministério da Educação, além de inúmeras organizações não-governamentais como as Fundações Bradesco e Odebrecht, os Institutos Cultural Itaú, Ayrton Senna. A UNESCO do Brasil

criou o Setor de Pesquisas e Avaliações em 1997, quando passou a realizar e/ou patrocinar pesquisas sobre a juventude, visando a subsidiar a formulação de políticas públicas que “além de se direcionarem aos jovens, também os envolvam como protagonistas de seu desenvolvimento” (SOUZA, 2008: 49)

Dentre as iniciativas no âmbito de políticas públicas, podemos destacar a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), em 2005, que nasceram por meio da lei 11.129/05, sendo o seu funcionamento regulamentado pelo decreto presidencial 5.490/05.

Em 2008, o país abrigava 33,8 milhões de jovens com idades entre 15 e 24 anos, ou seja, 18% da população brasileira, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Os jovens representam 46% dos indivíduos desempregados no Brasil, segundo um estudo divulgado em 2008, pelo IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o que significa um índice 3,5 vezes maior se comparado aos adultos.

Já em 2003, a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, realizada pelo Instituto da Cidadania, indicava que 52% de 3.501 dos jovens entre 15 a 24 anos consultados consideravam o desemprego o principal problema do Brasil.

A educação também é uma das maiores preocupações da população jovem brasileira do século XXI. A pesquisa do IPEA revelou que apenas 12,3% dos jovens freqüentaram ou concluíram o ensino superior, enquanto só 28,9% daqueles com idade entre 18 e 24 anos completaram o ensino médio. Se forem considerados os grupos (gênero, cor, etnia, entre outros), a desigualdade é ainda maior, segundo o levantamento “Trabalho Decente e Juventude no Brasil, Organização Internacional do Trabalho”, lançado no país em 2009.

Em virtude da diversidade socioeconômica e cultural da população jovem brasileira de norte a sul, hoje é necessário falar-se em “juventudes”. O jovem deve ser incluído não só como público assistido, mas, também, como protagonista do seu próprio desenvolvimento e de seu país. É essencial compreender e garantir a visão do jovem como sujeito de direitos. É imensurável o potencial da juventude enquanto agente nos

processos de transformação social, em especial aqueles que envolvem a educação, a inserção profissional e a cultura.

Conforme a socióloga Helena Wendel Abramo, no artigo “Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil” (1997), na maioria das pesquisas transparece a dificuldade de perceber os jovens efetivamente como sujeitos. Ainda são vistos como problemas (para si próprios e para a sociedade), não sendo consideradas “nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo porque, regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos”, (BAQUERO, 2006: 28)

Por isso, este estudo deu voz aos jovens do projeto ‘Janelas para o Futuro’, qualificando-os como sujeitos capazes de indagações propositivas e reflexivas pertinentes ao universo que lhes é próprio e de direito. Por se tratar de uma pesquisa que acolhe o binômio comunicação/educação, a partir dessa linha, as vozes da juventude ganham maior ressonância na tentativa de demonstrar como o voluntariado educativo, ao acionar mecanismos comunicativos entre os jovens, contribui para a formação da cidadania, do capital social e de vínculos de solidariedade.

A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.

Paulo Freire

CAPÍTULO 3

A PESQUISA-AÇÃO NO PROJETO DE VOLUNTARIADO EDUCATIVO

Este capítulo procura demonstrar como a pesquisa-ação foi aplicada no projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’. A pesquisa-ação é uma metodologia que possibilita à comunidade envolvida a participação na análise de sua própria realidade, com o intuito de promover transformação social em benefício dos participantes. Trata-se de uma metodologia científica orientada para a ação, que tem sido muito utilizada na área da educação.

Este estudo partiu da hipótese de que o voluntariado educativo, ao acionar relações comunicativas entre jovens, contribui para a formação da cidadania, do capital social e de vínculos de solidariedade.

Procurou-se demonstrar isso por meio da investigação do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, que promove a integração de jovens de realidades socioeconômicas muito diversas, a partir da comunicação expressa por meio de diferentes linguagens (idiomas, informática e expressão corporal).

O estudo utilizou a pesquisa-ação no entrecruzamento da educação com a comunicação, para incentivar os interlocutores a problematizar suas ações e práticas no voluntariado educativo. O projeto ‘Janelas para o Futuro’ acontece às sextas-feiras na Escola Internacional de Alphaville, instituição de educação bilíngue localizada no município de Barueri, na região metropolitana de São Paulo.

O eixo central que conduz à argumentação empírica tem por base estudos teóricos sobre comunicação, capital social, cidadania, formação de vínculos (de solidariedade, pertencimento, afetividade) e juventude, cuja voz se faz presente nos capítulos por meio da transcrição de conversas, entrevistas e depoimentos.

A escolha da “pesquisa-ação” justifica-se por se tratar de um procedimento metodológico em que o processo reflexivo é compartilhado e aberto à percepção dos atores envolvidos. O conhecimento gerado a partir da interlocução entre pesquisadores e atores da situação observada, pode ser útil para promover mudanças e melhorias no campo educacional.

3.1 O histórico da pesquisa-ação

Na segunda metade do século XX, o continente americano vivia um contexto socioeconômico de mudanças estruturais, quando várias experiências foram realizadas nas áreas da educação e das ciências sociais. É o caso da Pesquisa Participante, que

propunha maior aproximação entre o pesquisador e o objeto de sua pesquisa. Esse trabalho social recebeu diversas denominações, em função do país e da área de atuação em que a metodologia foi aplicada.

O “grande mestre da educação brasileira” Paulo Freire (*) foi o idealizador de um estilo alternativo de pesquisa e ação educativa, elaborado a partir de experiências fundamentadas na concepção conscientizadora da educação em países latino-americanos, nos anos 60. A experiência “Asentamiento El Recurso” aconteceu no Chile, onde Paulo Freire reuniu-se com camponeses de um assentamento para realizar um estudo que estabeleceria uma programação de atividades educativas a partir dos interesses e necessidades daquela comunidade.

O método de alfabetização freireana prioriza a leitura do alfabetizando de seu próprio contexto histórico e social, descartando a alfabetização tradicional de adultos por meio da utilização de cartilhas. Conceitos como “universo vocabular”, “palavras geradoras”, “universo temático significativo” e “temas geradores” integravam um programa de estímulo à tomada de consciência dos sujeitos a respeito de sua própria situação.

O sociólogo colombiano Orlando Fals Borda inaugurou a linha sociológica da chamada “pesquisa participante”. É dele a proposta de devolução do conhecimento aos grupos que lhe deram origem, para análise coletiva das informações obtidas, em linguagem acessível a todos. Essa proposta integra os setores populares ao conteúdo da pesquisa, e os transforma em atores dos processos de mudança.

A matriz metodológica da pesquisa participante é delineada por características como o compromisso e autenticidade (comprometimento do pesquisador com a causa popular) e a restituição sistemática do conhecimento produzido (*feedback*).

O diferencial mais marcante da pesquisa participante em relação à pesquisa tradicional é a devolução sistemática do conhecimento produzido, que inclui a contribuição dos próprios integrantes dos grupos pesquisados e se dá por meio de uma comunicação diferenciada, de acordo com o grau de consciência do grupo que participa da pesquisa e dos subgrupos que o compõem. Essa comunicação deve acontecer numa linguagem simples e acessível a todos.

A modéstia metodológica e técnica da pesquisa participante coloca um fim às relações assimétricas entre pesquisadores e pesquisados, e transforma pessoas das comunidades em indivíduos ativos e pensantes no desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa participante também se caracteriza pela sua flexibilidade em adaptar-se aos diferentes contextos e situações. Não existe uma rigidez metodológica em relação às etapas de desenvolvimento da pesquisa. A metodologia e o pesquisador não se separam, pois só ele sabe como colocar suas aptidões a serviço das necessidades e interesses da comunidade em foco.

A pesquisa participante também tem sido utilizada como alternativa metodológica por vários acadêmicos e intelectuais engajados em movimentos populares, como Michel Thiollent e sua “pesquisa-ação” para uma educação libertadora.

Para André Morin, Professor da Universidade de Montreal, a “pesquisa-ação” é participativa por essência. A participação de atores e pesquisadores destina-se à democratização das práticas educativas e sociais, nos campos em que ocorrem a pesquisa e a ação. Trata-se de um conhecimento gerado a partir da interlocução entre pesquisadores e atores da situação observada, que pode ser útil para implementação de mudanças e melhorias, especialmente no campo da educação.

A pesquisa-ação tem por pressuposto que os sujeitos nela envolvidos compõem um grupo com objetivos comuns e, a partir da problematização de seus contextos, os voluntários e educandos constituem-se em pesquisadores. Na reflexão conjunta, eles são incentivados a problematizar suas ações e as práticas do projeto, para pensar em possíveis intervenções para o aprimoramento do mesmo.

3.2 O projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’

Ao se investigar o projeto ‘Janelas para o Futuro’, realizado semanalmente na Escola Internacional de Alphaville, pretendeu-se mostrar como funciona o voluntariado educativo a partir da interação comunicativa, e como suas dinâmicas podem ou não resultar na construção de um cidadão mais participativo, solidário, compreensivo e rico em capital social e vínculos sociais.

A Escola Internacional de Alphaville iniciou suas atividades há dez anos. Trata-se de uma escola brasileira de educação internacional (português, inglês e espanhol), que oferece educação em período integral de segunda à quinta. Às sextas-feiras, os alunos terminam as aulas às 13h30 e, por isso, o projeto ‘Janelas para o Futuro’ funciona no contra-turno da escola. No horário das 14h às 16h, acontecem as aulas de informática, inglês e espanhol, francês e expressão corporal ministradas pelos alunos do ensino médio e do ensino fundamental II.

Localizada no bairro de Alphaville, no município de Barueri, a escola de educação internacional congrega alunos de mais de vinte nacionalidades, o que torna o convívio com a diversidade cultural a base de sua aprendizagem cotidiana. A Escola Internacional de Alphaville está situada em uma região de alto poder aquisitivo da Grande São Paulo, conhecida por seus condomínios de luxo.

Contudo, a região de Alphaville e Tamboré também se destaca por seu cenário socioeconômico de contrastes profundos, pois os condomínios de alto padrão estão rodeados por uma vizinhança que vive em condições econômicas precárias, onde se destacam bairros muito pobres como o Parque Imperial, em Barueri, e a Vila Esperança, construída no antigo lixão de Santana de Parnaíba.

Esse contraste socioeconômico é o que dá visibilidade e originalidade ao projeto de comunicação social ‘Janelas para o Futuro’. O projeto promove o respeito à diversidade cultural e social entre jovens de diferentes realidades socioeconômicas, por meio do trabalho voluntário e de atividades culturais que utilizam diferentes linguagens (informática, expressão corporal e idiomas).

Para o estudante Janelso Rodrigues, que atuou como voluntário no projeto de 2007 a 2009, o voluntariado educativo é “um meio de politizar as pessoas e fazer com que elas tenham consciência de onde vivem. Os jovens tomam contato com a realidade e isso os motiva a fazer alguma coisa. (...) Quanto mais envolvido o jovem estiver, mais apto a agir.”

Na entrevista de Janelso Rodrigues para a pesquisa-ação (vide anexo 2), o jovem morador da periferia de Barueri relata que, caso não tivesse obtido a bolsa de estudos para cursar a Escola Internacional de Alphaville, em vez de atuar como “aluno-professor” (denominação dada aos voluntários do ‘Janelas para o Futuro’) talvez fosse

um dos educandos atendidos pelo projeto. “Se não fosse a escola, eu não teria contato com o trabalho voluntário. E se não fosse esta escola, eu estaria do outro lado, pois sou bolsista e também moro na periferia.”

O projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ dispõe-se a “tocar” nas feridas abertas pela desigualdade socioeconômica que tanto distanciam os jovens brasileiros. O projeto tem como proposta aproximar jovens que geograficamente são vizinhos, mas socialmente vivem em mundos distintos. O convite para o convívio solidário entre jovens acontece graças à comunicação, que se viabiliza por meio de atividades culturais e do trabalho voluntário.

O espanhol Antônio Rodrigues Romeira ingressou no ‘Janelas para o Futuro’ na semana seguinte à sua chegada ao Brasil, em outubro de 2008. Antônio dá aulas de espanhol para jovens de baixa renda de Carapicuíba, Barueri, Santana de Parnaíba, municípios muito diferentes de sua cidade natal, Sevilha. Em sua entrevista para a pesquisa-ação (vide anexo 2), ele descreve suas impressões sobre a desigualdade social brasileira e as mudanças que o voluntariado educativo promoveu em sua vida.

“Antes, eu olhava as pessoas sem recursos de outra forma porque não sabia como era a vida deles. Depois de entrar no projeto sou menos preconceituoso do que quando cheguei à escola, vindo da Espanha. (...) Escuto as histórias sobre as escolas deles e sinto compaixão. Saber o esforço que eles fazem para ter aula comigo me sensibiliza muito. Eu hoje os olho de uma forma diferente. (...) Quando você conhece essa realidade, vai tentar ajudar; vai ter outra concepção sobre a vida, investir em educação.”

Assim como o espanhol Antônio Romera, cerca de trinta alunos do ensino médio da Escola Internacional de Alphaville participam de encontros semanais em que eles dão aulas de informática e idiomas (inglês, espanhol e francês) para jovens de baixa renda dos municípios de Barueri, Carapicuíba, Santana de Parnaíba e Itapevi.

O projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ teve início em outubro de 2004 com 8 voluntários do ensino médio da Internacional (denominados “alunos-professores”) e 14 educandos do município de Barueri. Nos cinco anos de atividades, mais de trezentos educandos já participaram de suas atividades culturais.

A escolha de investigar o ‘Janelas para o Futuro’ justifica-se por se tratar de um projeto de voluntariado educativo que envolve atores sociais de diferentes realidades socioeconômicas, o que aumenta o repertório de visões sobre uma determinada situação-problema. Por meio da comunicação, eles conquistam valores ditos “imateriais” como o conhecimento, a solidariedade e o capital social.

As certificações de qualidade obtidas por esse projeto também foram consideradas para a escolha do projeto de voluntariado educativo. Em 2009, o ‘Janelas para o Futuro’ recebeu o “Selo Escola Solidária”, fornecido pelo Instituto Faça Parte, Ministério da Educação e UNESCO (mais informações sobre o “Selo Escola Solidária” no anexo IV).

Em 2008, o ‘Janelas para o Futuro’ obteve a Menção Honrosa no 8º Prêmio Escola Voluntária, promovido pela Rádio Bandeirantes e pelo Instituto Itaú Social. Desde 2001, o Prêmio Escola Voluntária tem como objetivo premiar as escolas que desenvolvem atividades voluntárias, envolvendo toda a comunidade escolar na busca de soluções para os problemas sociais.

3.3 As etapas de desenvolvimento da pesquisa

Esta pesquisa-ação contou com a participação de integrantes do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, no período entre junho de 2009 e fevereiro de 2010. Os integrantes do ‘Janelas’ são os educandos – jovens de baixa renda atendidos pelo projeto – e os chamados “alunos-professores”, ou voluntários que estudam na Escola Internacional de Alphaville.

Os “alunos-professores” são alunos da 8ª série e do ensino médio que atuam como voluntários no projeto, ministrando aulas de idiomas (inglês, espanhol e francês), informática e expressão corporal (*street dance*).

Os educandos são os jovens de baixa renda dos municípios de Carapicuíba, Barueri e Santana de Parnaíba, que são encaminhados ao ‘Janelas para o Futuro’ por intermédio de instituições do primeiro, segundo e terceiro setores. A seleção dos educandos é feita por instituições parceiras como escolas públicas, secretarias

municipais da região e ONGs, tais como a Fundação Orsa, o Planeta Criança²⁶, o Cepac²⁷, a Soabem²⁸, o Projeto Jaguari²⁹ e o projeto Pró-Talentos³⁰ do Rotary Club de Alphaville.

A pesquisa-ação foi desenvolvida em três etapas. Primeiramente, buscou-se investigar a relação entre os educandos e o projeto ‘Janelas para o Futuro’, por meio de questionários fornecidos pelo Fundo Social de Solidariedade de Barueri. Os formulários e os depoimentos dos educandos podem ser conferidos com maior detalhamento no anexo V.

A segunda etapa desta pesquisa-ação realizou entrevistas com 9 voluntários (“alunos-professores”) do projeto ‘Janelas para o Futuro’ na primeira quinzena de dezembro de 2009. As entrevistas foram feitas pessoalmente pela pesquisadora, que também foi a responsável pela elaboração das dez perguntas explorando o tema do voluntariado educativo. A íntegra das entrevistas com os 9 jovens voluntários está disponível no anexo II.

A etapa final da pesquisa-ação foi viabilizada por meio de uma conversação cívica envolvendo todos os integrantes do projeto, ou seja, “alunos-professores” e “educandos”. A conversação cívica aconteceu no dia 11 de fevereiro de 2010, em uma aula de atualidades do ensino médio, na Escola Internacional de Alphaville.

A ideia inicial foi promover um encontro em que os jovens do projeto ‘Janelas para o Futuro’ pudessem debater sobre temas como cidadania, desigualdade social e solidariedade. No entanto, a rela o assimétrica entre os jovens dos condomínios e das periferias já se manifestou pela presença dos debatedores: em torno de vinte jovens de Alphaville e apenas um morador da periferia.

Neste capítulo serão trabalhados os questionários dos educandos e as entrevistas com os voluntários, ficando a conversação cívica para o último capítulo. O anexo I também apresenta um maior detalhamento sobre como e em quais condi es deu-se a conversação cívica com jovens de diferentes realidades socioeconômicas.

²⁶ Planeta Criança – ONG de recicladores de lixo, localizada no bairro Vila Esperança, em Santana de Parnaíba.

²⁷ Cepac: Associa o para Prote o de Crianças e Adolescentes, ONG criada em 1993 e localizada no Parque Imperial, em Barueri.

²⁸ Soabem – ONG que atende a crianças e adolescentes dos bairros periféricos de Barueri.

²⁹ Projeto Jaguari – projeto de *street dance* realizado no bairro do Jaguari, na periferia de Santana de Parnaíba.

³⁰ Projeto Pr -Talentos do Rotary Club de Alphaville, promove cursos de capacita o profissional para jovens.

3.4 A pesquisa entra em ação com os educandos

A decisão de se utilizar os formulários do Fundo Social de Solidariedade de Barueri (vide modelos no anexo 5) deve-se ao motivo de que esses relatórios com indicadores socioeconômicos são utilizados na maior parte dos projetos sociais e educacionais do município onde acontece o ‘Janelas para o Futuro’. Os questionários com indicadores socioeconômicos foram aplicados junto a 80 educandos do projeto, na segunda quinzena de junho de 2009.

Os indicadores em destaque nos formulários são os seguintes: desenvolvimento de capacidades físicas e esportivas; desenvolvimento de capacidades afetivas e interativas; desenvolvimento de capacidades artísticas e culturais; desenvolvimento de capacidades cognitivas; inserção e permanência na escola; aproveitamento escolar; qualidade dos vínculos; permanência no projeto e satisfação dos alunos no projeto.

Na graduação de 0 a 3 de satisfação plena, cerca de 90% dos questionários obtiveram o grau máximo de aproveitamento nos meses de junho e novembro, quando a pesquisa foi aplicada novamente junto aos educandos. No entanto, como o curso de *street dance* foi desativado em virtude da saída dos “alunos-professores” (que mudaram de cidade e escola), o indicador relacionado ao “desenvolvimento de capacidades físicas e esportivas” sofreu uma sensível queda.

A partir do resultado dos questionários, a pesquisa-ação gerou a proposta de substituir o curso de *street dance* pelo de teatro, já no ano de 2010. A pesquisa-ação motivou também a criação de um módulo experimental de natação a partir de 2010, a partir da sugestão da educanda Janaína Guimarães, 17 anos, moradora do bairro de Vila Dirce, no município de Carapicuíba.

Uma vez que a pesquisa-ação trabalha com *feedback* para o aprimoramento da ação educativa, a partir do resultado negativo em relação ao quesito “expressões corporais” surgiu a ideia do curso de teatro. O projeto teatral propõe uma relação de trabalho mais horizontal, na qual “alunos-professores” e “educandos” realizem, conjuntamente, a montagem da peça “Travessia de Rosas”, um espetáculo inspirado na obra *Grande Sertão Veredas*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa.

Dos 80 relatórios com indicadores socioeconômicos aplicados junto aos educandos, 13 foram selecionados para a pesquisa, na tentativa de se contemplar a diversidade de instituições que participam do ‘Janelas para o Futuro’. Contudo, como os formulários com indicadores socioeconômicos não dispõem de espaço para questões mais subjetivas ou para o relato dos educandos, utilizou-se os campos disponíveis nos questionários para o registro das impressões dos educandos sobre o projeto (vide os formulários no anexo V).

Dentre as informações coletadas, as que se destacam são referentes ao desenvolvimento das capacidades afetivas, interativas e culturais no projeto. Quanto à satisfação dos educandos no projeto, todos atestaram estar plenamente satisfeitos.

Eles também garantem que os conhecimentos adquiridos no projeto ‘Janelas para o Futuro’ contribuem muito para o aproveitamento escolar e para o aumento do repertório cultural.

“Inglês eu aprendi muito, mas o que realmente acrescentou para minha vida foram as peças de teatro, como *Morte e vida Severina* e *Sonhos de uma Noite de Verão*, que eu vi no projeto. Isso foi o principal para mim”, ressalta a educanda Janaína Guimarães, 17 anos, moradora da Vila Dirce, em Carapicuíba. A idealizadora do curso de natação, relata outras contribuições do projeto para sua vida: “Antes eu só pensava no Brasil, hoje me interesso pelo mundo. Assim como eu era muito individualista e, no ‘Janelas’, aprendi a trabalhar em grupo”.

O educando Guilherme Costa Lopes, morador de um bairro periférico de Santana de Parnaíba, conta que “tornou-se mais aberto” depois de seu ingresso no projeto. “Antes eu não falava em público, agora falo até em inglês”. Ele também destaca o incentivo cultural como um dos principais trunfos do ‘Janelas para o Futuro’. O hobby de Guilherme é tocar violino, instrumento clássico no qual ele interpreta de Vivaldi a Tim Maia. Seu sonho de infância era aprender francês, o que ele está realizando hoje no projeto. Agora ele sonha ser engenheiro naval e, assim, navegar mundo afora.

Foi o que realmente aconteceu com Raphael Mafei Souto, de 23 anos. Conhecido no universo do *skate* como “Ferpa”, ele ingressou no ‘Janelas para o Futuro’ em 2005, graças a uma bolsa de estudos dada aos melhores *skatistas* do ranking de Barueri. Ferpa é um dos *skatistas* que aparece na abertura do documentário “Octo”

sobre a contribuição do trabalho voluntário para a realização dos 8 objetivos do milênio propostos pela ONU – Organização das Nações Unidas, cuja gravação deu-se em 2006.

No projeto ‘Janelas para o Futuro’, Ferpa tinha aulas com a chilena Maria Jesús Collado e com o argentino Jorge Profeta, o que despertou o interesse do *skatista* por conhecer a América Latina. Por isso, ele passou a se comunicar em espanhol por meio de sites de relacionamento com jovens da América do Sul.

Em agosto de 2008, Ferpa foi para a Argentina, onde morou até o início de 2010. Primeiro ele viveu em San Martín de Los Andes, cidade natal de sua ex-amiga de MSN e atual esposa. Depois o casal foi tentar a vida em Buenos Aires, onde Raphael trabalhou com *help desk* bilíngue (português e espanhol) na empresa multinacional HP, dando suporte técnico para a América Latina.

O projeto me incentivou a conhecer a Argentina, pois vi as imagens do país e isso despertou minha curiosidade. Como eu não tinha vergonha de me comunicar em espanhol, pois participava muito das aulas, então tentava me comunicar também pela internet. Acho que o ponto forte do projeto é incentivar a aprender uma cultura diferente, uma nova língua. Aprender espanhol mudou minha vida. Se não fosse essa experiência, estaria trabalhando na loja de skate até hoje. E com o espanhol, minha vida mudou por completo. Meu sonho agora é fazer faculdade de Letras. (Raphael Mafei Souto, 23 anos, morador da periferia de Barueri.)

É esse também o sonho de Bruno Augusto Martinelli, 19 anos, morador do bairro Colinas da Anhanguera, na periferia do município de Santana de Parnaíba. Bruno é um autodidata, com grande habilidade para a aquisição dos mais diversos idiomas. Ele ingressou no ‘Janelas para o Futuro’ em 2008, oriundo da turma de educandos que participavam do curso de capacitação de TV Digital, oferecido pelas prefeituras municipais de Barueri e Santana de Parnaíba, em parceria com a Rede TV!

Do curso básico de inglês, o educando autodidata foi direto para o módulo avançado. Então o projeto disponibilizou um “professor particular” para que Bruno pudesse aprimorar sua fluência em inglês, além de participar das aulas de francês. O professor de inglês era o jovem Ozzy, recém-chegado ao Brasil após fugir do Líbano com a família, em virtude da guerra civil em seu país. Em suas conversas sobre o

mundo, Bruno (vide depoimento do educando no anexo V) aprimorou sua fluência em inglês e, Ozzy, o seu português.

A experiência no ‘Janelas para o Futuro’ foi e tem sido bem mais do que estudar línguas. Representa a convivência com jovens de várias etnias e culturas. Líbano, França, Espanha, Estados Unidos, a uma hora de casa. Um aspecto que admiro no projeto é a interação que há entre pessoas de classes sociais diferentes e culturas diferentes, transcendendo o simples “estudar inglês”. (Bruno Augusto Martinelli, 19 anos, morador da periferia de Santana de Parnaíba.)

O sonho de Maria Luriane Ferreira, também moradora de periferia de Santana de Parnaíba, é estudar medicina: “quero ser cirurgiã”. Ela atribui ao projeto o fato de agora ter “notas azuis” no boletim e acha que o melhor do ‘Janelas’ é que os “professores explicam mais fácil porque são da mesma idade dos alunos”.

Para o educando Juan Costa, 17 anos, morador da periferia de Barueri e integrante do ‘Janelas para o Futuro’ desde 2007, o ponto forte do projeto é a interação entre “alunos e professores” e também o acolhimento: “existe um cuidado muito especial em nos receber”.

A comunicação é o ponto forte do projeto, segundo o educando Christopher Mendes da Silva, 14 anos, que participou do ‘Janelas para o Futuro’ em 2009 e, no início de 2010, mudou-se com a família para Baruru. “A comunicação é muito importante porque você precisa se soltar para aprender o idioma, perguntar sobre a pronuncia da palavra e, principalmente, para fazer amigos.”

Os questionários dos educandos indicam que o abismo socioeconômico, que tanto distancia os moradores das lajes e dos condomínios, no espaço comunicacional promovido pelo ‘Janelas para o Futuro’ tem sua diversidade acolhida e respeitada, o que enriquece os integrantes do projeto de solidariedade e capital social.

3.5 As entrevistas com os voluntários

A segunda etapa da pesquisa aconteceu na primeira quinzena de dezembro, quando nove “professores-alunos” (voluntários) participaram de entrevistas nas quais

responderam a questões pertinentes ao universo do voluntariado educativo e puderam oferecer suas impressões sobre o voluntariado educativo.

Muitas dessas experiências vão de encontro aos depoimentos dos educandos. É o caso do voluntário Janelso Rodrigues Sousa que, como seu ex-aluno Guilherme Lopes destacou - que um dos principais aprendizados do projeto foi falar em público – ele também “perdeu a vergonha”. Como seu aluno Guilherme, Janelso também mora em um bairro periférico do município de Barueri.

Janelso foi bolsista na Escola Internacional de Alphaville da 5ª série ao 3º ano do ensino. Seu sonho era ingressar na Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo e ele realizou essa meta, sendo um dos 30 primeiros colocados. O “professor” e amigo Janelso é um grande exemplo para o educando Guilherme Lopes, que pretende cursar uma faculdade de Engenharia Naval.

Uma das fotografias mais nítidas sobre a desigualdade socioeconômica que permeia o projeto está registrada no depoimento do espanhol Antonio Rodrigues Romera, 17 anos, que ingressou no projeto ‘Janelas para o Futuro’ apenas uma semana depois de ter se mudado com a família para o Brasil. “Antes eu olhava as pessoas sem recursos de outra forma, com preconceito, porque não sabia como era a vida deles. O voluntariado te sensibiliza, dá um outro olhar. Os alunos valorizam, trazem músicas e cartas para eu traduzir. É uma sensação rara quando você ajuda.”

Raro é encontrar algum aluno-professor no projeto que já tenha tido uma outra experiência de trabalho voluntário. “Eu sempre quis ter a oportunidade de fazer um trabalho voluntário”, garante a aluna Gabriela Tizianel, 17 anos. Mas isso só foi viabilizado graças ao voluntariado educativo: “dependo dos meus pais para minhas saídas e, antes, nunca tive conhecimento sobre como participar de um projeto social.”

“Na escola fica mais simples”, concorda seu colega de sala Gustavo Miranda, 17 anos. E ele completa: “mas hoje se surgisse uma oportunidade em outro lugar eu também participaria, porque percebi o valor desse trabalho, especialmente depois do 8º Prêmio Escola Voluntária.

Cientes de que a participação cidadã é importante para o desenvolvimento humano, organizações governamentais e não-governamentais propõem projetos e programas visando ampliar o capital social entre a juventude. O

paradigma do capital social contribui para analisar ações e propor alternativas para o desenvolvimento de atitudes (confiança, por exemplo) e instituições (grupos e redes) voltadas ao bem-estar da coletividade. Nesta perspectiva, Leon e Honores (2003, p.83) defendem a tese de que a perspectiva de capital social como empreendimento entre os jovens permite redefinir e/ou ampliar a visão sobre o último – desde uma ênfase individualista, a outra, mais coletiva – ao reconhecer e valorizar a importância de ações coletivas e solidárias para melhorar as condições de vida também coletivas, especialmente dos mais carentes. O capital social teria as funções de facilitar a constituição de organizações produtivas e de gestão coletiva e de gerar um entorno social propício para desenvolver ações inovadoras. Os autores constatarem que: é por meio do reconhecimento da comunidade, como espaço ativo de fortalecimento da identidade, que se definem estratégias de crescimento coletivo, desenhando programas de capacitação de sujeitos e grupos sociais. (BAQUERO, 2006: 235)

Há uma década, o Prêmio Escola Voluntária prestigia atividades voluntárias envolvendo toda a comunidade escolar, além de enfatizar a relação entre o voluntariado educativo e a construção do capital social. A premiação, promovida pela Rádio Bandeirantes e pelo Instituto Itaú Social, também oferece curso de capacitação e valorização do trabalho voluntário.

A estudante Mariana Piesco (vide entrevista no anexo II), 18 anos, participou desse curso em 2008 e parece apta para dar uma aula sobre o assunto: “O voluntariado educativo acontece por meio de ações e de um educador que ensinam cidadania de uma forma dinâmica. Nós praticamos conceitos que estão nos livros, mas que nem os adultos fazem.”

Mariana Piesco se envolveu tanto com o tema, que chegou a escrever uma monografia sobre o projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’ (ver em *Anexos*). Mariana representa a segunda geração “Piesco” no projeto, em que sua irmã, Juliana, foi uma das pioneiras. Hoje Juliana Piesco é a vice-presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade São Francisco de Direito da Universidade de São Paulo, onde ingressou em 6º lugar, em 2008.

Em 2010, Juliana Piesco é colega de Raphael Ferreira, com quem já trabalhou no projeto ‘Janelas para o Futuro’, em 2007. Os dois estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo foram bolsistas na Escola Internacional de Alphaville e, ambos, atuaram como “alunos-professores” do projeto. O calouro de Juliana, escreveu um e-mail para o projeto em fevereiro, desculpando-se por não poder participar da conversação cívica no dia 11 de fevereiro e deixou a seguinte mensagem:

Tenho uma notícia que vai te deixar feliz! Vou dar continuidade ao voluntariado! Existe o Departamento Jurídico XI de Agosto, formado por alunos da São Francisco, que presta assistência jurídica gratuita àquela população que não poderia pagar pelo serviço e ficaria à margem da justiça. Não vejo a hora de começar! E, é claro, acho que já está na hora de agradecer pelo ‘Janelas’, pelas aulas de CI e redação, sem os quais eu não estaria na faculdade, nem seria a pessoa que sou hoje. Sobretudo o ‘Janelas’, por mostrar que eu podia, de alguma forma, transformar a realidade social de algumas pessoas. Valeu! (Raphael Ferreira, 19 anos, ex-voluntário do ‘Janelas para o Futuro’.)

No entanto, o plano de Raphael Ferreira de atuar como voluntário no projeto social do Departamento Jurídico XI de Agosto ainda não se tornou realidade, “em razão do pequeno número de vagas e alta concorrência”, como justifica Raphael em seu depoimento incluído no anexo 2. Ele lamenta, pois considera a experiência com o voluntariado como muito importante para sua formação.

A possibilidade de atuar ativamente na transformação social decisivamente ampliou minha visão de mundo, até então conformada em pensar, a discutir os problemas sociais. O projeto possibilitou a mim a oportunidade de agir de fato, de ver uma realidade sociocultural diversa. Mais do que isso, creio que minha visão de mundo ampliou-se pelo contato com outras pessoas, alunos como eu, mas de outro estrato social, outra experiência de vida. Nesse sentido, passei a ser mais sensível em relação aos problemas sociais e mais crítico às causas deles. Passei a me importar mais para com os próximos. (Raphael Ferreira, estudante de Direito da USP e ex-voluntário do projeto.)

Embora o desejo de atuar como voluntário esteja na mente e no coração de muitos jovens brasileiros, todos os 9 voluntários entrevistados declararam que os caminhos que conduzem ao voluntariado são pouco acessíveis. “Nunca tive

conhecimento sobre como participar de um projeto social”, diz a estudante Gabriela Tizianel, 18 anos, que no futuro pretende servir a sociedade como médica.

“Na escola é mais fácil por uma questão de logística”, ensina o “aluno-professor” de inglês, Thomaz Arruda, 16 anos. Seu colega de projeto e de classe Lucas Oliveira ressaltava que o trabalho voluntário às vezes parece “inatingível” e argumenta que, se estiver disponível na escola, “torna-se mais acessível”.

Lucas Oliveira, 16 anos, morador de um condomínio em Aldeia da Serra, no município de Jandira, foi o único voluntário que colocou “ressalvas” na questão sobre a contribuição do voluntariado educativo para a formação de um jovem mais solidário. “A solidariedade vem de casa, mas o trabalho voluntário é um empurrão para vida”, enfatiza o “aluno-professor” de inglês e bolsista da Escola Internacional de Alphaville.

3.6 Recortes dos depoimentos dos voluntários integrantes da pesquisa-ação

A última etapa da pesquisa-ação, que se detém à análise a conversação cívica entre jovens de diferentes realidades socioeconômicas, encontra-se no próximo capítulo, no qual também é explorada a relação entre o voluntariado educativo e a formação de vínculos de solidariedade, com a consequente aquisição de capital social.

Antes, porém, vale a pena destacar alguns fragmentos das entrevistas com os voluntários (a versão integral encontra-se no anexo II) do projeto ‘Janelas para o Futuro’, em que eles expressam suas visões e experiências com o voluntariado educativo.

Thomaz Arruda, 15 anos, aluno bolsista do 1º ano do ensino médio

“O voluntariado educativo é um trabalho muito bonito, porque você ensina e aprende. Depois que a pessoa entra em contato com essa oportunidade, busca novas formas de ajudar sua comunidade. Você sai daquele mundinho e conhece outras vidas, outros mundos.”

Antonio Rodrigues Romera, 17 anos, aluno do 2º ano do ensino médio

“Existe essa comodidade do projeto ser na escola, num lugar onde a gente conhece, não tem que se locomover. Na Espanha tem campanhas de ONGs,

mas não um trabalho como esse . Eu escuto as histórias sobre as escolas dos meus alunos e sinto compaixão. Saber o esforço que eles fazem para ter aula comigo me sensibiliza muito. Eu hoje os olho de uma forma diferente. É uma sensação rara quando você ajuda.”

Maria Eduarda Gaidies, 15 anos, aluna do 1º ano do ensino médio

“Acho bom compartilhar com jovens esta habilidade de falar o idioma francês, que não é considerado uma prioridade, mas pode ser um diferencial no futuro. Acho positivo no projeto a troca de afinidades entre alunos e professores, por serem todos jovens. E essa responsabilidade de ensinar, desde jovem, também é importante porque nos ajuda a amadurecer.”

Gustavo Miranda, 17 anos, aluno do 3º ano do ensino médio

“Um trabalho voluntário realizado nas escolas com pessoas da comunidade. Isso é muito bom para quem faz e para quem recebe – é um “ganha-ganha”. Além de melhorar a organização pessoal e o planejamento, contribui para a solidariedade. Nós vivemos em comunidade e este trabalho ajuda a perceber como isso é importante, como se dá essa integração entre as pessoas. Tira um pouco do materialismo e a gente percebe como certos valores são importantes...Quanto mais cedo começarmos como voluntários, tanto melhor!”

Mariana Piesco, 18 anos, aluna bolsista do 3º ano do ensino médio

“Na escola antes não se tinha contato com outras classes sociais; hoje os alunos têm mais respeito e menos preconceito. É visível a diferença de quem participa ou não do projeto. Quem participa percebe que pode fazer a diferença no mundo, amplia os horizontes, tem idealismo. O mundo não é só Alphaville – existe além dos problemas pessoais. O jovem brasileiro está sem idealismo, sem acreditar. O voluntariado educativo mostra um caminho para você mudar o mundo começando por uma ação local, na comunidade.”

Gabriela Tizianel, 17 anos, aluna do 3º ano do ensino médio

“A pessoa que se torna voluntária já tem consciência da importância da educação e quer compartilhar isso. Você disponibiliza o seu tempo para lidar com uma outra realidade, o que torna você uma pessoa mais humana, mais solidária.”

Janelso Rodrigues Sousa, 17 anos, aluno bolsista do 3º ano do ensino médio

“O voluntariado educativo é um meio de politizar as pessoas e fazer com que elas tenham consciência de onde vivem. Os jovens tomam contato com a realidade e isso os motiva a fazer alguma coisa. Ele mostra que esse é o Brasil onde você vive e dá aquela força que põe as mudanças em curso. Quanto mais envolvido o jovem estiver, mais apto a agir. É uma formação social para o jovem criar em grupo, não é uma formação acadêmica.”

Lucas Oliveira, 15 anos, aluno bolsista do 1º ano do ensino médio

“No projeto aprendi a me comunicar melhor. Também percebo que estou mais paciente, mais compreensivo. O voluntariado educativo contribui na liderança e no sentido da responsabilidade. Muda nossa relação com a comunidade.”

Mateus Bentivegna, 16 anos, aluno bolsista do 1º ano do ensino médio

“O melhor do ‘Janelas para o Futuro’ é poder Interagir com pessoas da minha idade. Dar aulas criativas e com liberdade. O ponto negativo é ter mais uma atividade na agenda, embora esta não seja tão ruim.”

CAPÍTULO 4

ALIANÇA CIDADANIA, SOLIDARIEDADE E CAPITAL SOCIAL

O presente capítulo procura demonstrar como o projeto ‘Janelas para o Futuro’, por meio das relações comunicativas, contribui para o fortalecimento de vínculos de solidariedade e confiança entre os diferentes atores que participam do voluntariado educativo, contribuindo assim, para a construção do capital social.

Maria Flávia Gomes: - *O diferencial do 'Janelas para o Futuro' é que os alunos e professores têm a mesma idade e falam a mesma linguagem*

Isabella Oliveira: - *Eles têm a mesma faixa etária, a mesma linha de pensamento e isso facilita a comunicação.*

Mateus Bentivegna: - *Afinal, que professor tem o suposto "aluno" no MSN?*

Lucas Oliveira: - *É, eles têm a mesma idade que a gente e isso faz toda a diferença.*

Lucas Feliciano: - *É incrível, não chega a ser uma relação aluno-professor, é uma relação de amizade. todos aprendem...*

Luis Octávio Pellegrine: - *A nossa relação é bem informal, sinto como se estivesse dando uma ajuda a um amigo.*

Mariana Russo: - *São os mesmos interesses, a mesma idade e isso facilita a amizade.*

Isabella Oliveira: - *Quando eles entram na sala de aula, esquecem a classe social, são como amigos.*

Caroline Carvalho: - *É como um jogo de aprendizagem, em que cada um pode passar informações ao outro, além de ser uma troca de culturas, por serem pessoas de realidades diferentes.*

Nina de Carvalho: - *Sim, mas existe um choque de culturas.*

Beatriz Tonucci: - *A primeira vez que eu vi o pessoal do projeto chegando, eu achei muito estranho... Eu vi dois mundos muito diferentes e pensei, eles não são daqui...*

Lucas Feliciano: - *É tudo muito diferente mesmo. Já tem essa divisão na arquitetura: aqui é uma escola bilíngue, bem estruturada e muito conceituada. Nós estudamos em escolas públicas. No início eu me senti intimidado pelo ambiente diferente, mas depois senti o respeito dos funcionários com os alunos e educandos...*

Luis Octávio Pellegrine: - *No primeiro dia eu também fiquei muito nervoso, com medo de não ser aceito pelos colegas e educandos. Mas agora fiquei mais tranquilo, tenho vários amigos no projeto.*

Isabella Oliveira: - *Antes era muito estranho perceber os contrastes... Mas é isso que torna o projeto mais interessante e também por oferecer oportunidades.*

Lucas Feliciano: - *É, eu fiquei perplexo com o contraste, mas também senti um...êxtase por desfrutar dessa oportunidade. Quando a diretora do Leonor³¹ convidou a gente para participar do projeto, o que mais despertou o interesse é ser feito por jovens voluntários que querem dar aulas, não são obrigados.*

Isabella Oliveira: - *E a gente admira o engajamento de vocês, pela vontade de ter aulas, sem serem obrigados.*

³¹ Escola Municipal de Ensino Fundamental - Leonor Mendes de Barros, instituição de ensino pública localizada na mesma rua da Escola Internacional de Alphaville.

Lucas Feliciano: - *O 'Janelas' contribui para a auto-estima dos educandos, pelo aprendizado de novas línguas e pela solidariedade dos alunos. Esse contraste que poderia intimidar, eu considero uma grande universidade.*

A conversação cívica em destaque (cuja transcrição integral encontra-se no anexo 1), evidencia os contrastes socioeconômicos e culturais que se apresentam no projeto de voluntariado educativo 'Janelas para o Futuro', assim como a importância da comunicação para aproximar jovens de realidades tão distintas.

A proposta inicial foi a de promover um encontro no qual os jovens dos condomínios e das periferias pudessem falar abertamente sobre suas impressões e sentimentos em relação aos contrastes socioeconômicos que caracterizam o projeto de voluntariado educativo da Escola Internacional de Alphaville, e como se dá a comunicação entre esses mundos tão distantes socialmente, embora tão próximos geograficamente.

A ideia original amadureceu e se viabilizou no formato de uma "conversação cívica", programada para o dia 11 de fevereiro de 2010, para que fosse conciliável com o cronograma da pesquisa. Segundo a autora Heloiza Matos, conversação cívica é uma "comunicação interpessoal cotidiana voltada para o alcance do entendimento". (MATOS, 2009: 86)

A conversação cívica em análise faz ressoar a semântica do confronto entre o "nós" e o "eles". A arquitetura da desigualdade começa com os pronomes demonstrativos "aqui" e "lá", passa pelas salas de aula das escolas públicas e privadas, até encontrar proteção nas grades dos condomínios de Alphaville ou nos becos intransitáveis das vilas. O choque arquitetônico é a mais visível tradução do "choque de culturas" denunciado por Nina de Carvalho, 16 anos, moradora do bairro do Tamboré, em Santana de Parnaíba.

Se quando entram em sala de aula, os integrantes do 'Janelas para o Futuro' "esquecem a classe social", como disse Isabella Oliveira, 16 anos, moradora de um condomínio em Alphaville, no município de Santana de Parnaíba, terminado o encontro semanal do projeto, os jovens têm destinos muito diversos: "uns" saem a bordo de modernas *pick ups*, outros esperam o ônibus no ponto mais próximo.

Minha Alma³²
As grades do condomínio
São prá trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que tá nessa prisão

Lucas Oliveira, Érico Miotto, Caio Meneghetti, Isabella Oliveira, Beatriz Tonucci, Caroline Carvalho, Luis Octávio Pellegrine, Maria Flávia Gomes e Thomaz Arruda são jovens que vivem sob a proteção dos condomínios – ou prisões, como sugere a letra de “Minha Alma”, do Rappa. Mariana Russo, Matheus Bentivegna e Nina Carvalho moram nos condomínios verticais (edifícios) na mesma área de Alphaville e Tamboré, uma das regiões imobiliárias mais valorizadas do país. Todos esses jovens são estudantes do ensino médio da Escola Internacional de Alphaville, onde alguns dão aulas de idiomas como voluntários no projeto Janelas para o Futuro.

Lucas Feliciano vive em um bairro periférico da cidade de Carapicuíba e estuda numa escola pública do município de Barueri. Ele também é integrante do ‘Janelas para o Futuro’, projeto no qual recebe aulas de inglês e francês, desde 2007. Lucas foi o único educando do ‘Janelas’ que participou da conversação cívica na tarde de 11 de fevereiro (mais informações sobre a ausência dos educandos na conversação cívica no anexo I).

4.1 Conversação cívica: o diálogo que dá acesso às lajes e condomínios

Uma vez que se buscava o “entendimento” de como a comunicação contribui para aproximar jovens de realidades socioeconômicas distintas, a conversação cívica foi o caminho do meio para se compreender o fim desta pesquisa-ação, ou seja: como o voluntariado educativo, ao acionar mecanismos comunicacionais, pode promover o fortalecimento de vínculos de solidariedade e a aquisição de capital social.

No entanto, a viabilização dessa conversação cívica foi sensivelmente prejudicada em virtude do calendário escolar. Embora o período letivo da Escola Internacional de Alphaville tivesse iniciado em 1º de fevereiro, o mesmo não aconteceu com as escolas da rede pública, cujo retorno estava programado para o final de

³² *Minha alma* (A paz que eu quero) é uma composição de Marcelo Yuka para a banda Rappa.

fevereiro. Vale ainda ressaltar que as atividades do projeto ‘Janelas para o Futuro’ costumam acontecer somente na segunda semana de março.

Essa questão temporal – incompatibilidade entre os cronogramas da pesquisa acadêmica, do projeto pesquisado e das escolas da rede pública e privada – acarretou uma questão espacial: a conversação cívica não poderia acontecer no projeto ‘Janelas para o Futuro’ e, em virtude disso, procurou-se adequar a atividade à grade curricular das aulas do ensino médio da Escola Internacional de Alphaville.

Por isso, a conversação cívica sobre desigualdade social, cidadania e sobre como se dá a comunicação no ‘Janelas para o Futuro’ foi planejada para acontecer na aula de atualidades do 2º anos do ensino médio, no dia 11 de fevereiro, no horário das 14h30 às 16h00, em uma classe do ensino médio da Escola Internacional de Alphaville.

Os alunos do 2º ano do ensino médio presentes na data na escola foram convidados a participar da atividade pela professora Elaine Lavezzo - tanto os que não participam diretamente do projeto ‘Janelas para o Futuro’, como os que atuam como voluntários (Lucas Oliveira, Luis Octávio Pellegrini, Mateus Bentivegna, Nina de Carvalho e Thomaz Arruda). A reflexão gerada pela conversação cívica, incentivou dois alunos do 2º ano do ensino médio a ingressarem no projeto de voluntariado educativo após o debate.

Mas, se os números foram extremamente favoráveis aos alunos da Escola Internacional de Alphaville, o mesmo não aconteceu em relação aos educandos do ‘Janelas para o Futuro’. Aliás, as relações dialéticas que se manifestam no projeto já se mostram flagrantes em relação aos jovens que participaram da conversação cívica: vinte alunos da Internacional e um educando.

Apenas o educando Lucas Feliciano, de 17 anos, que cursa o 3º ano do ensino médio na escola técnica ITB – Instituto Tecnológico de Barueri participou da conversação cívica. Lucas Feliciano mora na periferia de Barueri e está no ‘Janelas para o Futuro’ desde 2007, quando era aluno da 8ª série da EMEF Leonor Mendes Barros.

Por seu envolvimento com o ‘Janelas para o Futuro’, Feliciano é considerado um dos líderes do projeto e foi premiado com uma bolsa de estudos no Cursinho da Poli. Ele pretende cursar uma faculdade relacionada à área de meio ambiente. Em 2008, ele

foi o educando mais engajado em uma ação ambiental para a despoluição do rio Tietê desenvolvida pelo ‘Janelas’ em parceria com a Terraguar, uma ONG ambiental da região, na qual ele passou a trabalhar como voluntário.

Outros educandos muito atuantes no projeto também foram convidados para a conversação cívica, por meio de sites de relacionamento como Orkut e MSN, pois a comunicação entre os integrantes do ‘Janelas’ acontece também no espaço virtual.

Com exceção de Feliciano, todos os outros educandos convidados para a conversação cívica disseram não poder participar do encontro sob o argumento de que estavam no “período de férias” ou por “compromissos pessoais”.

Dentre os educandos convidados destacam-se Juan Costa e Bruno Augusto Martinelli (mais informações sobre eles no anexo V), educandos que obtiveram bolsas de estudos nos cursinhos da Poli nos anos de 2009 e 2008, respectivamente. Os educandos Janaína Guimarães e Guilherme Lopes, cujos depoimentos aparecem no anexo V, não foram localizados no período.

É possível que o fato da conversação cívica ter acontecido no ambiente acadêmico da Escola Internacional de Alphaville - ao invés do espaço de encontros do projeto ‘Janelas para o Futuro’-, tenha sido um fator de intimidação para os educandos e justifique o comparecimento de apenas Lucas Feliciano. Se, por um lado, a situação prejudicou o repertório de vozes da conversação cívica, por outro lado Feliciano mais uma vez provou ter voz de liderança e sabedoria para falar sobre a fragilidade da arquitetura socioeconômica que ecoa no projeto.

Para atuar caso houvesse necessidade de uma mediação no debate de ideias, foi convidado o professor Antônio Carlos da Silva, conhecido como “Tony”, na época recém-ingresso na escola, embora com grande experiência de atuação em projetos sociais. O professor Tony tem 48 anos e ministra aulas de geografia e geopolítica. Após a conversação cívica, o professor “Tony” passou a integrar a equipe de professores-colaboradores do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Após ouvir alunos da escola e educandos do projeto, ele verbalizou para o grupo o seu parecer sobre a desigualdade social enfrentada pelos jovens ali presentes. “O que constitui a boa cidadania é o empenho em entender, sem preconceito, outras realidades.

É se preocupar e querer ajudar, não apenas financeiramente, mas contribuir conversando e realizando – com mentes e corações abertos aos mundos e às faces da realidade”, concluiu Tony.

A conversação cívica cotidiana também favorece a descoberta mútua de traços comuns e de diferenças entre os indivíduos. Ela propicia à inclusão de experiências pessoais e emocionais e, por abranger um conjunto de temas, perspectivas e experiências, auxilia os cidadãos a aumentar sua base de informações, unindo fatos e experiências. (MATOS, 2009: 87-88)

A relação dialética que se estabelece quando jovens de diferentes realidades socioeconômicas se encontram envolve conflitos e tensões. Num primeiro momento, os olhares expressam sensações de estranheza e intimidação, que traduzem pensamentos como “eles não são daqui” ou “eu não sou daqui”. Mas nesse *front* socioeconômico em que o Brasil³³ mostra sua cara, a identidade de ser jovem fala mais alto – a juventude, enquanto comunidade, tem linguagem própria e pode se conectar com os mundos mais diversos. E inclusive adversos, dialogando para além das diferenças. É o que o educando Lucas Feliciano considera como uma “grande universidade”.

4.2 A comunicação entre voluntariado educativo e capital social

Nas conversas cotidianas, que alimentam o repertório de histórias do voluntariado educativo, muitos jovens atores sociais protagonizam importantes cenas da cidadania participativa, planetária. Crescem enquanto cidadãos, ativos, sensíveis. Distribuem votos de confiança e solidariedade. É isso que advoga Raphael Ferreira, 19 anos, ex-voluntário do projeto ‘Janelas para o Futuro’, que atualmente cursa a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (a entrevista com ele está disponível no anexo II).

Sem dúvidas, o voluntariado educativo é intrinsecamente relacionado ao exercício da cidadania. Tomando-me como exemplo, a sensibilidade aos problemas sociais e a uma nova realidade possibilitou que eu fosse mais crítico aos problemas de nosso país. E é através da crítica e da prática, no caso através de minha atuação como

³³ Brasil, música de Cazuza que descreve a hipocrisia socioeconômica que caracteriza a sociedade brasileira.

professor, que se exerce efetivamente a cidadania, extrapolando os meios convencionais não menos importantes, por exemplo, o voto.

Segundo a autora Heloiza Matos (2009), a comunicação cotidiana pode promover a aproximação entre cidadãos, “além de criar oportunidades de troca de experiências, de construção de confiança mútua, de descoberta recíproca de pontos em comum ou de discordâncias.”

A meu ver, o termo “cívico” se relaciona com as condições fundamentais necessárias às interações comunicativas que têm por objetivo a compreensão coletiva de uma questão ou um problema de interesse geral, sendo baseadas nas trocas de pontos de vista e na tentativa coletiva de estabelecer um diálogo sustentado pela cooperação e pelo questionamento mútuo. Assim, estou de acordo com Rojas (2000), que também prefere utilizar o termo “conversação cívica” para caracterizar a comunicação interpessoal cotidiana voltada para o alcance do entendimento. (MATOS, 2009: 86)

A principal evidência flagrada na conversação cívica transcrita é a importância da comunicação no projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’. Maria Flávia Gomes, 16 anos, ressalta que “alunos e professores têm a mesma idade e falam a mesma linguagem”. Isabella Oliveira argumenta que a comunicação é facilitada porque “eles têm a mesma faixa etária, a mesma linha de pensamento”. Para comprovar a “relação informal” que Luis Octávio Pellegrine atribui aos integrantes do projeto, Matheus Bentivegna argumenta, com ironia, “que professor tem o MSN do aluno”, demonstrando que as relações de “amizade” em sala de aula são transportadas para o mundo virtual.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman considera que o advento das novas tecnologias tornou as “conexões humanas” mais intensas, mas também está promovendo a sua banalização.

A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. Diferentemente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. ‘Estar conectado’ é menos custoso do que ‘estar engajado’ – mas também consideravelmente menos produtivo em termos de construção e manutenção de vínculos. (BAUMAN, 2004: 82)

Nas salas do Messenger³⁴, os integrantes do ‘Janelas para o Futuro’ se reencontram enquanto “comunidade” - jovens que falam a mesma língua – e encontram no anonimato do ciberespaço, o ambiente propício para esquecer a classe e se dedicar ao social. Mas no próximo encontro real, lá estão os jovens vestidos de “nós” e “eles” com a classe habitual, à procura de um olhar que os aproxime, para além das estranhezas.

Esses depoimentos dos jovens apresentam uma perspectiva filosófica dialética que contrapõe o idealismo igualitário próprio da juventude (Mariana Russo acredita que “os mesmos interesses e a mesma idade” facilitam os laços de amizade e, conseqüentemente, também de igualdade) com materialismo duro da realidade, que mostra como é disforme a arquitetura social, que intimida Lucas Feliciano, causa estranheza a Beatriz Tonucci e propõe o “jogo de aprendizagens” comentado por Caroline Carvalho. É com esse “choque cultural” destacado por Nina Carvalho que todos se dispõem a aprender.

De modo geral, é possível afirmar que a conversação é parte significativa da socialização e integração cultural, contribuindo para a formação de redes de interação, de confiança e de laços de solidariedade – elementos que compõem a base do conceito de capital social. Considerando-se que o capital social conecta os indivíduos uns aos outros, visando estabelecer formas de cooperação entre eles, percebe-se a importância que a conversação cívica pode ter no desenvolvimento desse tipo de capital. (MATOS, 2008: 89)

É por meio da comunicação que as janelas se abrem para dialogar com as possibilidades de convívio, considerando a diversidade socioeconômica e cultural. E é preciso investigar o circuito dinâmico de comunicação que se estabelece entre esses jovens que participam do voluntariado educativo. Por isso, a conversação cívica é um dos trajetos utilizados nesse caminho rumo à construção da cidadania e do capital social.

Portanto, é a exposição das pessoas ao conflito e ao embate de pontos de vista que permite fazer que a conversação se politize e o capital social se amplie. Isso faz da conversação cívica cotidiana uma forma interativa potencialmente eficaz no que diz respeito ao aumento do capital social, pois a existência do conflito exige que os parceiros da interação cooperem para chegar a um entendimento. Exige também que eles respondam uns aos outros e que focalizem o interesse coletivo em detrimento da mera

³⁴ Messenger: ou MSN rede social que conecta usuários que mantém em conversação on-line.

persuasão. Assim, muitos estudos demonstram (Norris, 2000; Portes, 2000) que o capital social associado à conexão entre pessoas que pensam de forma diferente é o responsável pelo desenvolvimento democrático das sociedades contemporâneas. (MATOS: 2009: 91)

Se orientada à cooperação e ao entendimento, a conversação cívica possibilita que os interlocutores coloquem suas opiniões e argumentos individuais, mas, principalmente, auxilia os cidadãos “a trocar, rever e ampliar suas perspectivas” (MATOS, 2009), o que prepara o caminho para o engajamento em processos decisórios formais e normativos. Trata-se também de uma base para o desenvolvimento de habilidades críticas e cognitivas dos cidadãos.

Deve-se salientar que o desenvolvimento dessas habilidades depende tanto de condições socioeconômicas favoráveis (justiça social, distribuição de renda, educação etc.) quanto da presença do conflito e da externalização de discordâncias entre os membros de dada associação (MATOS, 2009).

Segundo a autora Heloiza Matos, a existência de conflito pode aflorar a politização das conversações e a compreensão de um problema comum a todos, mas, para isso, “as relações precisam se desenvolver de acordo com os princípios da reciprocidade, da confiança e da cooperação”. (MATOS, 2009: 100)

Autores como Rojas (2008), Kim e Kim (2008) apostam, então, na capacidade que a conversação cívica tem de gerar efeitos integrativos. Contudo, eles salientam que essa conversação deve ser voltada ao alcance do entendimento, e não ao objetivo estratégico do mero convencimento dos parceiros da interlocução. Isso não significa que a racionalidade estratégica possa ser retirada de nosso contato com os outros. O convencimento do outro faz parte de nossas intenções mais imediatas. A orientação para o entendimento mútuo e a construção do capital social. (MATOS, 2009: 91)

Após a realização da terceira etapa da pesquisa-ação, os jovens que participaram da conversação cívica expressaram seu parecer de que por meio da comunicação, o voluntariado educativo pode promover o respeito às diferenças, a construção de vínculos de confiança, solidariedade e favorecer a aquisição do capital social.

4.3 Os vínculos entre comunicação e capital social

Pesquisas nas áreas de comunicação social e ciências políticas têm mostrado interesse pelo papel que as interações comunicativas e cotidianas desempenham no desenvolvimento de capacidades e habilidades relacionadas com a construção da cidadania e com a participação política. (MATOS) Ao promover o exercício da cidadania, o fortalecimento da solidariedade e a conversação cívica, o voluntariado educativo também contribui para a construção do capital social.

O conceito de capital social está intimamente ligado às redes sociais e de comunicação disponíveis para as interações entre os agentes sociais. Há um vínculo entre o desenvolvimento do capital social que traduz a intensidade da vida na sociedade civil e o desempenho institucional que garante a democracia. O capital social representa um fator de participação política autônoma e apresenta efeitos sobre o capital humano, facilitando as relações sociais de interdependência e de interação por meio das redes sociais. (MATOS, 2009: 101)

A pesquisadora Heloiza Matos destaca que, para Fukuyama, o conceito de capital social parte do reconhecimento da confiança como “virtude” da cultura de diversos países e regiões. A conversação cívica transcrita neste capítulo e que delimitou a etapa final desta pesquisa-ação, demonstra como a comunicação atua nas interações entre os agentes sociais do voluntariado educativo, fortalecendo vínculos de confiança, solidariedade e respeito – ambiente fecundo para o florescimento do capital social.

Acredito que é preciso valorizar as conversações que, cotidianamente, auxiliam os indivíduos a interpretar coletivamente certos problemas, orientando suas trocas para que visem à busca do entendimento e da intercompreensão. Na conversação cívica voltada para o entendimento, os cidadãos podem trocar, rever e ampliar suas perspectivas, o que em geral culmina em julgamentos mais informados e reflexivos (Moy e Gastil, 2006) A conversa cívica cotidiana entre amigos, familiares, vizinhos, conhecidos, colegas de trabalho e mesmo desconhecidos, sobre questões de interesse público, prepara o caminho para seu engajamento em processos decisórios formais e normativos. (Matos, 2009: 87)

Em seu livro *Capital social e comunicação: interfaces e articulações*, Heloiza Matos atribuiu a Pierre Bourdieu a primeira análise sistemática do conceito de capital social surgiu no campo da sociologia, que o definiu como “o conjunto de recursos atuais

e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento” (MATOS, 2009: 2).

A autora também menciona que pesquisas de James Coleman, no campo da educação, situam o capital social nas redes sociais densas e fechadas, que garantem a confiança nas estruturas sociais e permitem a geração de solidariedade.

Tanto Coleman como Bourdieu chamam a atenção para a intangibilidade do capital social se comparado, por exemplo, ao capital econômico e/ou físico associado aos bens financeiros e materiais. Coleman indica que o capital social é produtivo, pois permite atingir certos objetivos que não seriam alcançados sem a sua presença, diferentemente de outras formas de capital. (MATOS, 2009: 37)

Segundo Matos, discussão sobre capital social e vínculos sociais é atribuída a Raquel Recuero, que propõe que “a interação social é uma ação que tem reflexo comunicativo para o indivíduo e seus pares.” (MATOS, 2009: 47) A conversação cívica apresentada neste capítulo transcreve alguns exemplos de como isso acontece no projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’. “A nossa relação é bem informal, sinto como se estivesse dando uma ajuda a um amigo”, relata Luis Octávio Pellegrini, 16 anos, morador de Alphaville, no município de Santana de Parnaíba.

Grande parte dos autores tende a afirmar que são as ações comunicativas as mais propícias ao desenvolvimento do capital social, por exigirem a reciprocidade, o respeito mútuo e a consideração recíproca de pontos de vista em interações concretas.

Quando se aborda o tema do capital social, o norte-americano Robert Putnam³⁵ é sempre lembrado. Matos afirma que, para Putnam, os laços sociais e o engajamento cívico influenciam tanto a vida privada e pública, pois “as redes de interação alargariam a consciência dos membros, permitindo que eles desenvolvessem um “eu” e um “nós””. (MATOS, 2009: 47). “É como um jogo de aprendizagem, em que cada um pode passar informações ao outro, além de ser uma troca de culturas, por serem pessoas de realidades diferentes”, conclui Caroline Carvalho.

Em “Bowling Alone”, artigo publicado em 1995, Putnam aborda o declínio da vida associativa nos Estados Unidos e correlaciona esse fato a uma queda

³⁵ Para Robert Putnam o capital social pode ser descrito como “o conjunto dos ganhos que, produzidos na interação social, podem ser desfrutados por indivíduos e grupos”. (MATOS, 2009: 51)

da participação política em razão de uma série de indicadores. Ele dá ênfase aos efeitos que as normas, os valores cívicos e as redes sociais de cooperação exercem sobre a vida pública, observando um declínio nos níveis de capital social. (MATOS, 2009: 52)

Enquanto Robert Putnam levantava a discussão sobre o declínio do capital social nos Estados Unidos, no final do século XX, na América Latina o discurso era direcionado em sentido oposto. Enaltecia-se justamente como era fértil o campo do voluntariado nos países latino-americanos, onde a colheita de capital social prometia prosperidade na Era do Imaterial. Fruto desse pensamento é o texto de Bernardo Kliksberg, coordenador da Iniciativa Interamericana de Capital Social, Ética e Desenvolvimento do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento.

A América Latina tem um enorme potencial no campo do voluntariado, que pode contribuir muito para lutar contra seus graves problemas sociais. Em um continente no qual, apesar das enormes riquezas potenciais, 60% das crianças estão abaixo da linha da pobreza, há mais de 20% de desemprego juvenil, 18% dos partos são feitos sem assistência médica e a escolaridade é de apenas 5,2 anos, o voluntariado pode ser de grande ajuda. Em uma democracia, as políticas públicas têm a responsabilidade principal de garantir aos cidadãos o acesso à nutrição, saúde, educação e trabalho – direitos básicos que lhes correspondem -, mas a atividade voluntária pode complementá-las e ampliá-las, ajudando a torná-las mais eficazes e transparentes. É o capital social em ação. (Bernardo Kliksberg apud VILLELA, 2005: 18-19)

Em países diversos, sejam eles desenvolvidos ou não, o capital social gera uma motivação cívica que possibilita protagonismos de vários atores da sociedade; dentre eles, a população jovem.

4.4 Voluntariado educativo e capital social

Com o objetivo de incentivar a prática de voluntariado educativo como ferramenta formativa e de reconhecer e fortalecer a escola como núcleo de cidadania em sua própria comunidade foi criado o Selo Escola Solidária, que identifica e reconhece bons projetos solidários em escolas de educação básica de todo o país.

Em 2003, o Selo Escola Solidária foi criado numa parceria do Instituto Faça Parte³⁶ com o MEC (Ministério de Educação e Cultura), o CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação), a UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) e a Unesco.

O Selo Escola Solidária é o símbolo de um processo de reconhecimento para as escolas que envolvem seus alunos em ações sociais e educativas, sem caráter classificatório. Na quarta edição (2009), 3.863 escolas públicas e particulares de todos os Estados brasileiros foram reconhecidas.

Na verdade, tem havido um movimento internacional de valorização do voluntariado, cujas atividades têm sido apresentadas como importantes para o desenvolvimento dos países. Segundo documentos internacionais, o trabalho voluntário pode funcionar como estratégia de desenvolvimento e erradicação da pobreza, até mesmo pelo fato de oferecer alternativa de ocupação do tempo livre em vista de um mercado de trabalho em que são grandes as dificuldades de inserção formal, motivo pelo qual deve ser estimulado entre a juventude. (SOUZA, 2008: 93)

Outra forma de reconhecimento do voluntariado educativo é o Prêmio Escola Voluntária, promovido pela Rádio Bandeirantes e pelo Instituto Itaú Social. A premiação tem como objetivo divulgar e incentivar instituições de ensino responsáveis por projetos sociais que incentivam o trabalho voluntário entre seus alunos. O Prêmio já teve nove edições e abrange os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Distrito Federal. As 10 escolas finalistas têm os seus projetos sociais transmitidos a todo país por meio de uma reportagem de rádio.

Grosso modo, a expressão “capital social” refere-se às relações entre os diversos “atores” da “sociedade civil” tomadas como recurso ou meio para a consecução de seus objetivos. As principais fontes de capital social seriam as associações (comunitárias, culturais, clubes de esporte) e organizações do terceiro setor. (UNESCO, 2005, p.42; ABRAMOVAY et al., 2002, p. 63-66)

³⁶ Instituto Faça Parte: organização da sociedade civil com o objetivo de promover a cultura do voluntariado, criado em 2001.

Valores como solidariedade, lealdade e confiança estão na base do capital social (MATOS), assim como também alicerçam o voluntariado educativo. Em seu artigo intitulado “O voluntariado como prática pedagógica”, a pesquisadora brasileira Adair Aparecida Sberga destaca a relação entre voluntariado educativo e capital social.

Não se nasce voluntário, mas se aprende a sê-lo na medida em que ele interioriza valores e se enriquece de experiências e de relações humanas que ajudam a enxergar a realidade alheia a partir da visão do outro. Essa vivência aumenta a disponibilidade de bens relacionais ou do chamado “capital social”, que segundo Renato Frisanco, não é menos útil para a sociedade que o capital econômico. (Sberga, 2004: 88)

O educador Paulo Freire dizia que se aprendemos a ser cidadão, portanto, cidadania se ensina. Inspirada no ensinamento de Freire, a educadora Aparecida Sberga diz que se aprende a ser voluntário. Já Morin nos ensina que a afetividade é a grande lição que devemos aprender e compartilhar na Era do Conhecimento.

No mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas também pode fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit da emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais. (MORIN, 2002: 21)

Ao se investigar o projeto ‘Janelas para o Futuro’, pretendeu-se mostrar como funciona a dinâmica de aprendizagem do voluntariado educativo, a partir da interação comunicativa, resultando na construção de um cidadão mais participativo, afetivo, solidário, compreensivo e rico em capital social.

As histórias do voluntariado educativo são muitas e merecem o (re)conhecimento de todos os mundos: científico, educacional e periférico. É nesse confronto de ideias e realidades socioeconômicas que o jovem cidadão fortalece vínculos de confiança e respeito, e investe sua cidadania na construção de capital social.

5. CONCLUSÃO

Este estudo procurou apresentar as vozes dos protagonistas do voluntariado educativo em sua performance cotidiana em prol da solidariedade e da cidadania ativa. Suas falas compõem o discurso argumentativo desta pesquisa-ação que se respalda, teoricamente, em autores contemporâneos que refletem sobre temas, ligados ao capital social, cidadania e as comunidades que trafegam nos limites da geografia redesenhada por novos contornos de tempo e espaço.

É de valor incalculável poder abordar temas como solidariedade e afetividade em um trabalho acadêmico. Poder falar sobre juventude, para juventude e com a contribuição de vozes juvenis. É o poder das relações comunicacionais que torna tão precioso o valor das entrelinhas que narra o discurso afetivo, que aproxima jovens de realidades socioeconômicas tão distantes.

O descompasso que se descortina entre ricos e pobres, condomínios e lajes, comunidade local versus global, induz-nos a pensar que o estudo de caso do projeto ‘Janelas para o Futuro’ traduz o sonho de se criar novas formas de convivência no presente. Realizar mais um sonho que, até um passado recente, parecia impossível no Brasil. Há algumas décadas atrás, jovens de diferentes realidades socioeconômicas não falavam a mesma língua. E o domínio dos idiomas estrangeiros era exclusividade das elites.

Esta pesquisa-ação, por meio da voz de seus próprios interlocutores, procurou comprovar que a comunicação é uma via de acesso privilegiada à condução para a cidadania. E que são muitos os caminhos que se abrem para o voluntariado educativo, fonte inesgotável de solidariedade e de capital social. O voluntariado semeado na escola cultiva cidadãos maduros para enfrentar, com ternura, as incertezas da Era do Conhecimento.

Se, como dizia Paulo Freire, cidadania se aprende, a escola é um campo fértil para a semeadura da solidariedade: iniciando-se no voluntariado educativo, que semeia a terra da comunidade, navegando-se pelo ambiente colaborativo do ciberespaço, até florescer na Terra inteira, germinando a tão sonhada cidadania planetária. Se a criação teve início com a palavra, no voluntariado educativo a comunicação é o fim e o meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Perseu. Pesquisa em ciências sociais: In: SEDI, Hirano (org.). **Pesquisa social: projeto e planejamento**. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.
- BAQUERO, Marcello e CREMONESE, Dijalma. **Capital Social: teoria e prática**. Porto Alegre: Editora Unijuí, 2006.
- BAQUERO, Marcello. **Democracia, juventude e capital social no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BARROS, Laan Mendes de. O objetivo de se fazer pesquisa e o objeto da pesquisa que se faz. In: **Revista Comunicare** – Ano 1 nº 1, São Paulo: Cásper Líbero, 2001.
- BARROS, Laan Mendes de. Para que pesquisar? Comunicação: uma ciência social aplicada. In: **Epistemologia da Comunicação**, São Paulo: Loyola, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zajar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRANDÃO, Carlos R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa Participante**. São Paulo. Brasiliense, 1986.
- CAILLE, Alain; GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva**. Lisboa: Instituto Piaget, 1977.
- CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CASTELLS, M. **O poder da identidade. A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CLINTON, Bill. **Doar**: como cada um de nós pode mudar o mundo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

CORULLÓN, Mónica. **Trabalho Voluntário**. São Paulo: Conselho da Comunidade Solidária, 1996.

DISKIN, Lia. **Paz, como se faz?** : semeando cultura de paz nas escolas. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1989

FIGUEIREDO, Ney. **Diálogos com o poder**. São Paulo: Editora de Cultura, 2004.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez editora, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo juvenil na sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

GORZ, André. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2000.
- KUNSCH, Margarida K. e Kunsch, Waldemar. **Relações Públicas comunitárias**. São Paulo: Editora Summus, 2007.
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A melhor TV do mundo, o modelo britânico de televisão**. Summus Editorial. São Paulo. 1997.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MATOS, Heloiza. **Capital social e comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Sumus Editorial, 2009.
- MATOS, Heloiza. **Persuasão e denúncia: a trajetória do debate da privatização no Brasil**. em Trabalho apresentado no GT de Comunicação Política do COMPOLITICA, Salvador novembro de 2006.
- MÉNDEZ RAMÍREZ, José Juan. (2006), **Organizaciones sociales, actores que incentivan la formación de capital social**. Quivera, numer 002, México, p. 276-296.
- MILANI, Carlos. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORI, Kátia Gonçalves. VAZ, Marcelo. **Voluntariado Educativo – uma tecnologia social**. Coordenação do Instituto Faça Parte, São Paulo.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação no futuro**. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

- PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PERUZZO, C.M.K. Comunidades em tempo de redes. In: **Comunicação e movimentos populares: quais redes?** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002, p. 275-298.
- PERUZZO, C.M.K. In: **Líbero: revista acadêmica/ Programa de Pós-graduação**, Faculdade Cásper Líbero. – v. 12, n. 24 (dezembro 2009). – São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2009.
- PINSKY, Jaime; PISNKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.
- RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica para alunos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Edições Loyolla, 2005.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- RIFKLIN, Jeremy. **A era do acesso: transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia**. São Paulo: Makron Books Ltda, 2001.
- SBERGA, Adair Aparecida. **Voluntariado jovem: construção da identidade e educação sociopolítica**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.
- SBERGA, Aparecida Adair. O voluntariado como prática pedagógica. Brasília: Editora Salesiana, **Revista de Educação**, Ano 33, número 131, abril/ junho 2004
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: Paulus, 2008.
- TACHIZAWA, Takeshy; MENDES, Gildásio. **Como fazer monografia na prática**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

TORO, José Bernardo e WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social**: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

VELLOSO, João Paulo dos Reis; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. (Coord.) **Um modelo para a educação no século XXI**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

VILLELA, Milú. **Realizando juntos – coletânea de textos**. São Paulo: Instituto Brasil Voluntário, ano 2005.

Sites:

Disponível em: <www.cenpec.org.br> Acesso em: 15 nov. 2009.

Disponível em: <www.cidade.usp.br/projetos/dicionario> Acesso em: 02/02/2010

Disponível em: <www.idis.com.br> Acesso em: 15 nov. 2009.

Disponível em: <www.meusgastos.com.br/blog> Acesso em: 02/02/2010

Disponível em: <www.nationmaster.com/graph/eco_gin_ind-economy-gini-index>
Acesso em: 02/02/2010

Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/> Acesso em: 02/02/2010

Disponível em: <www.pnud.org.br/unv> Acesso em: 28/01/2010

Disponível em: <www.transparencia.al.gov.br/ruthcardoso/> Acesso em: 28/12/2009

Disponível em: <www.voluntariado.org.br> Acesso em: 28/01/2010

ANEXO I - CONVERSAÇÃO CÍVICA

Esta pesquisa-ação utiliza três amostras qualitativas, frutos de uma investigação ocorrida no período de junho de 2009 a fevereiro de 2010. São elas: as entrevistas com 9 voluntários do projeto ‘Janelas para o Futuro’ (vide anexo II), os relatórios com indicadores socioeconômicos aplicados junto aos educandos (leia o anexo V) e a realização de uma conversa o cívica, que será mais aprofundada neste anexo.

Em 15 de dezembro de 2009, os professores Dr. Renato Seixas da Universidade de São Paulo e Dra.  ngela Marques que participaram da banca de qualifica o desta pesquisa, propuseram a realiza o de um encontro entre os voluntários (“alunos-professores”) e os educandos do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

A proposta era a de promover um encontro no qual os jovens dos condomínios e das periferias pudessem falar abertamente sobre suas impressões e sentimentos em rela o aos contrastes socioeconômicos que caracterizam o projeto de voluntariado educativo da Escola Internacional de Alphaville, e como se d  a comunica o entre esses mundos tão distantes socialmente, embora tão próximos geograficamente.

A ideia original amadureceu e se viabilizou no formato de uma “conversa o cívica”, programada para a primeira quinzena de fevereiro, de acordo com o cronograma da pesquisa. Segundo a autora Heloiza Matos, conversa o cívica   uma “comunica o interpessoal cotidiana voltada para o alcance do entendimento”. (MATOS, 2009: 86)

Uma vez que se buscava o “entendimento” de como a comunica o contribui para aproximar jovens de realidades socioeconômicas distintas, a conversa o cívica foi o caminho do meio para se compreender o fim desta pesquisa-a o, ou seja: como o voluntariado educativo, ao acionar mecanismos comunicacionais, pode promover o fortalecimento de vínculos de solidariedade e a aquisi o de capital social.

No entanto, a viabiliza o dessa conversa o cívica foi sensivelmente prejudicada em virtude do calendário escolar. Embora o período letivo da Escola

Internacional de Alphaville tivesse iniciado em 1º de fevereiro, o mesmo não aconteceu com as escolas da rede pública, cujo retorno estava programado para o final de fevereiro. Vale ainda ressaltar que as atividades do projeto ‘Janelas para o Futuro’ costumam acontecer somente na segunda semana de março.

Essa questão temporal – incompatibilidade entre os cronogramas da pesquisa acadêmica, do projeto pesquisado e das escolas da rede pública e privada – acarretou uma questão espacial: a conversação cívica não poderia acontecer no projeto ‘Janelas para o Futuro’ e, em virtude disso, procurou-se adequar a atividade à grade curricular das aulas do ensino médio da Escola Internacional de Alphaville.

Por isso, a conversação cívica sobre desigualdade social, cidadania e sobre como se dá a comunicação no ‘Janelas para o Futuro’ foi planejada para acontecer na aula de atualidades do 2º anos do ensino médio, no dia 11 de fevereiro, no horário das 14h30 às 16h00, em uma classe do ensino médio da Escola Internacional de Alphaville.

Os alunos do 2º ano do ensino médio presentes na data na escola foram convidados a participar da atividade pela professora Elaine Lavezzo - tanto os que não participam diretamente do projeto ‘Janelas para o Futuro’, como os que atuam como voluntários (Lucas Oliveira, Luis Octávio Pellegrini, Mateus Bentivegna, Nina de Carvalho e Thomaz Arruda). A reflexão gerada pela conversação cívica, incentivou dois alunos do 2º ano do ensino médio a ingressarem no projeto de voluntariado educativo após o debate.

Mas, se os números foram extremamente favoráveis aos alunos da Escola Internacional de Alphaville, o mesmo não aconteceu em relação aos educandos do ‘Janelas para o Futuro’. Aliás, as relações dialéticas que se manifestam no projeto já se mostram flagrantes em relação aos jovens que participaram da conversação cívica: vinte alunos da Internacional e um educando.

Apenas o educando Lucas Feliciano, de 17 anos, que cursa o 3º ano do ensino médio na escola técnica ITB – Instituto Tecnológico de Barueri participou da conversação cívica. Lucas Feliciano mora na periferia de Barueri e está no ‘Janelas para o Futuro’ desde 2007, quando era aluno da 8ª série da EMEF Leonor Mendes Barros.

Por seu envolvimento com o ‘Janelas para o Futuro’, Feliciano é considerado um dos líderes do projeto e foi premiado com uma bolsa de estudos no Cursinho da Poli. Ele pretende cursar uma faculdade relacionada à área de meio ambiente. Em 2008, ele foi o educando mais engajado em uma ação ambiental para a despoluição do rio Tietê desenvolvida pelo ‘Janelas’ em parceria com a Terraguar, uma ONG ambiental da região, na qual ele passou a trabalhar como voluntário.

Outros educandos muito atuantes no projeto também foram convidados para a conversação cívica, por meio de sites de relacionamento como Orkut e MSN, pois a comunicação entre os integrantes do ‘Janelas’ acontece também no espaço virtual.

Com exceção de Feliciano, todos os outros educandos convidados para a conversação cívica disseram não poder participar do encontro sob o argumento de que estavam no “período de férias” ou por “compromissos pessoais”.

Dentre os educandos convidados destacam-se Juan Costa (mais informações sobre o educando no anexo V), Cecília Cavalcanti (mais informações sobre a educanda no anexo V), além de Anie e Bruno, educandos que obtiveram bolsas de estudos nos cursinhos da Poli nos anos de 2009 e 2008, respectivamente. Os educandos Janaína e Guilherme, cujos depoimentos aparecem no anexo V, não foram localizados no período.

É possível que o fato da conversação cívica ter ocorrido no ambiente acadêmico da Escola Internacional de Alphaville - ao invés do espaço de encontros do projeto ‘Janelas para o Futuro’-, tenha sido um fator de intimidação para os educandos e justifique o comparecimento de apenas Lucas Feliciano. Se, por um lado, a situação prejudicou o repertório de vozes da conversação cívica, por outro lado Feliciano mais uma vez provou ter voz de liderança e sabedoria para falar sobre a fragilidade da arquitetura socioeconômica que ecoa no projeto.

Para atuar caso houvesse necessidade de uma mediação no debate de ideias, foi convidado o professor Antônio Carlos da Silva, conhecido como “Tony”, na época recém-ingresso na escola, embora com grande experiência de atuação em projetos sociais. O professor Tony tem 48 anos e ministra aulas de geografia e geopolítica. Após a conversação cívica, o professor “Tony” passou a integrar a equipe de professores-colaboradores do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Após ouvir alunos da escola e educandos do projeto, ele verbalizou para o grupo o seu parecer sobre a desigualdade social enfrentada pelos jovens ali presentes. “O que constitui a boa cidadania é o empenho em entender, sem preconceito, outras realidades. É se preocupar e querer ajudar, não apenas financeiramente, mas contribuir conversando e realizando – com mentes e corações abertos aos mundos e às faces da realidade”, concluiu Tony.

Relação de jovens que participaram ativamente da conversação cívica:

Beatriz Tonucci, 16 anos, moradora de um residencial em Alphaville, no município de Barueri. No primeiro semestre de 2009, Beatriz participou do ‘Janelas para o Futuro’ como voluntária no curso de *street dance*, que reunia educandos do bairro do Jaguari, na periferia de Santana de Parnaíba. Atualmente, Beatriz não atua como voluntária do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Caio Messina Menegueti, 16 anos, morador de um residencial em Alphaville, no município de Santana de Parnaíba. Caio não participa como voluntário do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Caroline Costa Carvalho, 16 anos, moradora de um residencial em Alphaville, no município de Barueri. Caroline não participa como voluntária do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Érico Miotto, 16 anos, morador de um residencial em Aldeia da Serra, no município de Jandira. Érico não participa como voluntário do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Isabella Oliveira, 16 anos, moradora de um residencial em Alphaville, no município de Santana de Parnaíba. Isabella não participa como voluntária do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Lucas Feliciano, 17 anos, cursa o 3º ano do ITB – Instituto Tecnológico de Barueri e é morador da periferia de Barueri. Lucas participa como educando do projeto ‘Janelas para o Futuro’ desde 2007.

Lucas Oliveira, 16 anos, aluno bolsista e morador de um residencial em Aldeia da Serra, no município de Jandira. Lucas Oliveira participa como voluntário do projeto ‘Janelas para o Futuro’ desde março de 2009.

Luiz Otavio Pellegrini, 16 anos, morador de um residencial em Alphaville, no município de Santana de Parnaíba. Luís participa como voluntário do projeto ‘Janelas para o Futuro’ desde agosto de 2009, quando ingressou na escola vindo de Serra Negra.

Maria Flavia Gomes, 16 anos, moradora de um residencial em Alphaville, no município de Santana de Parnaíba. Maria Flávia não participa como voluntária do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Mariana Russo Mendes, 16 anos, aluna bolsista, mora em um apartamento no centro de Alphaville, no município Barueri. Mariana não participa como voluntária do projeto ‘Janelas para o Futuro’.

Mateus Bentivegna, 16 anos, aluno bolsista, mora em um apartamento no bairro de Tamboré, no município de Santana de Parnaíba. Mateus participa como voluntário do projeto ‘Janelas para o Futuro’ desde março de 2009.

Nathália Rabello, 16 anos, aluna bolsista, moradora da periferia do município de Barueri. Nathália ingressou como voluntária no ‘Janelas para o Futuro’ em março de 2010, após participar da conversação cívica sobre o projeto.

Nina de Carvalho, 16 anos, aluna bolsista, mora em um apartamento no bairro de Tamboré, no município de Santana de Parnaíba. Nina participa como voluntária do projeto ‘Janelas para o Futuro’ desde março de 2009.

Thomaz Arruda, 16 anos, aluno bolsista, mora em um condomínio no bairro de Alphaville, no município de Santana de Parnaíba. Thomaz participa como voluntário do projeto ‘Janelas para o Futuro’ desde março de 2009.

Além dos jovens acima relacionados, outros alunos do 2º ano da Escola Internacional de Alphaville participaram da conversação cívica, mas não se posicionaram por meio de falas e questionamentos. Dentre eles, merece destaque o aluno Ernest Loreto, que resolveu ingressar no projeto ‘Janelas para o Futuro’ após presenciar a conversação cívica .

Transcrição dos recortes da conversação cívica inseridos no capítulo I

Érico Miotto: - Cidadania são os direitos e deveres das pessoas na sociedade.

Thomaz Arruda: - É, começou na Grécia clássica.

Nathália Rabello: Mas para Aristóteles os trabalhadores braçais não eram considerados cidadãos. Nem as mulheres e os estrangeiros tinham direitos.

Lucas Feliciano: Cidadania é o conjunto de regras que rege uma cidade. Teoricamente, hoje todos têm direitos.

Mateus Bentivegna: A Constituição diz isso, mas a realidade não é bem assim...

Mariana Russo: - As condições financeiras regem o poder e os direitos, o que, teoricamente, não deveria acontecer.

Lucas Feliciano: - E isso gera uma discriminação da própria sociedade.

Transcrição dos recortes da conversação cívica inseridos no capítulo II

Isabella Oliveira: - A desigualdade na sociedade gera insatisfação, especialmente entre os jovens, e pode agravar outros problemas.

Érico Miotto: - Na aula de geografia aprendemos que o Brasil é o 12º colocado no Gini, o órgão que mede a distribuição de renda. Isso gera muita desigualdade socioeconômica.

Mateus Bentivegna: - A desigualdade afeta principalmente os menos favorecidos.

Lucas Feliciano: - Apenas 30% dos brasileiros têm curso superior. A maioria dos jovens nem concluiu o ensino médio, o que é um sério problema para a sociedade.

Érico Miotto: - É, os jovens que não possuem a formação esperada são os mais prejudicados.

Caio Meneghetti: - É preciso mais investimento na educação e a sensibilização das pessoas.

Érico Miotto: - Precisa ter luta da sociedade civil, exercício da cidadania ativa. Os jovens de baixa renda precisam insistir em seus direitos, tentar conquistar o que eles merecem...

Isabella Oliveira: - A auto-estima na juventude é um fator importante, que se não for bem estruturado, pode afetar o desempenho dos jovens.

Caio Meneghetti: - É, mas a solução para isso não depende só do governo. Envolve a conscientização das pessoas, responsabilidade e boa vontade, inclusive dos jovens.

Transcrição dos recortes da conversação cívica inseridos no capítulo III

Maria Flávia Gomes: - O diferencial do Janelas para o Futuro é que os alunos e professores têm a mesma idade e falam a mesma linguagem

Isabella Oliveira: - Eles têm a mesma faixa etária, a mesma linha de pensamento e isso facilita a comunicação.

Mateus Bentivegna: - Afinal, que professor tem o suposto “aluno” no MSN?

Lucas Oliveira: - É, eles têm a mesma idade que a gente e isso faz toda a diferença.

Lucas Feliciano: - É incrível, não chega a ser uma relação aluno-professor, é uma relação de amizade. todos aprendem...

Luis Octávio Pellegrini: - A nossa relação é bem informal, sinto como se desse uma ajuda a um amigo.

Mariana Russo: - São os mesmos interesses, a mesma idade e isso facilita a amizade.

Isabella Oliveira: - Quando eles entram na sala de aula, esquecem a classe social, são como amigos.

Caroline Carvalho: - É como um jogo de aprendizagem, em que cada um pode passar informações ao outro, além de ser uma troca de culturas, por serem pessoas de realidades diferentes.

Nina de Carvalho: - Sim, mas existe um choque de culturas.

Beatriz Tonucci:- A primeira vez que eu vi o pessoal do projeto chegando, eu achei muito estranho...Eu vi dois mundos muito diferentes e pensei, eles não são daqui...

Lucas Feliciano: - É tudo muito diferente mesmo. Já tem essa divisão na arquitetura: aqui é uma escola bilíngüe, bem estruturada e muito conceituada. Nós estudamos em escolas públicas. No início eu me senti intimidado pelo ambiente diferente, mas depois senti o respeito dos funcionários com os alunos e educandos...

Luis Octávio Pellegrini: - No primeiro dia eu também fiquei muito nervoso, com medo de não ser aceito pelos colegas e educandos. Mas agora fiquei mais tranquilo, tenho vários amigos no projeto.

Isabella Oliveira: - Antes era muito estranho perceber os contrastes... Mas é isso que torna o projeto mais interessante e também por oferecer oportunidades.

Lucas Feliciano: - É, eu fiquei perplexo com o contraste, mas também senti um...êxtase por desfrutar dessa oportunidade. Quando a diretora do Leonor (*) convidou a gente para participar do projeto, o que mais despertou o interesse é ser feito por jovens voluntários que querem dar aulas, não são obrigados.

Isabella Oliveira: - E a gente admira o engajamento de vocês, pela vontade de ter aulas, sem serem obrigados.

Lucas Feliciano: - O Janelas contribui para a auto-estima dos educandos, pelo aprendizado de novas línguas e pela solidariedade dos alunos. Esse contraste que poderia intimidar, eu considero uma grande universidade.

Terminada a conversação cívica, o voluntário Thomaz Arruda entregou à professora Elaine Lavezzo, pesquisadora e coordenadora do projeto 'Janelas para o Futuro', um bilhete com o texto abaixo.

Ao término desta reunião (no caso, a conversação cívica que ocorreu em 11 de fevereiro de 2010), logo após a saída das escritãs da sala (no caso, as alunas Caroline Carvalho, Isabella Oliveira e Maria Flávia Gomes), o aluno do 2º ano e professor de inglês do 'Janelas', Thomaz Arruda, concluiu que ...

“A ferida da desigualdade social não existe no momento em que ambas as partes tenham consciência de sua existência. E felizmente, este é o caso, no 'Janelas'”.

Thomaz Arruda, 16 anos.

ANEXO II - ENTREVISTA COM OS VOLUNTÁRIOS DO ‘JANELAS PARA O FUTURO’

Segundo uma tradução contemporânea das Nações Unidas, voluntário “é o jovem ou adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social.”

Já um estudo da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança definiu o voluntário como ator social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade, de uma causa ou às suas próprias motivações pessoais.

No anexo 2 encontram-se as entrevistas com os voluntários (“alunos-professores”) do projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’. As entrevistas foram realizadas na primeira quinzena de dezembro de 2009 com 9 voluntários do projeto.

Este anexo também apresenta depoimentos de ex-voluntários do ‘Janelas para o Futuro’, com o intuito de registrar suas impressões sobre o projeto pesquisado e de que forma a experiência com o voluntariado educativo contribuiu para suas escolhas profissionais e para sua visão de mundo.

Todas as perguntas utilizadas nas entrevistas realizadas pessoalmente (no caso dos jovens voluntários) ou por e-mail (no caso dos ex-voluntários) foram formuladas pela pesquisadora e coordenadora do projeto ‘Janelas para o Futuro’, que também é a autora desta dissertação.

ENTREVISTAS COM OS JOVENS VOLUNTÁRIOS

Janelso Rodrigues Sousa, 17 anos, aluno bolsista do 3º ano do ensino médio, morador da periferia de Barueri. Em 2010, Janelso ingressou em 30º lugar na Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo.

- 1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

Primeiro criei coragem de falar em público, perdi a vergonha. Também percebo que hoje sou mais positivo, otimista. Tenho reclamado menos das coisas.

- 2) O que é voluntariado educativo para você?

É um meio de politizar as pessoas e fazer com que elas tenham consciência de onde vivem. Os jovens tomam contato com a realidade e isso os motiva a fazer alguma coisa.

- 3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

Ele mostra que esse é o Brasil onde você vive e dá aquela força que põe as mudanças em curso. Quanto mais envolvido o jovem estiver, mais apto a agir. É uma formação social para o jovem criar em grupo, não é uma formação acadêmica.

- 4) Por que você resolveu ser voluntário no projeto Janelas para o Futuro?

Eu era muito tímido e queria conseguir falar para um grupo de pessoas. Depois continuei porque eu gostava, me sentia bem fazendo aquilo.

- 5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Positivo é a interação e a ajuda na escola; o ingresso no mercado de trabalho. Negativo eu acho que é ensinar inglês, quando tem tantas coisas que eles não sabem...

- 6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Contribui, incentiva. Se o voluntariado é efetivo, sinal de que os jovens estão atuando e se politizando.

- 7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Se não fosse a escola, eu não teria contato com o trabalho voluntário. E se não fosse esta escola, eu estaria do outro lado, pois sou bolsista e também moro na periferia...

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Sim. Ele parte da solidariedade, pois coloca o jovem em contato com as diferenças e com a realidade do país. O contato com apenas uma pessoa, às vezes já sensibiliza. E o que cada um vai fazer com isso, é uma escolha pessoal.

- 9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Uniformizar o material e a didática dos alunos-professores. Ter mais palestras sobre cultura e meio ambiente. Ter mais teatro, que é um instrumento diferente de aprendizagem e interação.

- 10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

A desistência é reflexo da falta de incentivo e de baixa auto-estima. Às vezes eles já chegam cansados da escola, e o Janelas não é prioridade. O projeto ajuda o ingresso dos educandos no mercado de trabalho, mas se entrar na hora errada... O certo seria terminar a escola, mas a realidade nem sempre é essa...Na minha rua, pelo menos, não é. Meu pai, por exemplo, começou seus estudos em Pernambuco e só terminou aos 36 anos.

Gustavo Miranda, 17 anos, aluno do 3º ano do ensino médio, viveu no Peru toda a sua infância. Mora em um prédio de apartamento no centro de Alphaville, em Barueri. Em 2010, faz cursinho pré-vestibular para ingressar na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

- 1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

O projeto me ajudou a ser mais organizado, a trabalhar bem com o tempo de aula e de preparação das aulas.

2) O que é voluntariado educativo para você?

Um trabalho voluntário realizado nas escolas com pessoas da comunidade. Isso é muito bom para quem faz e para quem recebe – é um “ganha-ganha”.

3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

Além de melhorar a organização pessoal e o planejamento, contribui para a solidariedade. Nós vivemos em comunidade e este trabalho ajuda a perceber como isso é importante, como se dá essa integração entre as pessoas. Tira um pouco do materialismo e a gente percebe como certos valores são importantes... Quanto mais cedo começarmos como voluntários, tanto melhor!

4) Por que você resolveu ser voluntário no projeto Janelas para o Futuro?

Entrei para conhecer o projeto porque os alunos mais velhos gostavam. Então preferi fazer algo mais útil na minha única tarde livre.

5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Positivo é ser voluntário, então só faz quem quer; por isso é bem feito. Os alunos são da mesma idade; isso nos integra mais, só que à vezes fica meio bagunça.

6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Bastante, porque as ações são planejadas e feitas por jovens.

7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Na escola ficou mais simples...Mas hoje, se surgisse uma oportunidade eu participaria, porque eu percebi o valor desse trabalho, especialmente depois do 8º Prêmio Escola Voluntária.

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Sim. A criança é naturalmente egoísta e, se não for trabalhada ao longo da vida, isso pode se manter. O voluntariado quebra esse modelo, porque você recebe e doa algo não material. No projeto eu me sentia uma referência, “um professor”, uma pessoa a ser admirada e revi muitas das minhas atitudes.

- 9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Não vejo nenhum problema sério...

- 10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

Os que abandonam o projeto têm questões profissionais e de sobrevivência. Os que ficam se tornam melhor capacitados.

Antonio Rodrigues Romera, 17 anos, aluno espanhol do 2º ano do ensino médio. Em 2010, está fazendo intercâmbio no Canadá e pretende fazer faculdade de engenharia aeronáutica.

- 1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

Eu olhava as pessoas sem recursos de outra forma porque não sabia como era a vida deles. Agora sei do que eles gostam: todos meninos sonham ser jogador de futebol para ganhar dinheiro. Depois de entrar no projeto sou menos preconceituoso do que quando cheguei na escola, vindo da Espanha. Neste Natal até apadrinhamos crianças!

- 2) O que é voluntariado educativo para você?

Educar de graça. Contar sobre a cultura. Falo sobre minha vida na Espanha, sobre corrupção...Não é só ensinar, é educar...

- 3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

Sim, porque sensibiliza os que têm poder aquisitivo. Sensibiliza e tem um outro olhar. Quando você conhece essa realidade, vai tentar ajudar; vai ter outra concepção sobre a vida, investir em educação e não só querer ganhar dinheiro “agora”.

4) Por que você resolveu ser voluntário no projeto Janelas para o Futuro?

Para experimentar, porque um colega me disse para eu dar aula de espanhol. Eu só tinha uma semana de Brasil quando comecei no projeto!

5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Positivo é que é uma sensação rara quando você ajuda. Os alunos valorizam, trazem músicas e cartas para eu traduzir. O negativo é que eu dou duas horas seguidas de aulas em pé – cansa!

6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Sim, porque os jovens são o presente. No projeto você tem que tomar decisões, tem a responsabilidade de dar aula, preparar-se para lidar com os jovens...

7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Acho que não. Existe a comodidade de ser na escola, num lugar onde a gente conhece, não tem que se locomover. Na Espanha tem campanhas de ONGs, não um trabalho na escola.

8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Sim, porque eles querem ter uma vida melhor e por isso estudam. Eu escuto as histórias sobre as escolas deles e sinto compaixão. Saber o esforço que eles fazem para ter aula comigo me sensibiliza muito. Eu hoje os olho de uma forma diferente.

9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Deveria ter mais planejamento dos alunos-professores. O objetivo é aprender e não só ouvir música.

10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

Falta a educação desde pequeno. Entender que com 17 anos é fácil ganhar mil reais, mas e quando chegarem aos 30 anos – vão ganhar os mesmos mil reais? Isso é um problema do país pela falta de educação básica. O Brasil deve investir mais em educação e ter lei de ensino médio obrigatório.

Lucas Oliveira, 15 anos, aluno bolsista do 1º ano do ensino médio, mora em um condomínio em Aldeia da Serra, no município de Jandira.

1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

Estou mais paciente, mais compreensivo. Aprendi a me comunicar melhor.

2) O que é voluntariado educativo para você?

É você fazer uma boa ação sem receber nada em troca. Eu recebo o não convencional, o imaterial.

3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

O voluntariado educativo contribui na liderança e no sentido da responsabilidade. Muda a comunidade.

4) Por que você resolveu ser voluntário no projeto Janelas para o Futuro?

Por curiosidade de saber como era o projeto, o fator de integração social. Poder conhecer várias pessoas diferentes – pela motivação.

5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Positivos: conviver com várias pessoas diferentes – motivação social. Periférico: aprofundar seu conhecimento – você aprende mais quando ensina. Negativo: não poder atender mais pessoas de mais escolas.

6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Sim, é um dos grandes trunfos do projeto. É um dos poucos projetos que vi, que desenvolve liderança.

- 7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Provavelmente não. O trabalho voluntário parece inatingível. Por estar disponível na escola, torna-se mais fácil, mais acessível.

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Sim, mas com ressalvas. A solidariedade vem de casa; mas o trabalho voluntário é um empurrão para vida.

- 9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Está no ponto de equilíbrio – aulas boas, produtivas. Acho que não deve ter nenhuma reestruturação radical.

- 10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

O conhecimento só tem valor quando as pessoas vão à luta. Ou abrir para mais alunos – caso a ser estudado. Os alunos encaram como uma extensão da escola.

Thomaz Arruda, 15 anos, aluno bolsista do 1º ano do ensino médio, morador do residencial 11 de Alphaville, no município de Santana de Parnaíba.

- 1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

Primeiro é a paciência. Aprendi a ser mais ativo socialmente, falar melhor em público e conheci mais pessoas.

- 2) O que é voluntariado educativo para você?

É um trabalho muito bonito: é importante porque você ensina e aprende.

- 3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

É um incentivo. Depois que a pessoa entra em contato com uma oportunidade, eles vão buscar novas formas de ajudar sua comunidade.

- 4) Por que você resolveu ser voluntário no projeto Janelas para o Futuro?

Porque ajuda para formação do caráter e dá uma boa base na área profissional.

- 5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Entrar em contato com pessoas que não encontramos nessa sociedade em que vivemos. É uma relação boa. Negativo é que ensinar um idioma em um ano é pouco.

- 6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Certamente, porque o jovem ingressa na sociedade de uma maneira boa, por meio de seu trabalho na comunidade. O jovem ganha uma voz maior.

- 7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Difícil. Na escola é mais fácil por uma questão de logística. Mas agora que conheço, eu me engajaria em outros projetos, desde que não seja esse negócio de doar roupas.

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Certamente, porque você sai diferente. Você sai daquele mundinho e conhece outras vidas, outros mundos. Quem começa com o voluntariado educativo vai querer sempre mais.

- 9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Mais alunos, mais tempo, mais voluntários.

- 10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

É um problema político do Brasil. Temos que estudar novas opções para esse universo.

Gabriela Tizianel, 17 anos, aluna do 3º ano do ensino médio, moradora do residencial 11 de Alphaville, no município de Santana de Parnaíba. Em 2010, Gabriela faz intercâmbio no Reino Unido e pretende fazer faculdade de medicina.

- 1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

Criei mais percepção das pessoas ao redor e organização para dar aula.

- 2) O que é voluntariado educativo para você?

Acho que todas as escolas deveriam ter essa oportunidade, porque para muitas crianças e jovens a escola é o único universo – dá uma noção de mundo.

- 3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

A pessoa que se voluntária já tem consciência da importância e quer compartilhar isso: dar importância à educação e atuar de um jeito diferente.

- 4) Por que você resolveu ser voluntário no projeto Janelas para o Futuro?

Eu sempre quis ter a oportunidade de fazer um trabalho voluntário e quando meus colegas me falaram sobre o projeto, pensei: por que não?

- 5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Positivo é que o projeto utiliza o idioma, uma ferramenta comum para um escola bilíngüe e compartilha com pessoas que não têm acesso a isso com tanta facilidade. Negativo é que, como são jovens dando aulas, o projeto tem um ritmo próprio para que o diálogo flua com mais naturalidade – mas será que isso é negativo?

- 6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Sim. Você disponibiliza o seu tempo para lidar com uma outra realidade, o que torna você uma pessoa mais humana, mais solidária.

- 7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Não, porque eu dependo muito dos meus pais para me locomover e autorizar minhas saídas. Também nunca tive conhecimento sobre como participar de um projeto social.

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Sim, você disponibiliza o seu tempo para lidar com uma outra realidade, o que o torna uma pessoa mais humana, mais solidária.

- 9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Acho que funciona super bem, porque existe boa vontade de ambos os lados.

- 10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

No Brasil, não se valoriza tanto a educação em função de uma visão imediatista muito enraizada. O abandono acontece tanto no projeto como na educação brasileira. Então esse é um problema brasileiro: dar mais valor ao estudo.

Maria Eduarda Gaidies, 15 anos, aluna do 1º ano do ensino médio, moradora do município de Osasco, na Grande São Paulo.

- 1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

A responsabilidade é a primeira delas. Também passei a ter mais compromisso com as questões da escola, e também de fora da escola. Passei a valorizar mais o que tenho. Eu aprendo muito e me divirto com as histórias dos alunos. É uma troca importante.

- 2) O que é voluntariado educativo para você?

É aprender a ser mais humano com as pessoas, é dar chances a outros jovens. É não só atuar como educador, mas ser um amigo que ensina e aprende.

- 3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

Sim. Muitos jovens não conseguem aprender bem o inglês, um idioma universal. Se você tem um voluntário que também é amigo, tem a sua idade, isso dá mais identificação. O aprendizado é mais fácil, pois a idade aproxima as cabeças.

- 4) Por que você resolveu ser voluntária no projeto Janelas para o Futuro?

Resolvi ser voluntária por dois motivos: porque acho o idioma francês bonito, e por ser uma chance única de compartilhar essa língua diferente e a cultura francesa com outras pessoas.

- 5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Por ser um trabalho voluntário, eu não vejo pontos negativos. Acho bom compartilhar com jovens esta habilidade de falar o idioma francês, que não é considerado uma prioridade, mas pode ser um diferencial no futuro. Acho positivo no projeto a troca de afinidades entre alunos e professores, por serem todos jovens. E essa responsabilidade de ensinar, desde jovem, também é importante porque nos ajuda a amadurecer.

- 6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Sim. Por meio do voluntariado educativo o jovem se destaca na sociedade não só por ser jovem, mas pelo que está fazendo – gerando oportunidades para outras pessoas e dando-se a oportunidade de transformar o mundo.

- 7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Não, por não ter conhecimento de como chegar a esses projetos sociais.

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Sim. Pois a gente vê de perto as necessidades e os sonhos de outros jovens. Isso mostra que todos têm sonhos, e as chances devem ser para todos, basta aproveitá-las.

- 9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Eu acho que tudo corre bem no projeto e a organização é boa.

10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

Existem diversos fatores para esse abandono, como a questão do emprego e o desinteresse. Tanto no projeto como nas escolas, é fundamental o comprometimento dos educandos. Eu acho que é fundamental a gente demonstrar interesse por eles e pelo nosso trabalho, ser pontual. A questão do ingresso ao mercado de trabalho é um problema da nossa sociedade, que exige que o jovem trabalhe para ajudar no sustento da família. Isso é uma bola de neve. E o nosso projeto é justamente para tentar mudar isso.

Mariana Piesco, 18 anos, aluna bolsista do 3º ano do ensino médio, moradora de Jandira. Em 2010, Mariana faz cursinho pré-vestibular para cursar uma faculdade pública ligada à área ambiental.

1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

Eu passei a ter mais paciência com as pessoas, percebi que cada um tem uma história de vida, uma complexidade. Passei a olhá-las com mais carinho. Fazer amizade com pessoas variadas. Passei a respeitar mais os professores, entendi como eles se sentem. Passei a estudar mais inglês, especialmente gramática para dar uma boa aula. Percebi que a sala de aula é um espaço mágico.

2) O que é voluntariado educativo para você?

O voluntariado educativo acontece por meio de ações e de um educador que ensinam cidadania de uma forma dinâmica. Nós praticamos conceitos que estão nos livros, mas que nem os adultos fazem.

3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

O jovem brasileiro está sem idealismo, sem acreditar. O voluntariado educativo mostra um caminho para você mudar o mundo começando por uma ação local, na comunidade.

4) Por que você resolveu ser voluntária no projeto?

Porque minha irmã mais velha e minha mãe participavam dos projetos de inclusão e eu também queria ser “incluída” nisso. No projeto, pela primeira vez na minha vida eu me senti reconhecida pelo que faço.

5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Positivo: ele inclui as pessoas – atende a esse propósito, que é a comunicação social. Eu tenho amigos no projeto. Na escola antes não se tinha contato com outras classes sociais; hoje eles têm mais respeito e menos preconceito. É visível a diferença de quem participa ou não do projeto. Quem participa percebe que pode fazer a diferença no mundo, amplia os horizontes, tem idealismo. O mundo não é só alphaville – existe além dos problemas pessoais.

6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Certamente. Se a pessoa aprende a ser ativa, acredita mais nas pessoas, no país. Ela vai querer ser protagonista desta ação e se tem na escola, os jovens participam desta lição e podem continuar participando mesmo fora da escola.

7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Não. Eu passo o dia inteiro na escola e dependo da minha mãe para transporte e permissão. Eu não saberia como ser voluntário, não teria acesso aos projetos.

8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Com certeza. O voluntariado educativo dá acesso a esta orientação, oferece um ambiente favorável a isso. Na escola é ainda mais importante porque ajuda a formar o jovem por meio da própria vivência; não depende dos pais. Os jovens se envolvem mais afetivamente, tem o coração mais aberto e levam essa experiência para suas vidas.

9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Deveríamos ter mais tempo no projeto, pois a comunicação demanda tempo. Precisa de mais dinâmicas de grupo entre alunos-professores, pois eles compõem um grupo heterogêneo. É importante envolver também outras áreas, como a ambiental.

10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

O abandono escolar não está nas nossas mãos, pois reflete questões pessoais e profissionais. É uma estrutura do país, que não tem como mexer.

Mateus Bentivegna, 16 anos, aluno bolsista do 1º ano do ensino médio, mora em um apartamento no bairro do Tamboré, em Santana de Parnaíba.

1) Quais são as transformações de comportamento que você percebe em sua vida antes e depois de participar do projeto?

Ajuda a melhorar a responsabilidade.

2) O que é voluntariado educativo para você?

É tentar compartilhar conhecimento entre jovens.

3) O voluntariado educativo contribui para a formação de um segmento da população jovem brasileira?

Não sei...

4) Por que você resolveu ser voluntário no projeto Janelas para o Futuro?

Curiosidade. Eu sempre quis fazer alguma coisa com responsabilidade.

5) Quais são os pontos positivos e negativos do projeto Janelas para o Futuro?

Interagir com pessoas da minha idade. Dar aulas criativas e com liberdade. Negativo: mais uma atividade na agenda, embora esta não seja tão ruim.

6) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o protagonismo juvenil?

Sim, isso integra mais os jovens.

- 7) Se não fosse esta experiência de voluntariado educativo, você estaria participando alguma outra forma de trabalho voluntário?

Só se me chamassem, pois provavelmente não saberia.

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para a formação de um jovem mais solidário?

Sim, porque traz mais experiência para as pessoas, mas eu não participo por isso.

- 9) Como aprimorar o projeto de voluntariado educativo Janelas para o Futuro?

Só acrescentar o português.

- 10) Como é possível solucionar a questão do abandono dos educandos no projeto?

É tentar incentiva-los a permanecer, mas isso talvez não resolva, pois muitas vezes eles não têm escolha.

ENTREVISTA COM UM EX-VOLUNTÁRIO

Raphael da Rocha Ferreira, 19 anos, morador da periferia de Barueri, foi aluno bolsista da Escola Internacional de Alphaville da 5ª série ao 3º ano do ensino médio. Atuou como voluntário no ‘Janelas para o Futuro’ nos anos de 2006 a 2007. Embora o estudante não tenha participado diretamente do projeto em 2008, foi nesse ano em que ele concebeu a ideia de incluir aulas de literatura no ‘Janelas’, proposta aplicada no projeto em 2010. Atualmente, Raphael Ferreira cursa a Faculdade de Direito bolsista da 5ª série ao 3º ano do ensino médio na Escola Internacional de Alphaville, onde concluiu seus da Universidade de São Paulo.

- 1) Como foi sua experiência no projeto ‘Janelas para o Futuro’?

Foi uma experiência muito gratificante e esclarecedora. Pela primeira vez, deixei de ser aluno e passei a ser professor. Como estudante do ensino médio, estava familiarizado com as demandas dos alunos por aulas dinâmicas e claras, logo utilizei este

conhecimento de forma a dar aulas mais didáticas. Pessoalmente, aprendi a lidar com mais responsabilidade e seriedade, preparando as aulas com antecedência, pensando em provas e corrigindo-as.

2) Quanto tempo atuou como voluntário no projeto?

Atuei semanalmente, às sextas-feiras, ao longo de dois anos. Participei do projeto 'Janelas para o Futuro' durante os dois primeiros anos do meu ensino médio (ao longo de 2006 e 2007). Durante o terceiro ano, em 2008, não participei em função de minha preparação para o vestibular. No entanto, em retrospecto, lamento por não ter participado.

3) Sua experiência como voluntário no 'Janelas' contribuiu para ampliar sua visão de mundo? Justifique sua resposta.

A possibilidade de atuar ativamente na transformação social decisivamente ampliou minha visão de mundo, até então conformada em pensar, a discutir os problemas sociais. O projeto possibilitou a mim a oportunidade de agir de fato, de ver uma realidade sociocultural diversa.

Mais do que isso, creio que minha visão de mundo ampliou-se pelo contato com outras pessoas, alunos como eu, mas de outro estrato social, outra experiência de vida. Nesse sentido, passei a ser mais sensível em relação aos problemas sociais e mais crítico às causas deles. Passei a me importar mais para com os próximos.

4) Depois de sua experiência no Janelas, atuou como voluntariado em algum outro projeto? Em caso afirmativo, explique em qual projeto.

Neste ano de 2010, planejava trabalhar como voluntário no Departamento Jurídico XI de Agosto, que assiste a população de baixa renda de S. Paulo. No entanto, em razão do pequeno número de vagas e alta concorrência, não participo atualmente de nenhum projeto voluntário.

5) Em sua opinião, qual a contribuição do voluntariado educativo para a formação do jovem?

Tomando como exemplo a minha experiência como voluntário, creio que esta atividade possibilita o desenvolvimento de maior maturidade, maiores comprometimento e responsabilidade ao jovem que a executa. Não só isso, mas também uma maior crítica e sensibilidade quanto aos problemas sociais.

- 6) Qual a contribuição do voluntariado educativo para sua formação educacional e para sua vida?

Quanto à minha formação educacional, o voluntariado educativo possibilitou a mim maior domínio da matéria que eu ensinava (inglês), bem como maior organização pessoal e autonomia. Permitiu, também, que eu aprendesse a lidar com trabalhos em equipe, os outros professores, e que eu desenvolvesse melhor capacidade de falar em público, meus alunos. Além da sensibilidade social que desenvolvi, são essas as contribuições que levarei não só em minha formação acadêmica, mas em minha formação pessoal.

- 7) Qual foi o momento mais marcante vivenciado por você no projeto Janelas para o Futuro e quando isso aconteceu?

Acho que a percepção do desenvolvimento dos alunos na língua inglesa, que evidenciou não só o comprometimento meu e dos outros professores voluntários, mas também o dos alunos, são os momentos mais marcantes vivenciados por mim no projeto. É indescritível a satisfação pessoal que pude experimentar!

- 8) Você acha que o voluntariado educativo contribui para o exercício da cidadania? Por quê?

Sem dúvidas, o voluntariado educativo é intrinsecamente relacionado ao exercício da cidadania. Tomando-me como exemplo, a sensibilidade aos problemas sociais e a uma nova realidade possibilitou que eu fosse mais crítico aos problemas de nosso país. E é através da crítica e da prática, no caso através de minha atuação como professor, que se exerce efetivamente a cidadania, extrapolando os meios convencionais não menos importantes, por exemplo, o voto.

- 9) Você acha que o voluntariado educativo contribui para formação de uma pessoa mais terna e solidária? Por quê?

Acredito que sim, quer seja em decorrência da sensibilidade social à qual me referi, quer seja pela própria interação com outras pessoas, os alunos. O voluntário dedica um pouco de si aos outros, à sociedade. Não entro no mérito de discutir se o altruísmo é pré-requisito para o exercício do voluntariado, mas tenho plena convicção de que há a formação de uma pessoa mais terna e solidária, mais altruísta.

ANEXO III

[Esta é uma parte da monografia sobre o projeto de voluntariado educativo no ‘Janelas para o Futuro’, escrita pela estudante Mariana Piesco e apresentada em outubro de 2009 na Escola Internacional de Alphaville. A idéia de incluir essa parte da monografia é oferecer a contextualização histórica do projeto segundo o parecer de uma voluntária do projeto. Mariana Piesco (vide entrevista com a voluntária no anexo II) atuou como “aluna-professora” no projeto ‘Janelas para o Futuro’ de 2007 a 2009.]

Monografia de Mariana Piesco apresentada na Escola Internacional de Alphaville

Antes do ‘Janelas para o Futuro’, outro projeto de voluntariado educativo chamado ‘Sem Fronteiras’ era realizado na Escola Internacional de Alphaville em parceria com a Fundação Orsa - uma das 10 maiores instituições de terceiro setor do país. O ‘Sem Fronteiras’ tinha como fundamento a idéia de que “somos todos vizinhos”. Esse primeiro projeto influenciou muito o segundo. “Esse é um projeto que promove a integração entre jovens de diferentes classes socioeconômicas, mas que ao mesmo tempo são vizinhos e podem ser amigos”, afirma a professora Elaine Lavezzo, coordenadora do projeto.

Em 2004, os participantes do projeto ‘Sem Fronteiras’ realizaram um programa de rádio com o tema das oito metas do milênio. Os alunos da escola junto com jovens da Fundação Orsa batizaram o programa de rádio bilíngue como "Ondas Verdes". Esse projeto abrangeu temas da cultura afro-brasileira, prevenção à aids e preservação ambiental.

Em agosto do mesmo ano, o *Ondas Verdes* foi apresentado em inglês no Encontro de Educação para a Paz em Gana, para jovens líderes de diversos países do mundo. A versão em português do programa foi utilizada pelo Ministério da Educação de Moçambique e pela Pathfind, ONG que trabalha com a prevenção à aids. No Brasil, o *Ondas Verdes* também teve boa repercursão e foi apresentado no I Encontro Regional do Projeto Época na Educação e em instituições parceiras.

O projeto ‘Janelas para o Futuro’ nasceu em outubro de 2004, quando os alunos Ana Carolina Favano, Ana Paula Favano, Marina Maia, Raphaella Almeida, Fernando Garcia e Guilherme Garcia decidiram dar aulas de inglês para jovens de baixa renda da

região oeste da grande São Paulo. Esses alunos desejavam fazer a diferença, como afirma Ana Paula Favano, 17 anos, “antes nós pensávamos em como poderíamos ajudar mais, já que a desigualdade social é muito grande em nosso país”.

Sob coordenação das professoras Elaine Lavezzo e Elisabete Tscherne, iniciou-se o módulo experimental do projeto ‘Janelas para o Futuro’ com 30 jovens de 14 a 21 anos, na Escola Internacional de Alphaville.

O projeto social ‘Janelas para o Futuro’ nasceu com o objetivo de promover o trabalho voluntário e a integração entre jovens de diferentes realidades socioeconômicas.

No ano seguinte à sua criação, os alunos conseguiram arrecadar mais de 800 livros, entre eles doações das editoras Oxford, a Cambridge e de escolas de idiomas como a Yázigi e a Invest Soluções Educacionais. Esses livros foram doados à biblioteca do Cepac, ONG localizada no bairro do Parque Imperial, em Barueri.

Dois anos depois, em 2006, o projeto já contava com cerca de cem jovens de 12 a 22 anos. Foi ampliado com o apoio de outras instituições, sendo elas: *Projeto Época na Educação da Editora Globo, Secretaria da Educação de Santana de Parnaíba, Prefeitura do Município de Barueri, Rotary Club, CEPAC- Associação para Proteção de Crianças e Adolescentes, Planeta Criança de Santana de Parnaíba, EMEF Leonor de Barueri, Comitê para a Década de Cultura de Paz da Unesco.*

No segundo semestre de 2006, teve início a produção do documentário “Octo”, sobre os 8 objetivos do milênio propostos pela ONU. Nesse documentário alunos-professores e educandos do ‘Janelas para o Futuro’ trabalharam juntos, reafirmando as características da comunicabilidade e autonomia dos jovens. O documentário teve um parecer favorável do Dr. Guilherme Almeida, consultor do PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. “Octo” foi apresentado no evento de confraternização do Janelas 2006, e contou com a presença de educadores das instituições parceiras, como o Projeto Época na Educação, Fundação SOS Mata Atlântica, CEPAC, Planeta Criança, EMEF Leonor e representantes da Prefeitura do Município de Barueri. Depois dessa apresentação o documentário ainda foi apresentado para 80 professores do estado de São Paulo na editora Globo. Com o documentário, os alunos se sentiram ainda mais incentivados a trabalhar como voluntários.

Em 2008, o número de jovens envolvidos saltou para 170, contando com a participação de integrantes do projeto *Pró-Talentos*, promovido pelo Rotary. Antes o que eram apenas aulas de inglês se diversificou para aulas de espanhol, francês, informática e expressão corporal.

Em 2008 o projeto foi selecionado entre os mais de 600 projetos enviados por escolas de Brasília, Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, como um dos 10 finalistas do 8º Prêmio Escola Voluntária, promovido pela Rádio Bandeirantes. O projeto 'Janelas para o Futuro' recebeu uma menção honrosa durante evento que premiou os vencedores do concurso, realizado no Instituto Itaú Cultural, em São Paulo.

No mesmo ano, o Janelas iniciou uma parceria com o cursinho pré-vestibular da Poli, oferecendo bolsas de estudo aos educandos. Também oferece bolsas de estudo na área cultural de São Paulo e cursos de inglês para a turma da TV Digital, que capacita jovens de baixa renda para trabalhar com tecnologias de ponta.

Em 2009, o projeto 'Janelas para o Futuro' ganhou o Selo de Qualidade. O Selo de Qualidade visa identificar e reconhecer as ações e projetos de voluntariado educativo desenvolvidos por escolas de educação básica do país. Trata-se de uma iniciativa do Instituto Faça Parte, em parceria com MEC, CONSED, UNDIME e UNESCO.

Os projetos selecionados são aqueles que mostram força de articulação da escola com o núcleo de cidadania em sua comunidade, melhorando a qualidade da educação que a escola oferece.

ANEXO IV**FICHA DO SELO ESCOLA SOLIDÁRIA**

Este anexo coloca em destaque a ficha de inscrição do ‘Janelas para o Futuro’ na edição de 2009 do Selo Escola Solidária, ano em que o projeto conquistou a certificação que atesta qualidade os trabalhos de voluntariado educativo selecionados em todo o país. O Selo Escola Solidária é fornecido pelo Instituto Faça Parte, pelo Ministério da Educação, pelo CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação, pelo UNDIME – União Nacional dos Dirigentes de Educação e pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

Em 2001, a ONU – Organização das Nações Unidas instituiu o Ano Internacional do Voluntário com adesão de 123 países. A iniciativa visava reconhecer e incentivar o trabalho dos voluntários, aqueles que doam seu tempo e talento para os que necessitam de ajuda. No Brasil foi constituído o Comitê para o Ano Internacional do Voluntário, presidido por Milú Villela e por nomes expressivos de liderança social.

Segundo a ONU, o Brasil foi o país que mais se destacou na área do voluntariado. O sucesso das ações motivou a continuidade do trabalho, com foco especial na juventude. A nova fase veio, em 2002, com o projeto Faça Parte - Jovem Voluntário, Escola Solidária. Um programa que surgiu como resultado das ações iniciadas no ano anterior e que procurava estimular projetos de voluntariado nas escolas.

Segundo o Instituto Faça Parte, o Selo Escola Solidária é um projeto que identifica, reconhece e fortalece escolas brasileiras como núcleos de cidadania em suas próprias comunidades. Criada em 2003, a certificação já reconheceu 16.181 escolas de educação básica, públicas e particulares, em todos os Estados brasileiros. Os objetivos do Selo Escola Solidária são: reconhecer e incentivar a prática do voluntariado educativo como ferramenta formativa; criar uma rede de escolas solidárias e propiciar a troca de experiências entre elas.

Em cada edição, o Selo Escola Solidária apresenta um objetivo específico. Em 2003, o objetivo foi mobilizar as escolas para o cumprimento da gestão democrática,

quando 8.766 escolas receberam a certificação. Em 2005, o objetivo foi mostrar que práticas sociais podem ser projetos de voluntariado educativo. Neste ano, 12.310 receberam o selo. Em 2007, tendo como objetivo a aprendizagem, o Selo Escola Solidária certificou 7.347 escolas que mostraram projetos de voluntariado educativo que articulam teoria e prática.

Por fim, no ano de 2009 a certificação visou a qualidade. O Selo Escola Solidária certificou 3.863 escolas que valorizam projetos de voluntariado educativo como estratégia para melhorar a qualidade da educação, caso do ‘Janelas para o Futuro’, desenvolvido na Escola Internacional de Alphaville desde outubro de 2004. É merecida a valorização às escolas que promovem a construção de uma aliança entre os saberes curriculares e a prática social transformadora junto à sua comunidade.

Criado em 2003, o Selo Escola Solidária acontece a cada dois anos, totalizando quatro edições até hoje, com diversas escolas reconhecidas. O projeto é aberto a todas as escolas de educação básica (da educação infantil ao ensino médio), públicas e particulares. As experiências selecionadas revelam a força da articulação da escola como núcleo de cidadania em sua comunidade, melhorando a qualidade da educação que a escola oferece.

A seguir, os dados sobre o projeto ‘Janelas para o Futuro’ encaminhados ao Instituto Faça Parte em 2009, para a obtenção do Selo Escola Solidária, uma das principais certificações relacionadas ao voluntariado no país.

A ficha de inscrição do Selo Escola Solidária apresenta informações minuciosas sobre o funcionamento do projeto ‘Janelas para o Futuro’, as atividades nele desenvolvidas e as principais dificuldades enfrentadas pelo projeto.

Ao disponibilizar essas informações, acredita-se que a pesquisa esteja promovendo uma visão mais detalhada sobre como se articula o projeto de voluntariado educativo investigado.

FICHA DO SELO ESCOLA SOLIDÁRIA 2009

Nome da escola: Escola Internacional de Alphaville - Código do INEP : 175614)

Endereço: avenida Copacabana, 624 Bairro: Alphaville Cep: 06472-001

Cidade: Barueri (SP)

I) Diagnóstico: Que problema sua escola quis resolver com esse projeto?

A falta de comunicação e de integração entre jovens de uma determinada região motivada pelo problema da desigualdade socioeconômica. A desigualdade de oportunidades a boas condições de estudo, ao ingresso no mercado de trabalho globalizado e ao ensino superior. A falta de acesso ao mundo digital e à cultura.

Hoje, a Sociedade da Informação está pautada em bens imateriais, como o conhecimento e a cultura. Em virtude do abismo socioeconômico que macula o desenvolvimento do Brasil, a catraca visível da desigualdade econômica garante o acesso de alguns ao mundo do imaterial onde reina o conhecimento, mas impede que a maioria tenha acesso à cultura universal – seja por meio de um bom ensino básico ou por meio de informações de qualidade com fontes diversas. Por isso, entendemos que uma das formas de se semear a equidade socioeconômica é no fértil campo da educação por meio do acesso ao conhecimento e à inclusão digital. Um desafio tão gigante não pode ser responsabilidade apenas do governo. Pode e deve ser compartilhado por instituições do primeiro, segundo e terceiro setores, e também as escolas podem abrir suas portas – e janelas! – a esta valiosa semente para que possamos colher cidadãos brasileiros maduros, saudáveis e bem preparados para a gestão da Sociedade do Conhecimento.

II) Descrição: Descreva o projeto em linhas gerais e as principais atividades desenvolvidas.

O Janelas para o Futuro é um projeto de comunicação social que promove a integração de jovens de diferentes realidade socioeconômicas por meio do trabalho voluntário e do protagonismo juvenil. Uma vez por semana, jovens de baixa renda dos municípios de Carapicuíba, Santana de Parnaíba, Barueri e Itapevi vão à Escola Internacional de Alphaville no horário das 13h00 às 16h00, onde participam de

atividades culturais que utilizam diferentes linguagens (informática, dança e ensino de idiomas) organizadas pelos alunos do ensino médio da escola.

No horário das 13h00 às 14h00 a escola fornece o lanche aos 140 educandos e acontecem breves palestras sobre a cultura de diferentes países, como a do professor africano René sobre o conflito étnico em Ruanda, a da refugiada colombiana Leonor sobre as Farc – Forças Revolucionárias da Colômbia, ou a da jovem intercambista Sissi sobre as diferenças culturais entre o Brasil e seu país natal, a Alemanha.

No horário das 14h00 às 15h00, os alunos do ensino médio e da 8ª série da Internacional dão aulas de informática, inglês e espanhol aos educandos. É importante destacar que as aulas são dadas e preparadas por equipes de dois a quatro “alunos-professores”. No horário das 15h00 às 16h00 acontece uma troca de turmas para que os educandos participem de uma outra atividade, que é escolhida por ele mesmo; são formadas novas turmas de inglês, espanhol, além do grupo de *street dance*, do módulo cultural de francês e do projeto “Bookcrossing”. Este projeto visa o cadastramento de livros doados pelos alunos do ensino fundamental da escola num site internacional, que pretende criar a maior “biblioteca viva” do mundo; ou seja: os livros são doados, cadastrados, entregues aos educandos que, depois de os lerem, deixam as obras literárias em locais públicos da periferia para que possam ser encontradas – e se possível lidas! - por novos leitores.

O projeto conta com a parceria de diversas instituições do primeiro, segundo e terceiro setores, como as ONGs Planeta Criança, Cepac, Fundação Orsa, Rotary, Soabem, Projeto Jaguari, Dentistas do Bem, Terraguar, Associação Palas Athena, Sítio Agar, Dentistas do Bem, além de escolas públicas como as EMEFs Leonor de Barros, Colaço, Aldônio, Aberlardo, Cursinho da Poli, Escola São Paulo, Projeto Época na Educação, secretarias dos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba.

III) Descreva como acontece a articulação entre os saberes escolares e as práticas sociais desenvolvidas.

A Escola Internacional de Alphaville se destaca por oferecer uma educação bilíngüe. Conseqüentemente, não só o conteúdo de inglês assimilado pelos “alunos-professores” é passado aos educandos, mas também a metodologia das aulas de inglês da escola é utilizada no Janelas, assim como o material didático, considerado um dos melhores do mundo na área de educação bilíngüe. O mesmo acontece com o conteúdo

de espanhol e com a metodologia. Outra disciplina que caracteriza a escola é Cultura Internacional que, a cada ano, estuda a diversidade cultural de um determinado continente. Em 2007 o continente estudado foi o africano, em 2008 a América e, em 2009, a Europa. Portanto, os conhecimentos passados nas aulas de Cultura Internacional também são disponibilizados no Janelas por meio de palestras dadas pelos próprios alunos ou por professores de diferentes nacionalidades. Outra disciplina que está na grade curricular da escola é o teatro, cujos espetáculos produzidos pelos alunos têm sempre sua pré-estréia no Janelas. Em 2009, as peças em destaque são a famosa “Morte e vida severina” e o Projeto Shakespeare.

Projetos interdisciplinares desenvolvidos na escola também são semeados no Janelas, cultivando o espírito solidário nos alunos do ensino fundamental. Como o “Projeto Solidariedade” desenvolvido pelas disciplinas de Português, Cultura Internacional e Ciências, que promoveu uma campanha de arrecadação de leite para o Sítio Agar, instituição que atende crianças e adolescentes soropositivos e em situação de risco no município de Cajamar, na Grande São Paulo. O projeto conquistou o “Prêmio de Melhor Reportagem” Época na 2008.

IV) Resultados: Quais são os resultados de aprendizagem e sociais alcançados?

O projeto Janelas para o Futuro oportuniza que os alunos da Escola Internacional de Alphaville participem de um trabalho voluntário; possibilita que, no seu cotidiano escolar, estes alunos protagonizem as mudanças socioeconômicas e educacionais que, enquanto jovens, tanto sonham para o desenvolvimento do País; e, ainda, que eles compartilhem seus saberes com jovens que, geograficamente, são seus vizinhos, além de compartilhar de valores que não têm preço, como a solidariedade, a cultura e a equidade social.

Quanto aos educandos, o projeto tem funcionado como uma valiosa “janela de acesso” à Sociedade da Informação, tanto por meio dos cursos de idiomas e de informática, mas também por aprender que o ingresso ao ensino superior e ao mercado de trabalho é um direito de todos. O Janelas tem parceria com o cursinho pré-vestibular da Poli, oferece bolsas de estudos na área da cultural na Escola São Paulo e curso intensivo de inglês para jovens de baixa renda que estão sendo capacitados para trabalhar com TV Digital, como é o caso dos recém-contratados pela Rede TV!. O

simples fato do jovem participar deste projeto na Escola Internacional de Alphaville já lhe dá mais auto-estima numa entrevista para emprego. No entanto, é essencial que ele se sinta confiante tanto para atuar como um bom profissional, como para exercer o seu papel de cidadão digno e bem preparado para dar sua efetiva contribuição à Sociedade do Conhecimento.

ANEXO V - RELATÓRIOS COM INDICADORES SOCIECONÔMICOS

Este anexo dedica-se a ouvir o parecer dos educandos sobre o projeto de voluntariado educativo ‘Janelas para o Futuro’, que acontece semanalmente na Escola Internacional de Alphaville.

Os educandos são selecionados e encaminhados ao projeto por meio de instituições do primeiro e terceiro setor da região oeste da Grande São Paulo. O ‘Janelas para o Futuro’ tem parceria com diversas secretarias municipais ligadas às prefeituras de Barueri e Santana de Parnaíba. O ‘Janelas’ também é parceiro do projeto “TV Digital”, que capacita jovens de baixa renda dos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba para trabalhar com tecnologia de ponta. A primeira turma de jovens capacitados pelo projeto atualmente está muito bem empregada na área de TV digital da Rede TV!

Dentre as instituições do terceiro setor, destacam-se o CEPAC – Associação ..., que participa do ‘Janelas’ desde 2005; a ONG Planeta Criança, que dá atendimento às crianças e adolescentes ligadas à comunidade de recicladores Vila Esperança, localizada no antigo lixão de Santana de Parnaíba; o Projeto Pró-Talentos do Rotary Club de Alphaville, parceiro do ‘Janelas para o Futuro’ desde 2006; Projeto Jaguarí, que envolve jovens ligados a expressões artísticas como o *street dance*, moradores da periferia de Santana de Parnaíba e participando do ‘Janelas’ desde 2008; a Fundação Kolping, ONG alemã que atua muito na periferia do município de Carapicuíba e cujos educandos estão no projeto desde 2008; a Fundação Orsa, que atua em várias regiões do país e foi a principal instituição parceira do projeto “Sem Fronteiras” (vide capítulo 2) e está no ‘Janelas para o Futuro’ desde 2008.

A decisão de se utilizar os formulários fornecidos pelo Fundo Social de Solidariedade de Barueri deve-se ao motivo de que esses relatórios com indicadores socioeconômicos são utilizados na maior parte dos projetos sociais e educacionais do município de Barueri.

Os questionários com indicadores socioeconômicos foram aplicados em junto a 80 educandos do projeto ‘Janelas para o Futuro’, na segunda quinzena de junho de 2009. Os indicadores em destaque nos formulários são os seguintes: desenvolvimento de capacidades físicas e esportivas; desenvolvimento de capacidades afetivas e interativas; desenvolvimento de capacidades artísticas e culturais; desenvolvimento de

capacidades cognitivas; inserção e permanência na escola; aproveitamento escolar; qualidade dos vínculos; permanência do aluno no projeto e satisfação dos alunos no projeto.

Na gradação de 0 a 3 de satisfação, cerca de 90% dos questionários obtiveram o grau máximo de aproveitamento e satisfação nos meses de junho e novembro, quando a pesquisa foi aplicada junto aos educandos. No entanto, como o curso de *street dance* foi desativado em virtude da saída dos “alunos-professores” (que mudaram de cidade e escola), o indicador relacionado ao “desenvolvimento de capacidades físicas e esportivas” sofreu uma sensível queda.

A partir dos resultados dos questionários, a pesquisa-ação gerou a proposta de substituir o curso de *street dance* pelo de teatro, para atender ao desenvolvimento das capacidades físicas e expressivas dos educandos em 2010. A pesquisa-ação motivou também a ideia de um módulo experimental de natação para 2010.

Uma vez que a pesquisa-ação trabalha com *feed back* para o aprimoramento da ação educativa, a partir do resultado negativo em relação às expressões corporais surgiu a proposta de um curso de teatro, implementado em 2010. O curso de teatro também tem uma proposta de relação mais horizontal, na qual “alunos-professores” e “educandos” realizam, conjuntamente, a montagem de “Travessia de Rosas”, um espetáculo inspirado na obra *Grande Sertão Veredas*, de João Guimarães Rosa.

Dos 80 relatórios com indicadores socioeconômicos aplicados junto aos educandos, 13 foram selecionados para a pesquisa, na tentativa de contemplar a diversidade de instituições que participam do ‘Janelas para o Futuro’. Contudo, como os formulários com indicadores socioeconômicos não dispõem de espaço para questões mais subjetivas ou para o relato dos educandos, utilizou-se os campos disponíveis dos questionários para registrar as impressões dos educandos sobre o projeto.

Dentre as informações coletadas, as que se destacam são as referentes ao desenvolvimento das capacidades afetivas, interativas e culturais no projeto. Quanto à satisfação dos educandos no projeto, todos atestaram estar plenamente satisfeitos.

Eles também garantem que os conhecimentos adquiridos no projeto ‘Janelas para o Futuro’ contribuem muito para o aproveitamento escolar e para o aumento do

repertório cultural. “Inglês eu aprendi muito, mas o que realmente acrescentou para minha vida foram as peças de teatro, como *Morte e vida Severina* e *Sonhos de uma Noite de Verão*, que eu vi no projeto. Isso foi o principal para mim”, ressalta a educanda Janaína Guimarães, moradora da Vila Dirce, em Carapicuíba. Janaína ainda relata outras contribuições do projeto para sua vida: “Antes eu só pensava no Brasil, hoje me interesso pelo mundo. Assim como eu era muito individualista e, no ‘Janelas’, aprendi a trabalhar em grupo”.

O educando Guilherme Costa Lopes, morador de um bairro periférico de Santana de Parnaíba, conta que “tornou-se mais aberto” depois de seu ingresso no projeto. “Antes eu não falava em público, agora falo até em inglês”. Ele também destaca o incentivo cultural como um dos principais trunfos do ‘Janelas para o Futuro’. O hobby de Guilherme é tocar violino, instrumento clássico em que ele interpreta de Vivaldi a Tim Maia. Seu sonho de infância era aprender francês, o que ele está realizando hoje no projeto. Agora ele sonha ser engenheiro naval e, assim, navegar mundo afora.

O sonho de Maria Luriane Ferreira, também moradora de periferia de Santana de Parnaíba, é estudar medicina: “quero ser cirurgiã”. Ela atribui ao projeto o fato de agora ter “notas azuis” no boletim e acha que o melhor do ‘Janelas’ é que os “professores explicam mais fácil porque são da mesma idade dos alunos”.

Para Juan Costa, educando que está há três anos no ‘Janelas para o Futuro’, o ponto forte do projeto é a interação entre “alunos e professores” e também o acolhimento: “existe um cuidado muito especial em nos receber”.

Os vários questionários dos educandos e alunos-professores ressaltam que o abismo socioeconômico, que tanto distancia os moradores das lajes e dos condomínios, no espaço comunicacional promovido pelo ‘Janelas para o Futuro’ têm acolhidas suas diversidades e são enriquecidos com valores nobres como capital social e solidariedade.

Em virtude da relevância do parecer dos educandos sobre o ‘Janelas para o Futuro’, três depoimentos de ex-integrantes do projeto foram incluídos neste anexo. É o caso do depoimento do ex-educando e skatista Raphael Mafei Souto, 23 anos, conhecido como “Ferpa”. Em 2005, ele e os melhores skatistas do ranking de Barueri ganharam uma bolsa de estudos no projeto, quando foi introduzido o curso de espanhol que, segundo “Ferpa”, foi essencial para as mudanças ocorridas em sua vida.

O anexo V também acrescenta o relatório escrito em 2008 pelo educando Bruno Augusto Martinelli, 19 anos, um jovem autodidata morador do bairro Colinas da Anhanguera, na periferia de Santana de Parnaíba, que se tornou uma das revelações do projeto ‘Janelas para o Futuro’. Bruno foi um jovens convidados para a conversação cívica, mas argumentou que não poderia participar da atividade pois, naquele período, começava o seu estágio para trabalhar com tecnologia digital na Rede TV!

Outro educando que se destacou no projeto por sua dedicação e comprometimento foi Christopher Mendes da Silva. Ele nasceu em Nova Iorque e, meses antes de completar 10 anos, mudou-se com a família para a Aldeia de Barueri, bairro localizado na periferia do município. Chris foi um dos convidados para a conversação cívica, mas não compareceu porque no início de 2010, ele e a família mais uma vez trocaram de endereço, desta vez para Bauru, no interior do estado de São Paulo.

Depoimento do educando Raphael Mafei Souto, 23 anos, conhecido como “Ferpa”, morador da periferia do município de Barueri, que participou da fase inicial do projeto.

Antes o projeto era com um grupo de quinze skatistas de Barueri. Eu vinha de skate para aula, na diversão, mas pensava: esse curso vai me ajudar a arrumar um bom emprego...

Eu gostava muito do curso de espanhol, pois participava muito das aulas e não tinha vergonha de me comunicar nessa língua. Por isso, tentava me comunicar também pela internet, usava as frases da aula e escrevi nos sites de relacionamento meu perfil em espanhol O curso me incentivou a conhecer a Argentina: vi as fotos do país, o que despertou minha curiosidade.

Em agosto de 2008 fui para a Argentina, para conhecer a Maria, minha mulher. Primeiro fui pra San Martin de Los Andes, cidade da família dela. Então mudamos para Buenos Aires, onde trabalhei na HP, na função de help desk bilíngüe (português e espanhol), dando suporte técnico para a América Latina e lidando com diferentes sotaques. Lá também participei de um vídeo sobre skate, fiz muitas fotos e dei muitas entrevistas.

Quando eu estava na Argentina, só pensava em um dia voltar ao projeto para poder agradecer... Aprender espanhol mudou minha vida. Se não fosse essa experiência, estaria trabalhando na loja de skate até hoje. E com o espanhol, minha vida mudou por completo. Meu sonho agora é fazer faculdade de Letras.

Relatório escrito em 27/10/2008 pelo educando Bruno Augusto Martinelli, 19 anos, morador do bairro Colinas da Anhanguera, localizado na periferia do município de Santana de Parnaíba. Bruno foi a revelação do projeto ‘Janelas para o Futuro’ em 2008.

Minha experiência com o projeto Janelas para o Futuro

Eu tive a oportunidade de participar do projeto quando entrei em um curso de televisão da digital, uma parceria da Rede TV! com as prefeituras de Santana de Parnaíba e Barueri. O curso, que está em sua segunda turma, foi contemplado nesse e no último ano com vagas no projeto para todos os alunos, a pedido da coordenação de Barueri, ato feito com o pensamento no uso do inglês, que será recorrente em nossa vida profissional dentro da televisão, devido ao grande número de termos da língua utilizados nesse meio.

O projeto não foi minha primeira experiência com línguas. Eu estudei inglês de forma autodidata por um período e fiz um ano de curso para aprimorar meus conhecimentos. Mas, com o passar do tempo, fui parando e comecei a perceber que estava perdendo o meu inglês. Entrando no projeto, o “gás” da vontade de estudar línguas voltou, e por ter sido destaque na sala, fui transferido para uma turma mais avançada.

Também comecei a estudar francês no ‘Janelas’, além do estudo em casa em paralelo ao projeto. Mais para frente obtive a oportunidade de ter um professor particular dentro do projeto, o libanês Ozzi, que fugiu com a família da guerra civil em seu país (não lembro o nome dele real, é árabe e difícil de escrever!). A partir daí comecei a treinar conversação em inglês, e melhorei no tempo de resposta; antes havia um retardo entre pensar e falar, natural para quem aprendeu uma língua por estudo e não naturalmente, como nativos.

A experiência no ‘Janelas para o Futuro’ foi e tem sido bem mais do que estudar línguas. Representa a convivência com jovens de várias etnias e culturas. Líbano, França, Espanha, Estados Unidos, a uma hora de casa. Um aspecto que admiro no projeto é a interação que há entre pessoas de classes sociais diferentes e culturas diferentes, transcendendo o simples “estudar inglês”.

No primeiro semestre a escola recebeu uma bolsa para um curso de teatro na Escola São Paulo, centro cultural situado na rua Augusta. Eu pedi para ser incluído na lista dos que queriam, e ganhei. Teatro sempre foi para mim uma grande paixão, e por dois meses tive aulas práticas com a ótima professora Simone Martins, com direito a uma apresentação coletiva no

fim. Mas o meu verdadeiro sonho é entrar numa faculdade para fazer um curso de Letras, sonho esse que parecia muito distante antes de eu receber a notícia da Elaine Lavezzo, coordenadora do projeto, que eu tinha ganhado uma bolsa no Cursinho da Poli, para me preparar para o vestibular da FUVEST. Esse sonho tinha sido dividido com Elaine, que fez o que pôde para conseguir, e conseguiu abrir essa oportunidade, não só para mim como para o projeto todo, porque pelo que parece a Poli estará disponibilizando algumas vagas no cursinho para outros alunos do projeto no ano que vem.

Concluindo, o projeto está sendo muito importante para a minha vida. Agora tenho idéia do que irei fazer ano que vem, coisa que antes não tinha, que é justamente trabalhar com línguas, pois se tudo der certo estarei fazendo Inglês e Português na Universidade de São Paulo.

Meu inglês está bem melhor graças às conversas com o Ozzi, que também já está falando bem melhor o português. Todas as minhas sextas-feiras foram melhores durante esse ano por causa do projeto, pois os professores (voluntários) são também nossos amigos, assim como todo o ambiente da escola que é muito acolhedor e que propicia aquilo que necessitamos para ir em frente, mas também é necessário dedicar-se aqui, do outro lado.

Depoimento do educando Christopher Mendes da Silva, 14 anos, morador do bairro Aldeia de Barueri, revelação do projeto ‘Janelas para o Futuro’ no ano de 2009.

Eu sou americano, nasci em Manhattan, New York, e aprendi a falar o inglês em casa mesmo. Nunca tinha aprendido o português, só aqui no Brasil que fui aprender o português. Quando eu tinha 5 anos, no dia do ataque 11 de setembro, minha mãe passava por lá para ir trabalhar, mas no dia eu pedi para ela não ir porque não estava me sentindo bem, e eu acabei salvando ela.

Quando fui chamado para participar do projeto ‘Janelas para o Futuro’ fiquei muito feliz, ainda mais porque era a Escola Internacional que estava oferecendo, e eu poderia praticar o meu inglês um pouco mais, pois estava esquecendo algumas palavras do meu idioma.

O projeto fez eu me soltar, porque tinha que conversar, e isso me ajudou muito. Também fiz novos amigos, como a Cecília (Cavalcanti), e me fez aprender mais dois idiomas: espanhol e francês. Eu participei do projeto por um ano, e pretendia participar por muito mais até saber que eu ia me mudar para Bauru.

A comunicação no projeto é muito importante, pois você precisa se soltar para poder aprender o idioma, perguntar para o professor sobre a pronúncia da palavra e, principalmente, para fazer amigos. As aulas foram muito legais, conheci a cultura de outros países, como a da Alemanha e da França, mas o mais importante é que aprendi a me comunicar melhor com as pessoas.

O momento mais marcante do projeto para mim foi quando entrei na sala de conversação, e ouvi os professores (voluntários) falando inglês fluentemente. Até então, nunca tinha ouvido uma outra pessoa falando tão bem o inglês, e fiquei maravilhado com aquilo.